



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MIGUEL ANTONIO D' AMORIM JUNIOR

**MAY SANGARA KUMISSA: o encanto e encontro com uma voz da poesia
indígena brasileira e os ecos íntimos do leitor em sala de aula**

Recife

2019

MIGUEL ANTONIO D' AMORIM JUNIOR

**MAY SANGARA KUMISSA: o encanto e o encontro com uma voz da poesia
indígena brasileira e os ecos íntimos do leitor em sala de aula**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Rosiane Maria Soares da Silva.

Recife

2019

Catalogação na fonte
Bibliotecária Nathália Sena, CRB-4/1719

D164m

D' Amorim Júnior, Miguel Antonio

May Sangara Kumissa: o encanto e o encontro com uma voz da poesia indígena brasileira e os ecos íntimos do leitor em sala de aula / Miguel Antonio D' Amorim Júnior. – Recife, 2019.
187f.: il.

Orientadora: Rosiane Maria Soares da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Poesia indígena. 2. Leitura subjetiva. 3. Ecos íntimos. 4. Sujeitos leitores. I. Silva, Rosiane Maria Soares da (Orientadora). II. Título.

809 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-117)

MIGUEL ANTONIO D' AMORIM JUNIOR

**MAY SANGARA KUMISSA: o encanto e o encontro com uma voz da poesia
indígena brasileira e os ecos íntimos do leitor em sala de aula**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 15/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosiane Maria Soares da Silva. (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Lourival Holanda (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Clécio dos Santos Bunzen Junior (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Constantin Xypas (Examinador Externo)
Université Catholique de l' Ouest

A meu pai Miguel Antonio d' Amorim (in memorian). Usou a colher de pedreiro para me dar condições de estudo.

A minha mãe Carlinda (costureira) usou a costura para me vestir de incentivo nos estudos.

A meus irmãos pelos nossos dias juntos nessa travessia chamada vida.

O ontem...

A Cyntia Farias minha amigamada, esposa!

O hoje...

AGRADECIMENTOS

A Deus por me presentear com o dom da vida.

A Cyntia Farias, pela paciência de nesses dois anos se “sentir trocada por uma teoria.”.

A Rayssa e Gabriela pelo silêncio e quietude na hora da escrita...

A professora Rosiane Xypas, pela dedicada e entusiasmada orientação nesse trabalho!

A Marcia Wayna Kambeba, pela gentileza de doar seus poemas, áudios e fotos para que realizássemos este trabalho. Pela atenção em todas as vezes que foi necessário tirar alguma dúvida sobre o seu povo.

Ao povo Omágua Kambeba cujas vozes estão presentes nos poemas indígenas.

Aos colegas do PROFLETRAS pela companhia enriquecedora durante o curso.

Aos estudantes do 9º ano b da Escola Iraci Rodovalho por participarem da pesquisa e juntos redescobriu nossas vidas.

A Escola Iraci Rodovalho, Jaboatão dos Guararapes/PE por permitir que este trabalho fosse realizado em suas dependências.

Aos amigos Marcelo Barros, Egídio Bisol, Alberto Soares, Saulo Batista, Rennam Barros, que emprestaram livros para o aprofundamento da pesquisa.

Aos professores do PROFLETRAS pelo aprendizado nesses dois anos de convivência.

Aos professores: Hélder Pinheiro, Nathalie Rannou, Josivaldo Silva, Constantin Xypas que fizeram apontamentos relevantes para esta pesquisa.

Aos professores: Lourival Holanda, Constantin Xypas, Clécio Bunzen e Catarina Andrade por aceitarem o convite para composição da banca, muito obrigado...

Enfim, aos povos indígenas com os quais venho aprendendo a conviver com o planeta.

SER INDÍGENA – SER OMÁGUA

Sou filha da selva, minha fala é Tupi
Trago em meu peito as dores e alegrias do povo Kambeba
Na alma, a força de reafirmar a nossa identidade
Que há tempo ficou esquecida, diluída na história
Mas hoje, revivo e resgato a chama ancestral de nossa
memória

Sou Kambeba, e existo sim
No toque de todos os tambores, na força de todos os arcos
No sangue derramado que ainda colore essa terra que é nossa
A nossa dança guerreira tem começo, mas não tem fim

Foi a partir de uma gota d'água
Que o sopro da vida gerou o povo Omágua,
E na dança dos tempos, pajés e sacacas
Mantêm a palavra dos espíritos da mata
Refúgio e morada do povo cabeça chata

Que o nosso canto ecoe pelos ares
Como um grito de clamor a TUPÃ
Em ritos sagrados, em templos erguidos
Em todas as manhãs.

(KAMBEBA, 2012)

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa teórica e prática em relação à poesia indígena brasileira contemporânea. O objetivo geral visou, por um lado, o estudo da recepção dos alunos oriunda da leitura da antologia poética intitulada *Ay Kakyri Tama* (ANO) (Eu moro na cidade) escrita por Márcia Wayna Kambeba, e por outro, apresentar esta recepção, qualificada por nós, de ecos íntimos do jovem leitor. Da Obra Poética em estudo, escolhemos trabalhar com um *corpus* composto de sete poemas. A intervenção pedagógica foi realizada em uma sala de aula de nono ano composta por trinta alunos entre treze e quatorze anos da escola Iraci Rodovalho em Jaboatão dos Guararapes/PE- Brasil. Para o registro dos ecos íntimos dos sujeitos-leitores, pedimos aos alunos para escrever, cada um, um diário de leitura e elaboramos atividades escritas sobre tais poemas com intuito de desencadear a emoção e a fruição da leitura dos mesmos. A mediação do ensino da poesia em sala de aula seguiu três etapas: preparação (pré-leitura); Atuação (leitura) e Formação (pós-leitura). As atividades foram elaboradas à luz das teorias da leitura subjetiva que levam em conta o leitor real em sua motivação singular e individual visando explicitar as emoções do sujeito-leitor advindas graças às suas representações de mundo em interação com as da obra lida. Analisamos as emoções sentidas dos alunos escritas em seus diários de leitura em cinco categorias: 1) sobre o texto; 2) estados singulares das realizações textuais por um vocabulário de sentimentos; 3) evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo; 4) a emoção sentida oriunda da leitura dos poemas em estudo; 5) Resposta a si, segundo Xypas (2018). Apoiamo-nos nas teorias da literatura indígena do Brasil com Thiel (2012), Graúna (2013), Kambeba (2013), Dorrico (2018), Risério (1993); na leitura subjetiva com Jouve (2012), Langlade (2012), Rouxel (2012-2018), Rezende (2013) e Xypas (2018); na teoria da poesia com Bosi (2000) e sobre o ensino da poesia na sala de aula com Pinheiro (2011). Enfim, a contribuição deste estudo é oriunda da abordagem da leitura subjetiva para a formação de jovens leitores de poesia capazes de exprimir suas emoções sentidas e de se favorecerem de um conhecimento mais amplo da experiência humana, do outro e de si.

Palavras-chave: Poesia indígena. Leitura subjetiva. Ecos íntimos. Sujeitos-leitores.

RESUME

Ce travail est le résultat d'une recherche théorique et pratique par rapport à la poésie autochtone brésilienne contemporaine. L'objectif général a visé, d'une part, l'étude de la réception des élèves issue de la lecture du recueil poétique intitulé *Ay Kakyri Tama* (J'habite en ville) écrit par Marcia Wayna Kambéba, et d'autre part, de présenter, cette réception nommée par nous, d'échos intimes du jeune lecteur. De l'œuvre poétique en étude, nous avons choisi de travailler sur un *corpus* composé de sept poèmes. L'intervention pédagogique fut réalisée dans une salle de classe de neuvième, composée par trente élèves, entre treize et quatorze ans à l'école Iraci Rodovalho à Jaboatão dos Guararapes/PE -Brasil. Pour enregistrer les échos intimes des sujets-lecteurs, nous avons opté de faire faire aux élèves l'écriture d'un journal de lecture et des activités écrites sur les poèmes étudiés. La médiation de l'enseignement de la poésie en la salle de classe a suivi trois étapes: Préparation (pré-lecture); Actuation (lecture) et Formation (post-lecture). Les activités furent élaborées à la lumière des théories de la lecture subjective qui prennent en considération le lecteur réel dans sa motivation singulière et individuelle en en visant à expliciter les émotions du sujet-lecteur grâce à leurs représentations de monde en interaction avec celles de l'œuvre lue. Nous avons analysé les émotions ressenties des élèves écrites dans leurs journaux de lecture en cinq catégories, à savoir: 1) Sur le texte; 2) États singuliers des réalisations textuelles par un vocabulaire des sentiments; 3) évocation d'autres lectures littéraires/de la vie/du monde; 4) L'émotion ressentie issue de la lecture des poèmes en étude; 5) Réponse à soi-même, selon Xypas (2018). Nous nous sommes appuyés sur les théories de la littérature autochtone au Brésil avec Thiel (2012), Graúna (2013), Kambéba (2013) Dorrico (2018), Risério (1993); pour la lecture subjective sur Jouve (2012), Langlade (2012), Rouxel (2012-18), Rezende (2012) et Xypas (2018); sur la théorie de la poésie avec Bosi (2000) sur l'enseignement de la poésie en salle de classe avec Pinheiro (2011). Enfin, la contribution de cette étude, c'est issue de l'approche de la lecture subjective pour la formation de jeunes lecteurs de poésie capables d'exprimer leurs émotions ressenties et de profiter d'une connaissance plus large de l'expérience humaine, de l'autre et de soi-même.

Mots-clés: Poésie autochtone. Lecture subjective. Échos intimes. Sujets-lecteurs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1— Questão da prova do SAEB.....	45
Figura 2 — PowerPoint apresentado na aula do dia 27/07/2018.	69
Figura 3 — PowerPoint apresentado na aula do dia 27/07/2018.	70
Figura 4 — Capa do livro Ay Kakyri Tama.	71
Figura 5 — Foto dos objetos usados em uma das aulas.	71
Figura 6 — Desenho da leitura Lunna.....	73
Figura 7 — Desenho da leitora Preta Flor.	74
Figura 8 — Desenho da leitora Artêmis.....	75
Figura 9 — Desenho do leitor Jughead	76
Figura 10 — Atividade da leitora Preta Flor	77
Figura 11 — Atividade da leitora Jade.....	78
Figura 12 — Atividade da leitora Milla.	78
Figura 13 — Atividade do leitor Will.	79
Figura 14 — Slide usado na aula com grafismo do povo Kambeba.	82
Figura 15 — Slide usado na aula com explicação do grafismo do povo Kambeba.	82
Figura 16 — Texto da leitora Bella sobre o jogo dramático.	83
Figura 17 — Desenho da leitora Artêmis.....	87
Figura 18 — Desenho da leitora Sophie.....	88
Figura 19 — Desenho do leitor Jughead.	88
Figura 20 — Desenho do Leitor MBB.	89
Figura 21 — Desenho da leitora Bella.	90
Figura 22 — Desenho do Leitor W.	90
Figura 23 — Bandeira do município de Jaboatão dos Guararapes/PE.....	92
Figura 24 — Brasão do município de Jaboatão dos Guararapes/PE.	92
Figura 25 — Atividade da leitora Sophie.....	94
Figura 26 — Página do diário da Leitora A.S Andrews.....	129
Figura 27 — Página do diário da leitora Lunna.	130
Figura 28 — Página do diário da leitora Artêmis.....	130
Figura 29 — Página do diário do leitor Jughead.	131
Figura 30 — Página do diário da leitora Preta Flor.....	131
Figura 31 — Página do diário da leitora Bella.	132

LISTA DE FOTOS

Foto 1 — Cedida por Márcia Wayna Kambeba.	80
Foto 2 — Cedida por Márcia Wayna Kambeba.	80
Foto 3 — Por Márcia Wayna Kambeba.	81
Foto 4 — Registro da leitora Bella.....	91
Foto 5 — Cedida por Márcia Wayna Kambeba..	93
Foto 6 — Aula à sombra do baobá, Engenho Massangana.	97
Foto 7 — Casa Grande do Engenho Massangana.	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Distribuição dos livros Didáticos de Língua Portuguesa 6º ao 9º ano em 2017..	50
Quadro 2 — Coleções classificadas para distribuição.....	50
Quadro 3 — Número de poemas encontrados nas coleções.....	51
Quadro 4 — Nomes fictícios dos leitores informantes.....	63
Quadro 5 — ecos íntimos	102
Quadro 6 — ecos íntimos	103
Quadro 7 — ecos íntimos.....	104
Quadro 8 — ecos íntimos	105
Quadro 9 — ecos íntimos	106
Quadro 10 — ecos íntimos	107
Quadro 11 — ecos íntimos	107
Quadro 12 — ecos íntimos	108
Quadro 13 — ecos íntimos	108
Quadro 14 — ecos íntimos.....	109
Quadro 15 — ecos íntimos	110
Quadro 16 — ecos íntimos	110
Quadro 17 — ecos íntimos.....	111
Quadro 18 — ecos íntimos	112
Quadro 19 — ecos íntimos.....	112
Quadro 20 — ecos íntimos.....	113
Quadro 21 — ecos íntimos.....	114
Quadro 22 — ecos íntimos.....	115
Quadro 23 — ecos íntimos.....	116
Quadro 24 — ecos íntimos.....	116
Quadro 25 — ecos íntimos.....	117
Quadro 26 — ecos íntimos.....	118
Quadro 27 — ecos íntimos.....	119
Quadro 28 — ecos íntimos.....	119
Quadro 29 — ecos íntimos.....	120
Quadro 30 — ecos íntimos.....	120
Quadro 31 — ecos íntimos.....	121
Quadro 32 — ecos íntimos	121

Quadro 33 — ecos íntimos	122
Quadro 34 — ecos íntimos.	124
Quadro 35 — ecos íntimos.	124
Quadro 36 — ecos íntimos.	125
Quadro 37 — ecos íntimos.	126
Quadro 38 — registros dos leitores em Ay Kakyri Tama.	137
Quadro 39 — Registros dos leitores sobre Território Ancestral.	139
Quadro 40 — Registros dos leitores sobre Ritual Indígena.	140
Quadro 41 — Registros dos leitores sobre Minha Pena Vermelha.	142
Quadro 42 — Registros dos leitores sobre árvore da Vida.	142
Quadro 43 — Registros dos leitores sobre Natureza em Chama.	143
Quadro 44 — Registros dos leitores sobre Silêncio Guerreiro.	145

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA: UMA PRESENÇA AUSENTE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	22
2.1	A literatura indígena brasileira: são outros 500 de história	23
2.2	As penas que escrevem poesia: uma voz que ecoa da “floresta” para a sala de aula	32
2.3	Kumyssa iky jenó: a leitura da poesia de Márcia Kambeba	36
3	A LEITURA SUBJETIVA E O ENSINO DE POESIA	44
3.1	A literatura no Ensino Fundamental: Era uma Vez o Felizes para Sempre!	44
3.2	Encontro com a poesia na sala de sala aula	50
3.3	O ressoar do leitor real e a leitura subjetiva	55
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
4.1	Abordagem da pesquisa adotada: quali-quantitativa	61
4.2	Sujeitos e campo de pesquisa	62
4.3	Perfil dos informantes	63
4.4	Procedimentos das atividades	64
4.5	Escolha do Corpus de pesquisa	64
4.6	Etapas das atividades.....	67
4.7	Descrição das atividades.....	68
4.7.1	<i>Preparando o encontro: Aula Magna.....</i>	<i>69</i>
4.7.2	<i>Primeiro encontro: Ay Kakyri Tama (Eu Moro na Cidade).....</i>	<i>70</i>
4.7.3	<i>Segundo encontro: Território Ancestral.....</i>	<i>76</i>
4.7.4	<i>Terceiro encontro: Ritual indígena</i>	<i>84</i>
4.7.5	<i>Quarto encontro: Minha Pena vermelha.....</i>	<i>85</i>
4.7.6	<i>Quinto encontro: Árvore da vida.....</i>	<i>91</i>
4.7.7	<i>Sexto encontro: Natureza em chama</i>	<i>95</i>
4.7.8	<i>Sétimo encontro: Silêncio Guerreiro.....</i>	<i>96</i>
4.7.9	<i>Riscos e benefícios.....</i>	<i>99</i>
5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	100
6	ECOS ÍNTIMOS DOS LEITORES: RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO ...	102
6.1	Ecos íntimos dos leitores em Ay Kakyri Tama	102

6.1.1	<i>Sobre o texto</i>	102
6.1.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos</i>	103
6.1.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo</i>	104
6.1.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos</i>	105
6.1.5	<i>Resposta a si</i>	105
6.2	Ecos íntimos dos leitores em Território Ancestral	107
6.2.1	<i>Sobre o texto</i>	107
6.2.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos</i>	107
6.2.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo</i>	108
6.2.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos</i>	108
6.2.5	<i>Resposta a si</i>	109
6.3	Ecos íntimos dos leitores em Ritual Indígena	110
6.3.1	<i>Sobre o texto</i>	110
6.3.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos</i>	110
6.3.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo</i>	111
6.3.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos</i>	112
6.3.5	<i>Resposta a si</i>	112
6.4	Ecos íntimos dos leitores em Minha Pena vermelha	113
6.4.1	<i>Sobre o texto</i>	113
6.4.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos.</i>	114
6.4.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo</i>	114
6.4.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos</i>	115
6.4.5	<i>Resposta a si.</i>	116
6.5	Ecos íntimos dos leitores em Árvore da vida	116
6.5.1	<i>Sobre o texto.</i>	116
6.5.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos.</i>	117
6.5.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo</i>	118
6.5.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos</i>	119
5.5.5	<i>Resposta a si</i>	119
6.6	Ecos íntimos dos leitores em Natureza em Chama	120
6.6.1	<i>Sobre o texto</i>	120
6.6.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos</i>	120
6.6.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo</i>	121

6.6.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos.....</i>	121
6.6.5	<i>Resposta a si.....</i>	122
6.7	Ecos íntimos dos leitores em Meu Silêncio Guerreiro	124
6.7.1	<i>Sobre o texto</i>	124
6.7.2	<i>Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos</i>	124
6.7.3	<i>Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo.....</i>	125
6.7.4	<i>A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos.....</i>	126
6.7.5	<i>Resposta a si</i>	126
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
	REFERÊNCIAS.....	133
	APÊNDICE A — COMPILAÇÃO DOS REGISTROS DOS LEITORES POR POEMA.....	137
	APÊNDICE B — ATIVIDADES SOBRE OS POEMAS.....	147
	ANEXO A — POEMAS DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA	181

1 INTRODUÇÃO

O título dessa dissertação *May Sangara Kumissa* é uma expressão da língua Omágua-kambeba (de tronco Tupi) que significa a *fala da alma* e se reporta a uma ancestralidade que ecoa vozes de um tempo ancestral revelada nas vozes contemporâneas do povo Kambeba. Uma conversa entre dois mundos – o passado e o presente – que se reflete na poesia de Márcia Wayna Kambeba cujos versos afirmam a identidade e o *Lugar do Saber* do seu povo.

Márcia Vieira da Silva¹, artisticamente chamada de Márcia Wayna Kambeba. Ela é indígena da etnia Omágua/Kambeba, no alto Solimões (AM). Nasceu na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna. A autora usa esse nome, para mostrar dois universos, o não indígena representado pelo nome Márcia e o indígena representado pelo nome Wayna que é seu nome indígena e Kambeba a sua etnia. Além de poetisa, é compositora, fotógrafa e Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Pesquisa sobre seu povo, envolvendo Território e Identidade em um processo de ressignificação da etnia. Escreve poemas indígenas relacionados à vivência, território e identidade do povo indígena Omágua/Kambeba e dos povos indígenas em geral. Márcia percorre todo Brasil e América Latina com seu trabalho autoral, discutindo a importância da cultura dos povos indígenas, em uma luta descolonizadora que chama para um pensar sobre o lugar atual dos povos originários sul-americanos.

Em 2013, escreveu um livro de poemas intitulado *Ay kakyri Tama - Eu moro na cidade*, onde trata de assuntos voltados para os indígenas que vivem na cidade e lutam por respeito e afirmação junto aos que vivem nas aldeias. Em 2018, esse livro ganhou uma nova edição, publicada pela editora Pólen. Ainda no ano de 2018, lançou seu segundo livro de poesias, intitulado: *O LUGAR DO SABER* pela editora Leria. Na 2ª edição do livro *Ay Kakyri Tama*, embora o texto da 4ª capa seja longo, pensamos ser importante citá-lo integralmente:

A cultura indígena se propaga e se mantém, há milênios, pela tradição oral. Narrativas, rituais sagrados, costumes e a própria língua são transmitidos a partir da conversa e da contação de histórias. Se o inevitável contato entre os povos originários e o "branco" colonizador trouxe muitos prejuízos a essas culturas, também promoveu um rico diálogo entre indivíduos. Graças ao acesso à educação

¹ Informações disponíveis em: <https://www.recantodasletras.com.br/autores/marciakambeba/>. Acesso em 16/12/2018.

formal e ao aprendizado da língua portuguesa, hoje a literatura brasileira pode contar com a presença fundamental de autores indígenas para multiplicar ainda mais seu alcance. Márcia Wayna Kambeba é uma dessas vozes, que se firma percorrendo o Brasil com sua poesia e sua música. Em Ay Kakyri Tama [eu moro na cidade, em tupi-kambeba] ela constrói uma ponte entre sua origem indígena e a vida em Belém do Pará, apresentando a história de seu povo e sua luta em poesias e imagens repletas de emoção e verdade. Com uma população conhecida de 50 mil pessoas, entre aldeados e moradores da cidade, o leitor pode conhecer e se encantar pela etnia Omágua/Kambeba pelo olhar acolhedor e combativo de Márcia, uma de suas vozes mais expressivas. (AY KAKYRI TAMA, 2018).

Dentre tantos poemas orais e escritos em língua portuguesa, encontramos com a poesia de Márcia Wayna Kambeba, em 2016 através da internet. A sua poesia nos encanta e convida-nos a refletir sobre a reafirmação da identidade e a humanização do ser.

Uma voz que encanta por apresentar a sabedoria do povo Omagua/Kambeba que resiste à colonização e luta pela conservação da sua cultura originária. A sua poesia é descolonial porque busca ajudar as pessoas a compreenderem a importância de conhecer, reconhecer e respeitar os povos indígenas para que não sejam dizimados em seu território do sagrado, em sua cultura, em sua ciência. Ressaltamos que neste trabalho usamos o termo indígena. Segundo Wilmar R. D'Angelis (2017) indígena significa, em latim “*natural do lugar em que vive*”. Reconhecendo que:

Tendo chegado ao continente americano há 30 ou 40 mil anos, ou ainda mais, os povos ameríndios são sociedades que efetivamente se constituíram aqui, e em milênios construíram nessas terras suas culturas devidamente enraizadas nesse contexto, ao mesmo tempo em que também moldaram as paisagens desses territórios. (D'ANGELIS, Wilmar R. 2017)

Pertence a este contexto acima citado, Márcia Wayna Kambeba representa uma das vozes da poesia indígena brasileira contemporânea. Sua poesia reflete o *lugar do saber do seu povo que* se solidifica no ouvir, que é muito valioso para os povos indígenas dessa etnia. Quando alguém fala, silenciam, para se ouvir bem a *fala da alma* ou a *alma que fala*. Colocando-nos no lugar de escuta deles, silenciamos também, para ouvir uma voz que em poesia nos encontrou e encantou. Envolvidos neste encantamento, sentimos o desejo de apresentar essa voz aos nossos estudantes do ensino fundamental.

A partir do encontro com essa voz, três motivos nos conduziram escolhê-la, bem como viabilizá-la nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental: o primeiro, relacionado a nossa vivência e ao encanto que essa poesia nos causou; o segundo, ao lugar dela na sociedade brasileira e o terceiro, a nossa prática docente.

Primeiramente, a poesia indígena de Márcia convida-nos para uma leitura que reflete a importância da identidade e do lugar do indígena que vive aldeado ou mora na cidade. Na apresentação do livro de poesia *Ay Kakyri Tama* (Eu moro na cidade), lemos o que segue sobre a poetisa Márcia Wayna Kambeba:

Sou indígena Omágua/Kambeba e, para mim, hoje, falar dos povos indígenas é falar da minha própria história. Mas para conhecer melhor sobre os povos indígenas, de modo particular o povo Omágua/Kambeba, e manter uma aproximação, é preciso primeiro começar tratando como de fato são: diferentes étnico, cultural e socialmente, respeitando a diversidade. Chamando-os como se autodenominam, Omágua/Kambeba, Guarani, Tembê, Tikuna etc. Assim, a identidade de cada pessoa estará vinculada à etnia à qual pertence, levando em conta as peculiaridades manifestadas no modo de vida e na territorialidade, o que os torna diferentes dos não indígenas. (KAMBEBA, 2018, p. 8)

Essa relação entre identidade, auto-história, deslocamento, alteridade e territorialidade permeia a poesia da autora como também suscita uma leitura que propõe repensar sobre o nosso ser e estar em um mundo cuja convivência requer respeito às diversidades éticas, culturais, sociais e territoriais.

Em segundo lugar, a literatura indígena brasileira em geral e a poesia em particular, não tem somente o objetivo de entreter, mas de apresentar a vivência, a história, a luta, a existência e a resistência de um povo que vive e escreve em português, mas cuja produção literária ainda é desconhecida na maioria das salas de aula no Brasil.

Em terceiro, há no Brasil a Lei 11.645/2008 que orienta as escolas públicas e privadas neste país, a trabalharem em seus currículos, a cultura afro-brasileira e indígena, sobretudo nas disciplinas de História, Arte e Literatura. Concernente a essa lei, não há formação específica para que os professores cumpram tal orientação. Essa seria uma das razões pelas quais se percebe a ausência dos textos literários indígenas nas aulas de Literatura. Questionamos, por que essa ausência?

Partimos do fato de que há no Brasil uma vasta produção literária protagonizada pelos indígenas que estão ausentes das aulas de língua portuguesa. Atualmente, há um número considerável de autores indígenas que publicam literatura em língua portuguesa, entre eles os mais conhecidos são: Eliane Potiguara (1950), Ailton Krenak (1953-), Daniel Munduruku (1964-), Kaká Werá Jecupé (1964-) Olivio Jekupé (1965-), Yaguarê Yamã (1973-).² A respeito das publicações comerciais da literatura indígena, a maioria delas é escrita em prosa. Em poesia, há um número menor de publicações.

² Informações extraídas do blog: <http://blogdeyaguare.blogspot.com.br/p/lista-de-escritores-indigenas.html>. Acesso em 30/01/2018.

Salientamos que uma vez existindo tal produção brasileira, a escola poderia apresentar ao estudante a leitura desses textos cujas temáticas, talvez, ajudassem os leitores a entenderem, a respeitarem e a aprenderem a forma como os diversos povos indígenas lidam com o mundo e, conseqüentemente, rompendo com os horizontes de expectativas preconcebidos na formação do estudante não indígena, no tocante a ser “índio” e indígena no Brasil. De tal modo, mostrar que os povos indígenas não vivem como em 1500, ou seja, eles estão integrados e são participantes na sociedade contemporânea e estão em interação com as diversas culturas. Mas, nem por isso esquecem de seus valores, sua historicidade, sua cosmologia.

Em relação à poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba, nessa pesquisa escolhemos o livro *Ay Kakyri Tama* = Eu moro na cidade, por se tratar da obra de uma poetisa que se afirma ser indígena e vive na cidade; por sua poesia tratar de temas voltados para indígenas que vivem na zona urbana e lutam por respeito e afirmação junto aos que vivem nas aldeias. A respeito da autora e de sua poesia apresento-lhas no desenvolvimento da pesquisa.

Este trabalho foi composto por dois *corpus*: um de pesquisa e o outro de análise.

O *corpus* de pesquisa foi formado por sete (7) poemas do livro acima citado, por duas razões: a primeira, por se tratar de poesia indígena brasileira objeto de estudo desse trabalho e a segunda por se tratar de uma mulher indígena e poeta. Ora se estamos postulando ouvir a voz silenciada das minorias no Brasil, Márcia representa duas vozes: uma, a da nativa que fora silenciado durante 500 anos; outra, a da mulher, que neste país também fora silenciada pela cultura misógina e patriarcal. Os poemas que fizeram parte desta pesquisa tratam de assuntos voltados para a questão ambiental, envolvendo a geografia, a espiritualidade, a sensualidade, a natureza, a ancestralidade e a forma de viver dos povos indígenas aldeados ou na cidade.

O *corpus* de análise foi formado pelas atividades referentes aos poemas e sete (7) diários de leitura escritos por sete (7) estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Referindo-se a nossa mediação no ensino do texto literário e, particularmente, para ouvir essa voz que ecoa da “floresta”, necessitamos utilizar uma concepção de leitura que pudesse contribuir para o aprofundamento do encontro e apropriação dos poemas escolhidos neste estudo. Dito em outras palavras, leitura esta que proporcionasse ao sujeito leitor uma experiência cuja emoção sentida pudesse ser expressa e fizesse ressoar seus ecos íntimos.

Por essa razão, aderimos à concepção da leitura subjetiva que para Rouxel (2013) é forma pela qual o leitor investe-se no texto, reconfigurando-o de modo a transformá-lo em um

texto do leitor; realizada por um leitor real que, segundo Michel Picard (1989) apud Jouve (2002) é o sujeito que lê de acordo com suas condições físicas, psíquicas, sociais e culturais no contexto em que está inserido.

A partir desse contexto, levantamos as hipóteses de que o trabalho com a poesia indígena contemporânea de Márcia Wayna Kambeba na sala de aula, ancorada pela leitura subjetiva e a mediação do professor poderiam favorecer o jovem leitor para o deslocamento; quer dizer, a mudança de percepção do sentido de “índio” que geralmente é generalizado no tempo e dessa forma, abrir novas perspectivas de práticas humanísticas e culturais e talvez o envolvimento do leitor com essa poesia lhe proporcionasse a descoberta de si e do outro.

Perante tais escolhas, a pergunta norteadora desta pesquisa é: Como a poesia indígena brasileira de Márcia Wayna Kambeba apresentada à luz da leitura subjetiva poderá contribuir para o encanto, o envolvimento e o deslocamento do olhar dos estudantes sobre a cultura dos povos nativos?

Para responder essa indagação, elaboramos os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Investigar a recepção da poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba e os ecos íntimos do jovem leitor.

Objetivo específico

- Contextualizar a poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba dentro da poesia indígena brasileira a leitura subjetiva e o lugar delas no Ensino Fundamental.
- Analisar os ecos íntimos do leitor de 9º ano oriundos da leitura dos poemas.
- Verificar no encontro com a poesia de Marcia Wayna Kambeba se houve deslocamento do olhar dos estudantes sobre a cultura dos povos nativos.

Isso posto, essa pesquisa compreende 5 Sessões, a saber:

A seção 2 intitulada: *A literatura indígena brasileira: a presença ausente nas aulas de língua portuguesa*, apresenta os conceitos de literatura indígena segundo Janice Thiel (2012) e Graça Graúna (2013). Ela está dividida em três tópicos: No primeiro 2.1 *A literatura indígena brasileira: são outros 500 de história*, aborda a contextualização da literatura indígena brasileira, desde o período clássico ao contemporâneo; os movimentos indigenistas que apoiaram os povos indígenas no advento da escrita alfabética e a diferença entre as concepções de literatura indigenista, indianista e indígena. No segundo, 2.2 *Quando as penas escrevem poesia: uma voz que ecoa da “floresta” para a sala de aula*, apresenta o contexto de criação e circulação da poesia indígena contemporânea brasileira, marcado pela obra

Metade cara, Metade Máscara, de Eliane Potiguara (2018). Ainda, reflete os porquês da ausência da literatura indígena, especificamente, a poesia na sala de aula e abrir a essa poética espaço na escola, sobretudo, nas aulas de língua portuguesa. No terceiro 2.3. Kumyssa iky jenó³: a leitura da poesia de Márcia Kambeba⁴ discorre sobre a viabilidade do professor de língua portuguesa trabalhar a poesia indígena de maneira específica, por se tratar de um texto extraocidental. Para Risério (1993) e Thiel (2012) ler a textualidade indígena, neste caso a poesia, merece do leitor e do professor um cuidado, pois segundo os autores, não se pode ler o texto indígena como se lê um texto ocidental, estruturalista e/ou formalista, pois corre-se o risco de desconfigurá-lo.

A seção 3 *A Literatura no ensino fundamental, a leitura subjetiva e o ensino de poesia*, é composta de três tópicos: no item, 3.1. *A literatura no Ensino Fundamental: era uma vez o Felizes para Sempre!* Apresenta o sucesso da leitura do texto literário nos anos iniciais do Ensino Fundamental e reflete as possíveis causas de fracasso do texto literário na sala de aula, nos anos finais. No tópico, 3.2. *Encontro com a poesia na sala de aula*. Discute a presença da poesia na escola, sobretudo a abordagem metodológica usada nas avaliações externas, livros didáticos e leituras objetivas quando se trabalha a poesia. Reflete igualmente sobre possíveis métodos que podem ser colocados na prática docente. O tópico 3.3. *O ressoar do leitor real e a leitura subjetiva* aborda o advento da leitura subjetiva introduzida na França e recentemente no Brasil com suas contribuições para a didática da leitura do texto literário e o foco na voz do sujeito leitor.

Na seção 4: *Procedimentos Metodológicos desta pesquisa-ação*, descrevemos a abordagem da pesquisa adotada: quali-quantitativa; os sujeitos e campo de pesquisa; o perfil dos informantes; os procedimentos de análise e a proposta de intervenção. Na seção 5: *Procedimentos de Análise*, apresentamos as análises e os resultados obtidos.

A seção 6: *Ecos íntimos dos leitores: resultados e interpretação*, apresentamos os registros que os estudantes escreveram nas atividades e nos diários de leitura. Esses registros foram analisados segundo as seguintes categorias: a) sobre o texto, b) Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos, c) Evocação de outras leituras literárias/ da vida/ do mundo, d) A emoção sentida do leitor na vivência da poesia indígena; e) Resposta a si.

Após as análises, apresentamos nas considerações finais os resultados obtidos do trabalho realizado e as perspectivas futuras.

³ A fala que se ouve, informação cedida pela escritora Márcia Wayna Kambeba, via WhatsApp.

2 A LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA: UMA PRESENÇA AUSENTE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

No Brasil ainda é comum ver em novelas e filmes as imagens e a maneira de viver dos povos indígenas relacionadas ao período colonial. Ao iniciar nossa pesquisa sobre a poesia indígena, percebíamos cada vez que conversávamos com colegas professores e estudantes que as mesmas perguntas se repetiam. “Existe literatura indígena? ”, “E índio escreve poesia? ” Essas perguntas instigaram-nos levar para o ambiente escolar toda uma pesquisa, leitura, formação e informação a respeito dessa literatura.

A primeira necessidade que sentimos perante essas indagações, consistiu em apresentar os conceitos da literatura indígena. Para isso apoiamo-nos em duas pesquisadoras brasileiras: Janice Thiel (2012) e Graça Graúna (2013).

Graça Graúna em seu livro:

[...] A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (GRAÚNA, 2013, p.15).

Esse lugar “utópico” e “de confluência” sobre o qual fala Graúna, é do Brasil e por isso, deveria ser não uma utopia nem uma sobrevivência, mas uma realidade e uma vivência conhecida e reconhecida por todos os povos que habitam o Brasil. Ora, não convém à literatura indígena, pela qualidade estética e temática que apresenta permanecer restrita à “recepção de um público leitor diferenciado”. (op.cit, p. 15).

A escola brasileira, sobretudo as aulas de língua portuguesa do ensino básico, pode se incluir nessa minoria que semeia outras leituras possíveis: neste caso a da literatura indígena, que é também literatura brasileira, e com isso contribuir para a recepção desses textos pela maioria dos estudantes. Nesse sentido, Janice Thiel (2012) ao abordar as literaturas brasileiras destaca:

[...] A literatura brasileira é constituída por muitas literaturas, por inúmeras culturas e vozes, tais como as indígenas. Estas merecem ser inseridas nos estudos promovidos na escola como forma de conhecimento e inclusão do outro, prática de multiletramento (especialmente letramento literário, informacional e crítico) e de leitura de multimodalidades textuais. (THIEL, 2012, p. 12)

A autora de *Pele Silenciosa, Pele Sonora* (2012) deixa claro que a Literatura indígena é a voz indígena na literatura, voz essa multimodal cuja textualidade é composta entre a letra e o desenho, entre o lugar e a voz que imprime estilos particulares à criação literária de cada etnia. Para a pesquisadora, a leitura dessa literatura problematiza conceitos, desconstrói estereótipos e promove a reflexão sobre a presença dos indígenas na história. Por conseguinte, enfatiza: “Essas reflexões e esses conhecimentos não podem nem devem ficar restritos ao âmbito das universidades. [...] A educação para a cidadania, para o respeito à diversidade e para o desenvolvimento do pensamento crítico é necessário a todos.” (THIEL, 2012, p. 12).

De acordo com esse posicionamento, nos sentimos provocados a contribuir com uma parte desse “todos”, na sala de aula onde lecionamos, e favorecermos a recepção da literatura indígena nas aulas de língua portuguesa para que os estudantes possam conhecer essa literatura e sobre a forma como essa palavra e tradição narrativa/poética são apresentadas em sua especificidade.

Para apresentar essa tradição narrativa/poética⁵, acredito que se faça necessário situarmos as vozes indígenas entre os 500 anos de história no Brasil, uma vez que para os povos indígenas a História do Brasil, são outros quinhentos.

2.1 A literatura indígena brasileira: são outros 500 de história

A história da literatura indígena brasileira, segundo Graúna (2013) sugere dois momentos singulares: o período clássico e o período contemporâneo. O clássico refere-se à tradição oral (coletiva): narrativas míticas ensinadas e transmitidas de geração em geração. O contemporâneo refere-se à tradição escrita individual ou coletiva cujos textos – poesia ou “contação de histórias” – fundamentam-se em narrativas míticas.

A respeito dessa primeira fase, o período clássico, os textos que perduraram são poucos, se se considerar a produção literária indígena existente desde antes da chegada dos europeus. Muitos textos foram silenciados durante 500 anos até que em meados do século XX, os povos indígenas retomaram o protagonismo de sua escrita em sua língua e em língua portuguesa.

No Brasil, as penas escrevem uma literatura de resistência a ser ouvida pelos indígenas e não indígenas retomam a voz rompendo 500 anos de silêncio. Esse protagonismo

⁵ Expressão usada por Jacice Thiel em *Pele silenciosa, Pele Sonora: a literatura indígena em destaque*. 2012, p. 12.

começa pela década de 1970 do século XX. Nessa época, surgem organizações e movimentos em defesa dos direitos dos povos indígenas, a saber:

Conselho indigenista Missionário (CIMI). Conforme o site, criado em 1972, é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da Igreja Católica junto aos povos indígenas. Ele favorece igualmente a articulação entre aldeias e povos, promovendo as grandes assembleias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural.

Os princípios fundamentais do CIMI são:

(...) respeito à alteridade indígena em sua pluralidade étnico-cultural e histórica e valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas; protagonismo dos povos indígenas, sendo o Cimi um aliado nas lutas pela garantia dos direitos históricos; a opção e o compromisso com a causa indígena dentro de uma perspectiva mais ampla de uma sociedade democrática, justa, solidária, pluriétnica e pluricultural.” (<https://cimi.org.br/o-cimi/#principios>. Acesso em 20/09/2018).

Essa época é também marcada por: 1ª Assembleia de Líderes Indígenas em Diamantina/MT de 17 a 19 de abril de 1974; e a 2ª Assembleia Indígena no Alto Tapajós/AM, de 13 a 16 de maio de 1975. Convocados pelos próprios indígenas, esses encontros e reuniões permitiram a povos, reconhecerem-se como sujeitos históricos e protagonistas do próprio discurso. Essas assembleias marcam o lugar de fala dos povos indígenas que com toda liberdade, sem pressão e sem orientação de fora, abordam seus próprios problemas, descobrindo por si mesmos as soluções, o discurso indigenista.⁶

A respeito de publicações dessa literatura, segundo Franca e Silveira (2014), do primeiro livro totalmente escrito e ilustrado por indígenas no Brasil, apresentando uma narrativa acerca da mitologia do povo Desana-Kehiripora, sobre a criação do mundo foi “Antes o mundo não existia”, de Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãn Kenhíri, com introdução de Berta G. Ribeiro. Sua primeira edição foi lançada em 1980, pela Livraria Cultura Editora.

Na região Nordeste, ao longo das décadas de 80 e 90, em Pernambuco, o Núcleo de Estudos Indigenistas - NEI/UFPE dedicou-se ao estudo do pensamento indígena. De acordo com Graça Graúna (2013), o acervo do NEI foi indispensável para “trilharmos um caminho de militância em prol da causa indígena”. Dentre os estudiosos desse núcleo de pesquisa, ela destaca os pesquisadores: Adair Pimentel Palácio; Gilda Maria Lins de Araújo, Francisco

⁶ Vide: BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **AS ASSEMBLÉIAS INDÍGENAS - O ADVENTO DO MOVIMENTO INDÍGENA NO BRASIL**. OPSIS, Catalão, v. 10, n. 1, p. 91-114, jan-jun 2010.

Gomes de Matos e Núbia Borges, que junto ao NEI incentivou os estudos acerca da cultura dos povos indígenas. Apesar de toda uma pesquisa relacionada à cultura desses povos, a literatura contemporânea indígena brasileira, isto é, a literatura escrita pelos povos indígenas cujo objetivo é ir além das aldeias, era praticamente desconhecida.

No Brasil, a primeira tese de doutorado que investiga a literatura indígena contemporânea pertence à Maria Inês de Almeida em 1999. Na sua pesquisa “Ensaio sobre a literatura indígena contemporânea no Brasil”. No primeiro ensaio ela apresenta teoricamente uma imagem que surgia sempre durante o trabalho de edição com os professores indígena e relata que na aldeia, às vezes sobre escombros, muitos cultivam, recompõem o ambiente, se reúnem com os parentes e amigos, festejam, vivem em comunidade. No segundo, com o fornecimento de algumas informações sobre as edições da literatura oral de várias aldeias brasileiras, esboça um pouco da trajetória das histórias contadas pelos indígenas, até se tornarem histórias escritas pelos indígenas. O terceiro ensaio diz respeito a algumas formas de expressão que nascem no ato escritural. Na última parte, conta sobre a experiência de trabalhar com alguns representantes dos Pataxos, Krenaks, Maxakalis e Xacriabas, na produção de material de leitura para suas escolas, portanto, na pesquisa e escrita de suas tradições culturais, bem como na edição e publicação dos textos produzidos.⁷

Essa investigação pioneira no Brasil em relação à literatura indígena é um reflexo de toda uma produção protagonizada pelos indígenas brasileiros no que tange à literatura em *strictu senso*, isto é, a arte da palavra. Conforme o pequeno histórico acima relatado, dos anos 70 até os anos 90, o protagonismo da escrita indígena estava mais concentrado em um discurso histórico e político de retomada de voz diante de causas que, até então, eram debatidas por não indígenas, como, por exemplo, a demarcação de terras.

A partir da década de 90, a escrita indígena prioriza o fazer poético, o trabalho com a linguagem e seu valor estético, contudo permanecendo as temáticas intrínsecas no universo indígena. A esse respeito Graúna (2013) aponta:

[...] Respeitando as diferenças, pode-se dizer que as manifestações literárias indígenas são reveladoras de uma convergência temática, sobretudo no que diz respeito à Mãe Terra e, com frequência, vêm abordando a relação autor-texto-leitor e, ao mesmo tempo, denunciando a exclusão e as várias faces da globalização, do (neo) colonialismo e do analfabetismo na América. (GRAÚNA, 2013, p. 84).

⁷Informações disponíveis em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19673?mode=full>. Acesso em 09/06/2018.

Nesse ínterim, na década de 90, o MEC, com a participação da FUNAI, CIMI e do Centro de Cultura Luiz Freire, subsidia uma série de publicações coletivas de textos literários indígenas. Conforme Graúna (2013) o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI, atem-se a onze livros que foram publicados, dentre esses contam apenas dois classificados como Literatura: *O tempo passa e a história fica*, dos Xacriabá (1997), e *Txopai e Itôhã*, dos Pataxó (1997). Outras referências à literatura indígena aparecem no livro *Aprendendo português nas escolas da floresta*, da Comissão Pró-índio do Acre (1997)⁸.

Ressaltamos que essas publicações são escritas geralmente em duas línguas: na da etnia e na língua portuguesa, com o objetivo de atender tanto o público indígena quanto o não indígena. A princípio, as publicações de autoria indígena ficavam mais restritas às escolas indígenas, no entanto, os próprios autores sentiram a necessidade de expor suas obras para o público geral para que todos viessem a conhecer e reconhecer os povos indígenas a partir de sua própria voz e escrita.

Para os povos indígenas, a literatura é o novo arco e flecha que lançam a palavra para o coração das pessoas. Nesse contexto, no final da década de 90, já no limiar do terceiro milênio, os povos indígenas começam a publicar por conta própria. As editoras comerciais, por conseguinte, começam a também editar e publicar a literatura indígena.

Uma das pioneiras no mercado é a Editora Peirópolis que publicou *Terra dos mil povos*, de Kaka Werá Jecupé – 1999; a coleção *Memórias Ancestrais – Irakisu*, em 2000, e *Verá*, em 2003⁹. Atualmente, os próprios indígenas, administram livrarias *online* para publicação de suas obras, a saber:

Livraria Maracá que se apresenta como uma livraria on-line especializada em literatura indígena produzida no Brasil. Seu catálogo conta com obras de escritores de diferentes povos e regiões do país, que compartilham seus conhecimentos, tradições e histórias através da escrita.

UKA (Casa dos Saberes Ancestrais) denomina-se uma instituição definida como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP, sem fins-lucrativos e de caráter educativo e cultural. Foi concebida por um grupo de profissionais indígenas e não-indígenas com o objetivo central de prestar serviços na área educacional proporcionando

⁸ Vide: Graúna (2013, p. 90)

⁹ Informações disponíveis em: <https://www.editorapeiropolis.com.br/todo-dia-e-dia-do-indio-na-peiropolis/>. Acesso em: 21/12/2018.

maior conhecimento da lei 11.645 que instituiu a obrigatoriedade da temática indígena e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro¹⁰.

A partir de 2008, com a obrigatoriedade da execução da Lei 11.645, outras editoras se interessam para editar e publicar obras protagonizadas pelos indígenas com o objetivo de vender para as escolas públicas e particulares que em consequência da lei deveriam inserir a cultura indígena nas salas de aula.

A partir de 2008, com a obrigatoriedade da execução da Lei 11.645, outras editoras se interessam para editar e publicar obras protagonizadas pelos indígenas com o objetivo de vender para as escolas públicas e particulares que em consequência da lei deveriam inserir a cultura indígena nas salas de aula.

Não obstante, embora essas obras sejam publicadas parecem estar ausentes da educação básica, sobretudo da maioria das aulas de língua portuguesa ou talvez quando chegam à escola são tratados pela maioria dos professores como literatura secundária, uma vez que não estão na lista da dita literatura canônica e nem serem exigidos em avaliações externas como SAEB.

A professora e pesquisadora Janice Thiel (2012) chama a atenção dos educadores quando expressa:

[...] Como educadores, temos de nos deparar com a questão da inclusão social e cultural, bem como com o silenciamento ou invisibilidade dos grupos indígenas ao longo da história, que devem ser revistos. Além disso, devemos nos preocupar com a construção de repertório de nossos alunos, bem como com o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a literatura [...] (THIEL, 2012, p. 11.)

Com o advento da internet e das redes sociais no século XXI, os povos indígenas encontraram um espaço para divulgação de sua literatura de forma mais acessível, rápida e interativa. Os primeiros registros do uso da internet pelos indígenas são de 2001, segundo Pereira (2007) desde essa época “as formas de comunicação na rede se transformaram em blogs, comunidades virtuais e portal” (PEREIRA, 2007, p. 56). Os povos indígenas chamam esse espaço de comunicação de etnomídia¹¹, termo utilizado pelo site Web Brasil Indígena.

¹⁰ Informação disponível em: <http://institutouka.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em 21/12/2018.

¹¹ Vide artigo: Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade. EURICH, Grazieli. 1 UEM-PR. Disponível em: <http://docplayer.com.br/43212446-Web-brasil-indigena-etnomidia-e-afirmacao-da-identidade-eurich-grazieli-1-uem-pr.html>. Acesso em 15/06/2018.

Através da etnomídia os indígenas autoafirmam a sua identidade, seus modos de resistência e suas vozes, antes invisíveis e silenciadas.

Toda essa produção, inclusive literária, apesar de estar presente em diversas mídias ainda é pouco conhecida pela maioria da população brasileira. A escola, nesse processo de produção literária indígena, poderia contribuir para promover esse (re)conhecimento que consideramos importante para a formação cultural dos nossos estudantes. Thiel (2012) afirma o que segue:

[...] No século XX, o índio resiste e se expressa por meio de uma produção literária crescente e enriquecedora, apesar de sua voz não significar presença para o colonizador em séculos anteriores. Assim, torna-se essencial que nós, educadores, voltemos o olhar para o estudo de obras literárias que acompanham uma tradição discursiva milenar. (THIEL, 2012, p. 35)

Voltar o olhar para obras literárias milenares, nesse caso, a literatura indígena, principalmente no Brasil, consiste também em assumir uma atitude política de reparação no que diz respeito a ouvir dos próprios indígenas a sua narrativa, sua história e a história do Brasil. O que geralmente ocorre no ensino básico brasileiro é muitas vezes, restringir a temática relacionada aos indígenas, na literatura indigenista ou na indianista, cujas literaturas por meio da pena europeia falam sobre o indígena. A respeito dessas literaturas, cabe tecer mais informações.

Há diferenças entre as literaturas indianistas, indigenistas. A Literatura indianista refere-se mais especificamente à literatura do período do Romantismo brasileiro, voltado para a construção de uma identidade nacional, escrita por autores não indígenas. As obras *indigenistas* são produzidas também por não indígenas e tratam de temas ou reproduzem narrativas indígenas.

A obra indigenista para Thiel (2012) é produzida a partir de uma perspectiva ocidental e escrita ou traduzida pelo não indígena. Ao longo da história do Brasil é possível observar duas visões a respeito do escrevem sobre o indígena. A primeira, uma visão colonialista que compreende do século XV até a década de 60 do século XX, apresenta um indígena que deve ser “civilizado”, catequizado pelo branco.

Um marco dessa época é a *Carta*, de Pero Vaz Caminha, datada de 1500; *Tratado da terra do Brasil: História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (1560-70), de Pero de Magalhães Gandavo; e a literatura de catequese dentre a qual, destacamos *O auto de São Lourenço* (1583), do padre José de Anchieta.

A outra visão, a partir da década de 70 até os dias atuais, apresenta o indígena como um sujeito que deve ser respeitado em seus direitos, crenças, culturas etc. Um marco dessa época são o CIMI e Jornal Porantim, órgãos tutelados pela CNBB (Conferência nacional dos Bispos do Brasil).

A literatura indianista, conforme Janice Cristine Thiél (2012) refere-se à literatura que compreende o período do Romantismo, mas seus escritores não são indígenas. Para Graúna (2013, 2013, p. 21) o indianismo refere-se à “literatura de temática indígena escrita por autores (as) não indígenas” e ao “indianismo literário escrito por autores (as) de descendência indígena chamados (as) também de mestiços(as).” O termo refere-se ainda à “literatura inspirada em temas da vida dos índios na América.”

Na literatura indianista, no Brasil, destacamos Gonçalves Dias como um dos autores mais importantes da poesia do Romantismo. Antônio Cândido (2012, p. 401) afirma que Gonçalves Dias “se destaca no medíocre panorama da primeira fase romântica pelas qualidades superiores de inspiração e consciência artística.”. Deste poeta, há três poemas indianistas dentre os dez da *Americanas*¹² que merecem destaque: *Marabá (1851)*; *I Juca Pirama* e *Leito de Folhas verdes* por apresentarem o indígena de modo generalizado, como uma figura homogênea.

“Marabá¹³ é apresentada ou se apresenta no poema como uma moça de olhos azuis:” — Meus olhos são garços, são cor das safiras”; pela branca: “— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,” e cabelos loiros e cacheados: “— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,” e por essa aparência, inicia o primeiro verso dizendo: “Eu vivo sozinha; ninguém me procura.” Esse lamento perpassa todo o poema e revela a voz de uma pessoa que é desprezada por ser diferente.

Sobre esse poema Cândido (2012, p.404) afirma: “A marabá é um desses monstros diletos do Romantismo (Quasímodo, Gwynpplaine), postos pela fatalidade aquém da plenitude afetiva: só que neste caso, mostro extremamente belo e, por isso, mais trágico no seu desamparo”.

A índia com físico europeu revela uma índia sem identidade, nem é considerada indígena pelo seu povo, nem é considerada branca pelos europeus. Resume-se a um ser sem lugar por isso conclui sua fala afirmando: “Eu vivo sozinha, chorando mesquinha, Que sou Marabá!

A respeito de Marabá, Graúna (2013) considera:

¹² Nome dado por Gonçalves Dias ao conjunto dos dez poemas indianistas.

¹³ Poema disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/13053/maraba>. Acesso em 26/12/2018.

Não seria também o lamento da índia-descendente que é marabá um caso único em Gonçalves Dias? Até que ponto o grito de marabá corresponde ao grito das mulheres indígenas e de todos os excluídos? As frustrações amorosas dessa personagem são menores que o fardo de ser mestiça, pois a sociedade lhe nega um lugar definido. (p.51)

Consideramos que essa negação do indígena na sociedade se estende também às vozes indígenas que não são ouvidas pela maioria dos brasileiros. Vozes essas que por meio da literatura lutam pelo reconhecimento das suas identidades, territorialização, demarcação de terras, preservação ambiental e respeito a sua Tradição.

O poema I Juca Pirama (1851) dá voz a um indígena cuja honra defendia. Para Cândido (2008) o índio desse poema é vazio de personalidade – mas rico de sentido simbólico, adiante acrescenta:

O índio de Gonçalves Dias não é mais autêntico do que o de Magalhães ou o de Norberto pela circunstância de ser mais índio, mas por ser mais poético, como é evidente pela situação quase anormal que fundamenta a obra-prima da poesia indianista brasileira - o I-Juca Pirama. (p.405)

O poeta Gonçalves Dias ao dar voz ao indígena no poema que é considerado por Cândido (2008) “uma dessas coisas indiscutidas que se incorporam ao orgulho nacional”, denuncia o processo de colonização e genocídio perpetuado pelos brancos.

Lúcia Sá (2012) sobre esse poema observa que “apesar de lidar com o conflito entre tupis e timbiras, a destruição trazida pelos brancos é, mais uma vez, o tema principal do poema”. De fato o poema I-Juca Pirama apresenta a voz simbólica de um indígena cujo lamento problematiza a questão do deslocamento do indivíduo no contexto de exclusão social do século XIX no Brasil.

Graúna (2012, p.50) acrescenta que o cerne do poema não se prende ao aspecto exótico e ao pitoresco, mas a uma das faces da exclusão (seja na sociedade dominante, ou na sociedade indígena). Reconhecemos que o poema escrito no século XIX não pode ser rotulado século XXI como indianismo fantasiado, mas pode ser lido observando o entrelugar e a compreensão do aspecto indenitário do indígena no poema.

Leito de folhas verdes (1851) é outro poema que expressa a voz da mulher indígena que espera a noite inteira pelo seu amado Jatir. Esse esperar não correspondido é da seguinte maneira interpretado por Cândido (2008):

Tentativa de adivinhar a psicologia amorosa da mulher indígena pelo truque intelectualmente fácil, mas liricamente belo, de, como vimos alterar apenas o ambiente e certos detalhes de uma espera sentimental doutro modo indiscernível da tradição lírica. Poesia admirável, das mais altas do nosso lirismo. (p. 411)

Essa espera sentimental a que se refere o estudioso, para nós representa a decepção da mulher indígena, que fora silenciada e tratada com indiferença durante séculos. A noite que envolve essa mulher não nos permite enxergar o rosto, saber seu nome apenas revela uma voz feminina tecida na decepção amorosa. Mulher escondida pela escuridão noturna, não identificada, não ouvida. Nas entrelinhas, também entendemos que o poema questiona o deslocamento da mulher indígena na sociedade do século XIX e esse aspecto pode ser muito bem observado na sociedade atual.

A mulher indígena século XXI protagoniza sua voz não só à noite, mas também durante o dia onde possa também ser vista, ser identificada e ouvida.

Diante de que fora dito, sintetizamos os conceitos de literatura indigenista, indianista e indígena:

A literatura indigenista, compreendemos como uma moeda de duas faces: uma que representada por textos literários com objetivo de “civilizar” os indígenas, outra representada por textos que apoiam os indígenas em suas lutas por identidade, demarcação territorial e tradição.

A literatura indianista representada por textos do período Romântico brasileiro.

No que se refere à literatura indígena, Graça Graúna (2013) afirma, o que segue:

[...] Reconhecer a propriedade intelectual indígena implica respeitar as várias faces de sua manifestação. Isso quer dizer que a noção de coletivo não está dissociada do livro individual de autoria indígena; nunca esteve, muito menos agora com a força do pensamento indígena configurando diferenciadas estantes e instantes da palavra. Ao tomar o rumo da escrita no formato de livro, os mitos de origem não perdem a função nem o sentido, pois continuam sendo transmitidos de geração em geração, em variados caminhos: no porantim, no traçado das esteiras e dos cestos, na feitura do barro, na pintura corporal, nas contas de um colar, na poesia, na contação de histórias e outros fazeres identitários que os Filhos e as Filhas da Terra utilizam como legítimas expressões artísticas, ligando-as também ao sagrado (2013, p. 172).

Nesse contexto, entendemos que a literatura indígena é aquela protagonizada pelos indígenas e que é manifesta em produções estético-literárias cuja textualidade não se restringe à escrita alfabética.

Após esse resumido percurso histórico da literatura indígena contemporânea brasileira cuja produção é ascendente no Brasil, para os limites desta pesquisa, restringimos os estudos à poesia indígena brasileira e a autoria da poetisa Márcia Wayna Kambeba.

2.2 As penas que escrevem poesia: uma voz que ecoa da “floresta” para a sala de aula

As sociedades indígenas são filhas da palavra cuja escrita é fruto de uma vivência sentida e percebida ou de memórias contadas por pessoas mais velhas. Através da poesia indígena é possível perceber, dentre tantas possibilidades, a cosmovisão dos povos nativos, caracterizada por toda a conexão profunda desses povos com a natureza e com o universo.

Para Dorrico (2018):

A escrita indígena traz uma poética milenar que agora é individual e coletiva. Individual porque o autor (ou autora) se reconhece como sujeito histórico de um processo social; coletiva pelo fato de que, em sua narrativa, ele traz as marcas da ancestralidade em que a natureza fala pelos seres materiais e espirituais, o que também significa que esta narrativa, a mítica, é de pertença coletiva. (...) em outras palavras, a poética indígena (eu-nós) sempre vai estar presente nos diversos tipos autorais indígenas, seja na prosa (conto, crônica, ficção, depoimento, memória, autobiografia, etc.) ou na poesia. (p. 115)

Essa poética indígena eu-nós presentes na poesia indígena é um dos aspectos que chamam atenção na produção escrita dos indígenas porque apresenta uma perspectiva ou extraocidental. Este termo foi evidenciado por Antonio Risério, no livro *Textos e Tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros* (1993). Para o autor os conceitos de poesia e literatura ocidentais, isto é greco-romano, não traduzem a experiência cultural da palavra operada pelos indígenas. Ele opta pelo conceito de “textualidades extraocidentais”, para a produção verbo-musical, verbo-textual e verbo-gestual e linguagem não verbal dos povos ameríndios.

Ao discorrer sobre a produção textual ameríndia, Risério (1993) enfatiza:

(...) os ameríndios possuem não apenas classificações da produção textual, mas também teorias da criação poética. Não há povo que não tenha pensado sobre a linguagem e suas múltiplas dimensões. Veja-se, por exemplo, o caso dos *mbiás* (guaranis), que agrupam certos signos e construções verbais sob noção de *ñe ã porã*, as belas palavras, apanágio dos profetas, que costumam proferi-las diante do sol nascente. (...) os *mbás* definem como *ayvu porã*, a bela linguagem, o conjunto de discursos divinos. É claro que existe também uma teoria araweté da criação poemusical. No caso da produção xamânica, apesar das diferenças entre as suas retóricas, arawetés e mbiás concordam num ponto central: a “bela linguagem” é dádiva dos deuses. (p. 169)

A partir do exemplo de como essas duas etnias indígenas americanas reconhecemos que a memória, a tradição e as vozes ancestrais, norteiam a produção estético-transcendental dessa literatura dentro de um contexto sociocultural, simbólico e epistemológico próprio de

cada etnia. Mediante esses fatores, consideramos que a textualidade indígena, não corresponde ao conceito de literatura ocidental.

Essa matriz advinda de uma tradição oral (período clássico) e a partir do século XX com a escrita alfabética (período contemporâneo) desencadeia em uma literatura extraocidental com base na confluência da litera/oralidade.

Ao discorrer sobre literatura extraocidental, Risério (1993) declara:

O conceito “literatura” recorta apenas certa região da práxis verbal criativa. Certos objetos de linguagem são agrupados numa classe “x” ou “y” pela tipologia europeia. [...] literatura é um produto cultural europeu, com sua marca ideológica de nascença, seu vasto e dinâmico repertório formal, suas técnicas e truques, gramáticas e matrizes, variando escalas em função de escolas. (RISÉRIO, 1993, p.38)

Obviamente a literatura indígena contemporânea vem se tornando mais conhecida a partir do momento em que seus autores decidiram, por questões político-ideológicas, publicarem suas textualidades com a escrita alfabética, no caso do Brasil, em língua portuguesa. Dessa forma, eles tiveram que aprender a estrutura e a forma da escrita ocidental, para poderem falar deles mesmos aos não indígenas, bem como apresentarem a sua cultura, sua memória de vivência carregada de identidade, de uma fala própria, a partir de um olhar e de um lugar. Serem, portanto, os agentes e referentes de sua cultura para os demais.

Ainda considerando a literatura indígena como extraocidental, Janice Thiel (2012, p.35) afirma que: “As poéticas extraocidentais indígenas são geralmente chamadas de etnopoéticas. Estão à margem da poética de tradição europeia de ideologia dominante” Por serem compostas no intercâmbio entre oralidade e escrita, as textualidades indígenas revelam uma complexidade. Isso se deve por ser uma literatura impregnada de vozes exiladas, machucadas, doloridas e que expressam 500 anos de silenciamento.

O termo literatura tomado de empréstimo pelos indígenas adquire um sentido próprio, isto é, seu uso não se dá no sentido ocidental, mas naquele cultural que justifica a expressão estética desde quando as práticas eram fundamentalmente orais.

Conforme Dorrico (2018):

O conceito “literatura” tomado pelos escritores indígenas não se restringe somente ao livro impresso, mas também envolve toda uma tradição ancestral, com os ritos, cantos, danças, festejos e práticas que são característicos dela. Ela começa na origem tradicional e abarca desde a aquisição da escrita alfabética até a produção criativa escrita e publicada. (p. 115)

Dito isso a respeito dessa literatura indígena, atentemos a partir de agora ao que se refere ao histórico da poesia indígena brasileira contemporânea, Graúna (2013, p. 78) destaca que é possível dizer que Eliane Potiguara inaugurou o movimento literário indígena contemporâneo no Brasil com a publicação do poema *Identidade Indígena* em 1975 e continua sugerindo um grito indígena em meio aos contrapontos da palavra.

Esse poema é dedicado “em memória de meus avós” Potiguara, (2018). O texto inicia evocando a fala ancestral e prossegue abordando reafirmando a identidade indígena perante massacres, dores, migrações impostas aos indígenas pelo colonizador. Eliane Potiguara enfatiza a resistência político-cultural para os povos indígenas.

Graça Graúna (2013, p. 98) analisa que “pensar a poesia de Eliane Potiguara é reconhecer a construção da diferença, pois se trata de uma poesia em que a identidade literária se constrói à luz das tradições; como quer a voz da enunciação indígena”. Esse reconhecimento da tradição reafirma o compromisso da poetisa com a cultura e o pensamento indígenas persuadindo que os ancestrais tem influência na busca e na luta pela preservação da identidade.

Não obstante esse fato, no Brasil, “uma geração de poetas brasileiros foi rotulada de marginal por contestar o marasmo ou o mar asmático das academias e de outras representações do meio literário, digamos dominante” (Graúna, 2013, p. 78). Desde essa época, os escritores indígenas consolidaram a literatura como um “arco e flecha” sua palavra para a sociedade. E nas escolas?

Vale à pena ressaltar que após analisar as coleções de livros didáticos de língua portuguesa do 6º ao 9º ano, distribuídas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) referentes ao triênio 2017-2019, de um total geral de 426 poemas,¹⁴ não encontramos nenhuma poesia protagonizada pelos povos indígenas. Diante de tal resultado, questionamos o porquê dessa ausência da literatura indígena brasileira nos livros didáticos de língua portuguesa, conseqüentemente o silenciamento ou a invisibilidade desses textos nas aulas de língua portuguesa.

Salientamos que tais publicações têm como maior comprador o poder público brasileiro, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A ausência de textos de escritores indígenas nos livros didáticos e outros produzidos para o Ensino Básico evidencia o que Graúna (2013, p.

¹⁴ Confira tabela na seção 2 desta pesquisa.

20) observa: no “século XXI: a literatura indígena no Brasil continua sendo negada, da mesma forma como a situação dos seus escritores e escritoras continua sendo desrespeitada”.

Ressaltamos que em 2014 o Ministério da Educação publicou um edital para inscrição e seleção de obras de literatura para o programa nacional biblioteca da escola PNBE indígena 2015. O Edital de Convocação 01/2014-CGPLI,¹⁵. O seu objeto expressa:

1.1. Este edital tem por objeto a convocação de editores para o processo de inscrição e seleção de obras de literatura sobre a temática indígena que, por meio das artes verbais, divulguem e valorizem a diversidade sociocultural dos povos indígenas brasileiros, bem como suas diversas e amplas contribuições no processo histórico de formação da sociedade nacional, no âmbito do PNBE.

1.1.1. Compreendem-se como artes verbais manifestações que apresentam uma visão integrativa das tradições ou produções atuais e que fazem uso da linguagem de uma forma especial, privilegiando suas dimensões estética, social e cultural.

1.2. Serão aceitas para participar do processo de aquisição obras de literatura de autores indígenas e não indígenas que apresentem produção literária relacionada aos povos indígenas brasileiros, fomentando a ruptura de estereótipos sobre as suas histórias, culturas e identidades, em uma abordagem positiva da pluralidade cultural indígena e da afirmação de direitos culturais diferenciados dos povos indígenas.

Apesar de ações governamentais como esta, as obras indígenas pouco conhecidas na maioria das escolas. Diante deste fato, como podemos contribuir para a ruptura desse silenciamento literário nas escolas?

Uma das contribuições é que podemos proporcionar a recepção entre a poesia indígena e o estudante, para isso faz-se necessário uma apresentação, neste caso, o professor é o principal mediador para a realização desse evento. Pensando assim, no exercício do nosso magistério assumimos o compromisso de aprimorar os conhecimentos sobre a literatura indígena, sobretudo a poesia de Márcia Wayna kambemba, e apresentá-la aos estudantes nas nossas aulas de língua portuguesa. Apoiamo-nos, em Janice Thiel (2012) quando declara:

Os professores por sua vez, buscam sempre novos conhecimentos. O universo da sala de aula instiga a procurar atualização; e, para se sentirem intelectualmente vivos e seguros em sua atuação, os professores precisam se nutrir: seu alimento, neste caso, é a formação, a capacitação. A literatura indígena pode ser o alimento que venha a fornecer novas dimensões de conhecimento. Ler textos indígenas exige abertura para outras tradições literárias, construídas em multimodalidades discursivas que solicitam do leitor percepção de elementos provenientes de visões complexas de mundo e da arte de narrar histórias. (2012, p. 13)

¹⁵ BRASIL, Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Edital de convocação 01/2014 – CGPLI**. 2014, p. 1. Disponível em: <https://www.fn.de.gov.br/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/5205-edital-pnbe-ind%C3%ADgena-2015>. Acesso em 09/03/2019.

Reconhecendo essa busca de “novos conhecimentos”, na prática docente reafirmamos como é fundamental a mediação do professor no preparo da recepção dos textos, no caso desta pesquisa, dos poemas que serão ofertados aos convidados deste “banquete de palavras”: os estudantes. Enquanto professor, temos a oportunidade de preparar a recepção da poesia para os estudantes, bem como a recepção dos estudantes para a poesia.

Por se tratar de poesia indígena de uma poetisa em particular, essa recepção merece observações pontuais. Thiel (2012) afirma que:

[...] a recepção desses textos requer competências leitoras para que a textualidade indígena seja reconhecida como literatura. Caso contrário, ela continuará a ser limitada pelo rótulo étnico, a perambular de estante em estante, ou mesmo ser considerada unicamente como literatura infanto-juvenil, principalmente por suas imagens. (THIEL, 2012, p. 136)

Assim, para ouvir essa voz que ecoa da “floresta”, necessitamos utilizar uma concepção de leitura que possa contribuir para o aprofundamento da recepção e apropriação da leitura dos poemas escolhidos neste estudo. A concepção de leitura torna-se necessária por se tratar de um texto cuja ideologia é extraocidental, conforme explicada a cima.

Embora os indígenas escrevam na contemporaneidade usando o alfabeto e a língua portuguesa e estejam presentes no que conhecemos como mundo ocidental, eles não pensam e atuam como os “ocidentais”. Os textos, por exemplo, trazem um olhar descolonial bem nítido e estampado nas letras. A respeito da abordagem de leitura da poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba trataremos no próximo tópico.

2.3 Kumyssa iky jenó: a leitura da poesia de Márcia Kambeba

Kumissa iky jenó¹⁶ (a fala que se ouve) é uma expressão muito valiosa para o povo Omágua-Kambeba, porque eles valorizam o ouvir: quando alguém fala, silenciam. Deste lugar de escuta é que nós silenciamos para ouvir uma voz quem em poesia nos encantou ao encontramos com ela. Desejamos partilhar essa voz, com aqueles que ainda não puderam ouvir: nossos estudantes. Para que isso acontecesse assumimos a empreitada de promover um encontro entre a poesia e os estudantes.

O verbo encontrar pode ter dois significados: um momento de ansiedade cuja manifestação de emoções nos motiva a uma preparação para recepcionar bem a pessoa a

¹⁶ Expressão da língua Omagua-Kambeba, de tronco Tupi que significa *a fala que se ouve*.

quem iremos ou que vem ao nosso encontro. Outro o de acharmos o que estava perdido ou esquecido por alguém em algum lugar.

Dentre as poucas publicações de livros de poesia indígena, encontrei uma autora que na apresentação do seu livro de poemas e destaca:

A luta do povo Omágua/Kambeba, e dos demais povos, não se resume apenas em defender seus limites territoriais, lutam também por uma forma de existência, presente no modo diferente de viver, ver, sentir, pensar, agir e de seguirem construindo sua história, lutando por seus direitos, tendo como um dos objetivos o ensino da língua materna. A língua Omágua/Kambeba durante anos, vem apresentando sinais de declínio, mas se mantém viva, através dos ensinamentos às crianças e aos adultos. [...] É importante dizer, que os povos indígenas hoje, de modo particular o povo Omágua/Kambeba, mesmo aldeados, não deixam de ter uma relação com a cidade, manifestada nas relações que são mantidas no cotidiano, na utilização de aparelhos eletrônicos que facilitam a comunicação entre ambos, na busca de sabres na escola do “branco”, não com a intenção de apagar a nossa língua materna, mas, de modo a contribuir com nossa luta em prol da manutenção do nosso tesouro ancestral, uma vez que a flecha deu lugar a uma luta política, com argumentos bem consistentes por nossos direitos a conservação do nosso patrimônio material e imaterial e a interculturalidade respeitando nossa forma de ser. O mesmo se dá com a cidade, é comum encontrar na casa do amazonense uma rede feita de tucum, um fogão a lenha, unindo a culinária, macaxeira, banana, peixe assado, além de nomes de pessoas e cidades que representam a cultura e a língua dos povos indígenas como Iracy (nome de pessoa) Icoaracy (nome de cidade). Portanto, os povos indígenas, mesmo que de formas diferentes, mantêm o mesmo ideal de conservar sua cultura como herança ancestral. (KAMBEBA, 2013, p. 17-18)

Apesar de longa, a citação é necessária para se compreender o contexto da escrita poética da autora. Nesse sentido, motivamo-nos a reascender a chama da esperança da leitura de poesia e oferecer ao estudante de língua portuguesa o encontro com poesia escrita por uma poetisa indígena que tem um olhar diferente, isto é, extraocidental, em relação ao tratamento de temas universais, abordados na poesia ocidental: como a floresta, identidade, religião, bichos, árvores, silêncio, guerreiros etc.

Quando nos referimos a olhar diferente, apoiamo-nos em Graúna (2013, p. 5) para quem: “Sabendo-se diferente, a identidade literária na poesia e na prosa indígena problematiza claramente essas questões, refletindo a consciência do autor (cidadão indígena), da autora (cidadã indígena)”.

A abordagem de leitura das textualidades, da literatura e particularmente da poesia protagonizadas pelos povos indígenas e em particular a poesia de Márcia Kambeba, merecem um tratamento diferenciado, sobretudo em sala de aula, por pertencerem a uma matriz ancestral de povos que pensam, vivem e falam de maneira muito diferente da cultura ocidental.

Contudo, esses textos, também, representam as vozes ancestrais que ressurgem por meio da escrita alfabética para (re)contar a história do Brasil sob o ponto de vista do indígena, em detrimento do ponto de vista do colonizador. A respeito da especificidade da literatura indígena contemporânea, Graúna (2013) declara:

A questão da especificidade da literatura da literatura indígena no Brasil implica um conjunto de vozes entre as quais o (a) autor(a) procura testemunhar a sua vivência e transmitir “de memória” as histórias contadas pelos mais velhos, embora muitas vezes se veja diferente aos olhos do outro. (2013, p. 23)

Esse conjunto de vozes que falam e escrevem apresentam em sua literatura a configuração de um processo de (trans)formação e (re)conhecimento aos olhos dos não indígenas. Uma vez que são “obrigados” a falar e escrever em língua portuguesa e muitas vezes mudarem de lugar, devido à questão de desapropriação das terras, aos povos indígenas são impostas condições de vida na cidade que são muito distintas da sua aldeia.

Contudo, mesmo morando na cidade, não deixa de ser indígena, a sua forma de pensar está impressa na fala e na escrita, principalmente na literária, onde o autor(a) (re)afirma o compromisso em denunciar a triste história da colonização e os sofrimentos causados pela globalização ou do chamado neoliberalismo, que por não respeitarem à tradição de matriz ancestral indígena, são sistemas nocivos que dizimam a vida da História indígena e as histórias de vida indígena.

Em relação ao tratamento específico da literatura indígena, sobretudo, pelo não indígena, Janice Thiel (2012) sugere estudar a produção indígena com base em textura, texto e contexto o que significa valorizar sua multimodalidade discursiva e os contextos de sua produção e recepção. Conforme a pesquisadora:

A textura da obra indígena pode estar vinculada aos elementos linguísticos utilizados para construí-la, ao(s) idioma(s) e às estruturas originadas da tradição oral. A textura pode vir a incluir não só palavras, mas desenhos e cores, baseados em valores e tradições culturais. (...) embora essas imagens sejam consideradas muitas vezes complementares à escrita, pode ser a escrita alfabética também complemento do elemento pictórico. O contexto está vinculado à localização sócio-político-cultural do narrador/autor e do ouvinte/leitor. Envolve as cosmovisões tradicionais e ocidentais em sua interação, os contextos de produção e de recepção da textualidade indígena. (...) o texto, refere-se à narrativa, à história contada. Esta é compreendida em sua totalidade pela leitura dos elementos que constituem sua textura e contexto. (Thiel, 2012, p. 42)

Esses elementos não são homogêneos a toda produção literária indígena. Cada etnia possui diferentes contextos e formas de utilização de multimodalidades discursivas. Como

afirma Risério (1993, p. 37), “cada cultura possui seus próprios modelos de criação textual”. Nesse sentido, concordamos com Thiel (2013, p. 47) quando enfatiza que “Não há uma textualidades narrativa indígena, mas textualidades.” Essas textualidades merecem ser discutidas, sobretudo na maioria das escolas não indígenas que ainda conhecem o indígena estereotipado e homogeneizado dentro do termo índio.

Como já enfatizado, a literatura indígena não é homogênia no Brasil. Há vozes diferentes que se apropriam da expressão Literatura indígena, por uma questão de unificação desta manifestação escrita.

No entanto há que se preparar o professor de língua portuguesa para tal discussão e isso cabe aos cursos de Licenciatura em Letras e aos cursos de formação continuada para professores. Apesar da exigência da Lei 11.645/2008 que institui a obrigatoriedade do estudo de história e cultura indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, públicos e privados do Brasil, ainda é precária essa formação.

A importância da preparação do professor para o ensino da literatura indígena está no fato de compreender como e conhecer sobre o que o indígena escreveu sobre ele mesmo. Por isso a autora de *Pele Silenciosa, Pele Sonora* orienta:

Quando textos indígenas são intermediados por não índios, é importante que, em sua edição, sejam observados todos os elementos que compõem o texto como multimodalidade discursiva, tais como os grafismos indígenas. Assim evita-se que os textos sejam desfigurados. Afinal, são esses elementos multimodais que compõem a estética literária do texto indígena e devem, portanto, ser considerados no processo de editoração. (THIEL, 2012, p. 67-68)

Os textos indígenas por apresentam multimodalidades discursivas não verbais, como imagens, grafismos, cores, sons, gestos que não são meros ornamentos, compõem junto à linguagem verbal o sistema de expressão vinculado à grafia pictórica nativa ou com à escrita alfabética. A linguagem não verbal segundo Thiel (2012, p. 69) “sugere vinculação à tradição ancestral, às narrativas ou aos conhecimentos ancestrais via tradição oral”.

No entanto, esses elementos não verbais que compreendem a multimodalidade discursiva indígena, são lidos pela tradição ocidental como recursos decorativos, por isso, muitas vezes, caem no estereótipo de livros infantis.

Dentre essas textualidades, a poesia indígena de Márcia Wayna Kambéba simboliza um encontro com uma escrita que consideramos um achado dentre o tesouro da poética brasileira e merece ser reconhecida nas salas de aula, não por ser indígena, simplesmente, mas por carregar uma qualidade estética e fortuna simbólica específicas, diferentes da poesia

ocidental, isto é, uma poesia cuja ancestralidade é matéria fundamental para a expressão estético-literária. Nesse sentido, Dorrico (2018) argumenta:

Essas obras permitem um conhecimento e um contato profundos com as culturas, os valores e as experiências vividas por esses povos, por esses escritores, de modo que devemos levar em conta o ponto de vista do escritor indígena para conhecermos, para tomarmos contato com tais culturas, e não apenas e nem fundamentalmente o ponto de vista racional, cientificista e eurocêntrico que rege quase todas as leituras sobre os povos tradicionais. Considerando o peso que a tradição ancestral oral tem para os escritores indígenas, na realização dessa leitura devemos perceber que estas narrativas de tradição possuem especificidades discursivas diferentes daquela de tradição escrita ocidental. (Dorrico, 2018, p. 134)

Embora Marcia Wayna escreva poesia em língua portuguesa e more na cidade não significa que tenha apagado a memória cultural, e a sua identificação com a ancestralidade. Ela e outros escritores indígenas aprendem com a cidade os modos de ensino ocidental e por uma decisão política escrevem em português para poderem atingir todos os leitores dessa língua que é a mais falada no Brasil. Conforme a própria poetisa:

É importante dizer que os povos indígenas de hoje, em particular o povo Omagua-Kambebe, mesmo aldeados, não deixam de ter relação com a cidade, manifestada no cotidiano na utilização de aparelhos eletrônicos que facilitam a comunicação, na busca de saberes na escola do “branco”, não com a intenção de apagar nossa língua-mãe, mas de modo a contribuir com nossa luta em prol da manutenção do nosso tesouro ancestral, uma vez que a flecha deu lugar a uma luta política, com argumentos bem consistentes por nossos direitos à conservação do patrimônio material e imaterial e à interculturalidade da nossa forma de ser. (Kambebe, 2018, p. 10).

Ora, o fato dos indígenas terem acesso à pluriculturalidade que a cidade apresenta não quer dizer que perdem sua identidade. Embora adotem costumes da cidade, não perdeu culturalmente sua ancestralidade e isso está presente na poesia escrita em língua portuguesa (ocidental) com um discurso ideológico (extraocidental).

Entendemos assim que o discurso da poética indígena baseia-se na confluência da litera/oralidade sobre o qual Thiel (2012, p.36) esclarece: “composta no intercâmbio entre oralidade e escrita, as textualidades indígenas revelam sua complexidade e seu caráter híbrido. Por isso, conduzem à releitura do que o cânone ocidental costuma considerar como texto literário”.

A poesia indígena de Márcia, sobretudo pela sua qualidade estética, não deixa de ser um texto de resistência. Ao se apropriar da língua portuguesa e de seus elementos a autora

apresenta para cidade uma linguagem acessível com a finalidade de alcançar aqueles que precisam conhecer sua poesia sem o olhar do colonizador. Para Bosi (2000):

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do *epos* revolucionário da utopia). (Bosi, 2000, p. 167)

Márcia Wayna Kambeba ao escrever sua poesia apresenta essas faces dessa resistência do texto poético. Recupera o “sentido comunitário perdido”, ou silenciado durante muitos anos no Brasil, explora a “melodia dos afetos” mediante uma linguagem que faz referência a memória do seu povo e realiza uma crítica direta e não velada diante do colonizador.

Neste contexto, insere-se o livro “*Ay Kakyri Tama*”, de Márcia Wayna Kambeba, Maciel (2013) no prefácio chama atenção:

[...] não é apenas a reunião de alguns poemas e crônicas sobre um grupo indígena da Amazônia. Nem é, tão pouco, uma simples aventura de uma “indígena da cidade” pelos difíceis labirintos da poesia e da literatura. Menos ainda uma mera “pulada de muro” de uma geógrafa para uma outra área do saber. Entre a diversidade dos temas abordados, o livro tem uma linha mestra, uma identidade clara: é, antes de tudo, um testemunho vivo e vivido, uma resposta serena e firme de um espírito inquieto e livre a problemas e questões dos índios, dada por uma mulher que pesquisando e trabalhando com os Kambeba, identificou-se neles e com eles, tronando-se uma de suas legítimas representantes. Por isso, é também um livro documento. Documento de vida, que reuni coragem denúncia e esperança. Coragem, porque traz à tona problemas de identidade étnica do passado e do presente dos índios que desafiam permanentemente as relações interétnicas na Amazônia; denúncia, porque escancara o cinismo e o preconceito da sociedade brasileira contra os índios, especialmente, contra os “índios citadinos”; esperança porque não se perde na lamentação das perdas e nem se contenta com a aclamação de um “passado heroico”, mas rima agradável e sutilmente a dinâmica da vida indígena e a realidade social na Amazônia. É numa lição de vida e de cidadania. Mais uma resposta inteligente dos Kambeba ao mundo dos brancos. Enfim, é uma flecha que rasga o tempo da história e quebra o silêncio monstruoso que protege aqueles que se sentem vencedores. (2013, p.15)

Além disso, salientamos que os escritos das primeiras mulheres indígenas, e em particular os de Márcia Wayna Kambeba, querendo ou não, abrem-se para um novo cenário onde a mulher nativa busca lutar por um protagonismo feminino na escrita. Dessa forma, ela começa a escrever seus pensamentos, a compor suas músicas e a fazer seus filmes, iniciando a vivência em um universo onde a caneta passa a ser a flecha que acerta sem sangrar e não mata, mas (in)forma e tenta descolonizar.

De natureza, a mulher já nasce rio, correndo solto na liberdade de ser, não só a geradora, mas a guardiã de saberes ancestrais, e, ensina com sua vivência. A natureza é sua

maior professora para composição da poesia. Primeiro, ela aprende a ouvir. Silenciando, consegue saber que o pássaro está cantando e depois vai imitá-lo. Aprende que respeito se deve a tudo, inclusive a natureza que acolhe e cuida. Aprende que a poesia está em cada gesto seu e na sua simplicidade de viver, até o banho de rio à tardinha, faz dela uma imagem poética que aos olhos de quem escreve torna-se letra, torna-se música, torna-se poesia.

Apesar desse protagonismo da mulher indígena na escrita, a publicação de poesia é bem inferior em relação à narrativa.

O site *Desacato* publicou em 21/11/2017 uma matéria com a seguinte manchete: “115 Escritores indígenas e poetas da América”. Segundo o site:

A Rádio Yandê reuniu uma lista especial com 115 de alguns dos muitos escritores indígenas, poetas de diferentes etnias e nacionalidades. O número de escritores vem crescendo nos últimos anos, cada vez mais indígenas buscam expressar sua verdadeira história através da escrita, passando saberes orais para outros formatos e dando força as suas identidades. (Disponível em: <http://desacato.info/115-escritores-indigenas-e-poetas-da-america/>. Acesso em 29/12/2018)

Dentre esses 115, há na lista o nome de 20 escritores indígenas brasileiros 12 homens e 8 mulheres: Eliane Potiguara, Márcia Wayna Kambeba, Lia Minapoty, Niara Terena, Graça Grauna, Maria José, Yakuy da etnia Tupinambá de Olivença, Renata Machado, da etnia tupinambá, Casé etnia Tupinambá e Xukuru.

Dessas oito escritoras indígenas, conhecemos a publicação de poesia somente de três: Eliane Potiguara, Graça Grauna e Marcia Wayna Kambeba. Essas poetizas publicam suas poesias nas redes sociais, sites, blogs e em livros físicos.

Eliana Potiguara¹⁷ no seu site onde apresenta suas publicações e também vende seus livros, dentre estes o livro de poesia *Metade Cara Metade Máscara* em sua 3ª edição.

Graça Gauna, publica suas poesias no seu blog¹⁸: *Arte palavra*. Também apresenta sua bibliografia publicada em livros físicos.

Marcia Wayna Kambeba publica suas poesias nas redes sociais (facebook, instagram), em sites como o *Recanto das Letras*¹⁹, também no seu livro físico *Ay Kakyri Tama*, 2ª edição em 2018 e seu mais novo livro poético *O lugar do saber*.

Observamos que o número de publicações de poesias indígenas contemporâneos escritos por homens ou mulheres é bem menor se comparado ao número de publicações em prosa. A título de informação, Daniel Munduruku, um dos escritores indígenas brasileiro

¹⁷ Disponível em <http://www.elianepotiguara.org.br/>. Acesso em 29/12/2018

¹⁸ Disponível em <http://ggrauna.blogspot.com/2007/>. Acesso em 29/12/2018

¹⁹ Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/autores/marciakambeba>. Acesso em 29/12/2018

talvez mais conhecido pelos não indígenas, informa em seu blog²⁰ que já publicou 52 livros para crianças, jovens e educadores, além disso é:

Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República desde 2008. Em 2013 recebeu a mesma honraria na categoria da Grã-Cruz, a mais importante honraria oficial a um cidadão brasileiro na área da cultura. Membro Fundador da Academia de Letras de Lorena. Recebeu diversos prêmios no Brasil e Exterior entre eles o Prêmio Jabuti, Prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Érico Vanucci Mendes (outorgado pelo CNPq); Prêmio Tolerância (outorgado pela UNESCO). Muitos de seus livros receberam o selo Altamente Recomendável outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2017 foi contemplado com o Prêmio Jabuti na categoria Juvenil. É o grande ganhador do Prêmio da Fundação Bunge pelo conjunto de sua obra e atuação cultural, em 2018. (Munduruku, 2018. Disponível em Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html>. Acesso em 29/12/2018.)

A resumida biografia de Daniel Munduruku é um dos exemplos dentre outros escritores indígenas cujas publicações literárias indígenas são escritas em prosa: narrativas.

Mesmo com número inferior de publicação, a poesia escrita pelo indígena, e no nosso caso, a poesia de Márcia Wayna Kambeba, carrega em cada palavra a alma de vozes ancestrais e comunitárias, assumindo, conforme Dorrico (2018) uma poética do eu-nós, mostrando que a memória e tradição fazem parte da sua identidade.

Ora, para realizar a leitura da poesia de Márcia Wayna Kambeba na sala de aula, servimo-nos das teorias da leitura subjetiva, reconhecendo nesta a possibilidade mais adequada para o tratamento dessas textualidade junto aos estudantes.

Por isso na próxima seção discorreremos sobre a teoria da leitura subjetiva e sobre o ensino de poesia no Ensino Fundamental, entendendo que para ouvirmos a fala do outro (a poesia indígena) necessitamos observar como está o lugar onde se realizará o encontro.

²⁰ Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html>. Acesso em 29/12/2018.

3 A LEITURA SUBJETIVA E O ENSINO DE POESIA

Nesta seção abordamos três tópicos referentes à didática da leitura do texto literário em geral, com recorte para a poesia na sala de aula. O primeiro refere-se ao ensino de literatura no Ensino Fundamental da escola pública brasileira. Como percebemos a recepção do texto literário pelos estudantes do Ensino Fundamental 1 (anos iniciais: 1º a 5º ano) e pelos estudantes do Ensino Fundamental 2 (anos finais 6º a 9º ano).

3.1 A literatura no Ensino Fundamental: *Era uma Vez o Felizes para Sempre!*

O contexto do ensino de literatura no Brasil está muito aquém dessa gestação que prepara a recepção de uma leitura do texto literário que dê vez e voz ao leitor. Ao longo de vinte anos ministrando aulas de Língua Portuguesa em escolas públicas e particulares em Pernambuco, vivenciamos, observamos e percebemos modos diferentes de ensinar literatura no ensino Fundamental.

No Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano) a literatura é apresentada de maneira lúdica, atrativa, envolvente, interativa. Ela convida o leitor ou ouvinte a participar intimamente das narrativas e poesias cantadas, declamadas, lidas, contadas. O leitor entrega-se de corpo e alma nos braços da fantasia e vivencia um sonho só realizável no universo da imaginação. Nessa fase, a literatura é o canto sedutor da sereia dos Ulisses, a cor do país das maravilhas das Alices, o gosto da terra de rapadura de São Saruê.

Esse tratamento do texto literário nos primeiros anos de vida escolar é evidenciado mediante os recursos gráficos (letras/fontes); fônicos (sons); cromáticos (cores); físicos (tamanhos e formato dos suportes textuais). Todo esse aparato que prepara a recepção da literatura nessa fase, desperta a curiosidade do leitor e o motiva a querer o livro para manusear, cheirar, brincar.

Ao iniciar suas leituras literárias, o estudante do ensino fundamental I age com afetividade e efetividade mediante o que lê, porque interpreta, dramatiza, canta, reconta, brinca e vive a história.

No Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano) a literatura é maltratada. O texto é um corpo usado para verificação objetiva de itens do Saeb/Prova Brasil, referentes aos descritores

de leitura²¹ que avaliam competência e habilidade de leitura do estudante e para estudo de fenômenos gramaticais e para explicação de estruturas, formas e esquemas que compõem o texto literário. Para Resende (2013):

(...) um aluno de 6º ano que saindo do universo da literatura infantil, é introduzido no universo literário de obras juvenis e adultas, com muita probabilidade será chamado a conhecer o verso decassílabo heroico de Camões em vez de mergulhar no universo semântico da poesia deste ou de qualquer outro poeta para, assim, quem sabe, apreciar e fruir a literatura, como se espera dessa etapa do ensino – a “formação do gosto”. (Resende, 2013, p. 11)

A literatura apresentada desse jeito fecha-se em um túmulo mal assombrado pelos exames externos cuja avaliação se dá de maneira objetiva, sem espaço para a subjetividade do leitor. A exemplo dessa questão²²:

Figura 1— Questão da prova do SAEB

Pepita a piaba

Lá no fundo do rio, vivia Pepita: uma piaba miudinha.
 Mas Pepita não gostava de ser assim.
 Ela queria ser grande... bem grandona...
 Tomou pílulas de vitamina... Fez ginástica de peixe... Mas
 5 nada... Continuava miudinha.
 – O que é isso? Uma rede?
 Uma rede no rio! Os pescadores!
 Ai, ai, ai... Foi um corre-corre... Foi um nada-nada...
 Mas... muitos peixes ficaram presos na rede.
 10 E Pepita?
 Pepita escapuliu... Ela nadou, nadou pra bem longe dali!

CONTIJO, Solange A. Fonseca. *Pepita a piaba*. Belo Horizonte: Miguilim, s.d.

No trecho “Lá no fundo do rio, vivia Pepita” (ℓ. 1), a expressão sublinhada dá idéia de

(A) causa.
 (B) explicação.
 (C) lugar.
 (D) tempo.

²¹ Vide: Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb: Temas e seus Descritores. Disponível em: portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/saeb/matrizes-e-escalas. Acesso em 29/12/2018.

²² Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/menu_do_pdf. Acesso em 29/12/2018.

Esse processo mata a literatura e afasta o leitor que nessa fase se vê diante de um cadáver que lhe causa repulsa. O exemplo apresentado é um entre outros que usam o texto literário para atender uma dessas três finalidades: 1) uso do texto literário apenas para estudos de análise linguística; 2) leitura objetiva do texto literário mediante questões de múltiplas escolhas bastante restritas, com ênfase no treinamento para responder as provas extremas como Saeb, Prova Brasil.

Tais problemas são também referidos por estudiosos do ensino de literatura desde o final do século XX. Segundo por Bordini e Aguiar (1993) esse fracasso da literatura na escola é consequência de causas evidentes como a dificuldade dos professores em acessar às fontes de informações como teorias e métodos para ensino de literatura, restringindo-se na maioria das vezes e ao livro didático como ferramenta principal, deixando o texto literário como secundário.

As autoras que mencionamos, enfatizam que o texto literário quando levado para sala de aula é usado para atividades repetitivas e obrigatórias, abordando acima de tudo o ponto de vista gramatical.

A respeito dessa prática as autoras afirmam que “o esvaziamento do ensino de literatura se acentua, portanto, não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase” (1993, p. 34). Uma proposta para superar essa crise é vincular a experiência do estudante ao texto literário. Oferecer ao estudante a possibilidade de uma leitura “descompromissada, livre e estimulante da imaginação e da criatividade ou do senso crítico” (1993, p. 33). Para isso é essencial uma abordagem metodológica que dê voz e vez ao leitor perante o texto literário.

A escola pública brasileira é norteadas por documentos que orientam o Ensino Básico. Referentes ao Ensino Fundamental, objeto de estudo desta pesquisa, apresentamos algumas considerações que eles tecem a respeito do texto literário.

Iniciamos pelos PCNs de Língua Portuguesa (1998) quando afirmam:

[...] Como representação - um modo particular de dar forma às experiências humanas -, o texto literário não está limitado a critérios de observação fática (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis (1998, p.26).

Entendemos que esse ultrapassar e transgredir “para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo” perpassa por um ensino de literatura sensível a escutar a voz do estudante leitor. Consideramos ouvir essa voz como uma necessidade para o ensino de literatura, uma vez que este depende dessa ressonância para se ganhar sentido no mundo do leitor. O ensino de literatura que não transforma, condena o leitor à escravidão objetiva da forma.

Conforme os PCNs do Ensino Fundamental II em relação à formação do leitor, à educação literária deve desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literária às formas culturais da sociedade. Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deveria permitir que o estudante viesse a descobrir ou perceber com a mediação do professor, o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura. Dessa forma, a literatura não deve ser um fardo para quem deseja desfrutá-la e sim uma agradável companhia que possa provocar no leitor emoções.

Visto que nossa pesquisa se realizou em Pernambuco, também observamos o que expressam sobre o ensino de literatura *Os Parâmetros Curriculares para a Educação Básica do Estado de Pernambuco*:

(...) a leitura literária ocupa lugar de destaque na formação de um leitor proficiente. O leitor é alguém que escolhe ler porque descobriu o prazer de ler. Mas, além do despertar do gosto, a formação para a literatura faz-se a partir do desenvolvimento de capacidades que auxiliam os leitores em formação a abordar os textos literários, dando conta de suas especificidades e das estratégias e recursos que fazem sua literalidade. (Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco, 2012, p. 85)

Para esse “despertar do gosto”, do jovem leitor, ressaltamos que a mediação do professor é o elemento fundamental, em outras palavras, comparamos essa mediação a uma chave que dá acesso ao quarto onde dorme o prazer.

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2008) apresentam considerações importantes para o ensino de literatura no Ensino Fundamental. O documento defende que os textos literários como criações poéticas, dramáticas e ficcionais da cultura letrada devam ser colocados em primeiro lugar no currículo de ensino de literatura, porque são textos menos acessíveis aos leitores, sobretudo da escola pública. A primazia desses textos em sala de aula garante a democratização da literatura que é para todos, não para alguns.

Entretanto, as OCNs (2008) questionam o fato de no Ensino Fundamental dos anos finais, os textos escolhidos para a sala de aula não correspondem, na maioria das vezes, ao

gosto do estudante, o que ocasiona um declínio na leitura literária em sala de aula. Isso não quer dizer que o jovem deixou de ler. O jovem nessa fase, fora do ambiente escolar, adota uma leitura literária livre de sistemas ou de controles externos. Procura por conta própria ou por indicação de um colega um livro “bom”, “legal”, “com uma história boa” para ler.

Como afirma as OCNs (2008):

[...] Observando as escolhas dos jovens fora do ambiente escolar, podemos constatar uma desordem própria da construção do repertório de leitura dos adolescentes. Estudos recentes apontam as práticas de leitura dos jovens fundadas numa recusa dos cânones da literatura, tornando-se experiências livres de sistemas de valores ou controles externos. (Orientações Curriculares nacionais para o Ensino Médio, 2008, p.61)

Ora se a literatura está presente no século XXI é porque há leitores. Se fora da escola, os jovens procuram ler literatura, por que na sala de aula a repudiam? Talvez o problema não esteja no texto levado para a sala de aula, mas na maneira de *como* trabalhar, estudar, mediar esse texto. Assumimos a opinião de que estudante tem o direito de ser escutado no ato de escolha do texto literário. Contudo, reafirmamos que o professor como mediador pode contribuir com métodos que favoreçam a reapropriação da leitura para que o jovem leitor não repudie o que a escola oferece.

A Base Nacional Curricular Comum- BNCC ao tratar sobre literatura destaca:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2018, p.136)

Reafirmamos, que para “garantir a formação de um leitor fruidor” o ensino de literatura é fundamental. Ancorados, também, na nossa vivência pessoal e profissional concordamos com essa dimensão da literatura: o poder de mobilizar e transformar o *ser em humano*. Essa humanização, de acordo com A. Candido, é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da

vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (Cândido, 2014, p. 29).

Mediante esse poder que tem a leitura do texto literário pode proporcionar, não imaginamos uma sala de aula sem literatura, sem a presença dos personagens dialogando, dos enredos fantásticos, sobrenaturais, maravilhosos, das memórias evocadas a cada leitura, da partilha do sentimento, da mudança de humor, do deslocar para outro mundo ou trazer a história para o nosso mundo. Tudo isso, só é possível mediante o texto literário. Ele fundamenta esse entre-lugar do leitor e do texto. A sala de aula pode e deve ser o *locus* para essa conquista, isso sim, é fundamental.

Diante desse contexto pensamos em contribuir com propostas que pudessem apresentar a literatura na sala de aula de uma maneira mais acessível, gostosa, atraente, participativa, interativa e prazerosa. Na condição de professor de língua Portuguesa do Ensino Básico e público no Brasil, consideramos que a leitura do texto literário é uma condição fundamental para o exercício da cidadania e para a construção de um posicionamento mais autônomo com o mundo.

A Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2018, p. 69) destaca que o Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias.

Compreendemos essa interação ativa do leitor/ouvinte/espectador como um elemento metodológico no processo de ensino do texto literário que centraliza no leitor. Por isso, as práticas de ensino de literatura devem estar voltadas, principalmente, para dar voz aos leitores.

Temos consciência que não solucionaremos os problemas apontados no início dessa seção: 1) uso do texto literário apenas para estudos de análise linguística; 2) leitura objetiva do texto literário mediante questões de múltiplas escolhas bastante restritas, com ênfase no treinamento para responder as provas extremas como Saeb, Prova Brasil. No entanto não devemos nos conformar com tal situação.

Nossa inquietação enquanto, leitor, professor e pesquisador conduziu-nos a investigar dentro dos limites desta pesquisa o texto literário “provavelmente menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula” como afirma Pinheiro (2007, p.17), a saber, a poesia. Por se tratar de um texto que merece mais atenção dentro da sala de aula e por termos escolhido

esse gênero para investigação dessa pesquisa, abordaremos no tópico seguinte o lugar desse texto na aula de língua portuguesa.

3.2 Encontros com a poesia na sala de sala aula

Nesse tópico discorreremos sobre o trato da poesia na sala de aula. Mas antes de falarmos sobre o *modus operandi*, questionamos: Onde encontramos a poesia na sala de aula? A nossa prática docente reconhece que a poesia está presente na escola. Poderíamos, de modo geral responder: biblioteca escolar. No entanto, não fizemos um levantamento para saber se todas as escolas têm biblioteca e se nelas há livros de poesia. Por não ter esses dados, investigamos o *locus* onde certamente há poemas e é acessível para a maioria dos estudantes do ensino fundamental: o livro didático. Basta uma folheada em qualquer livro didático de Língua Portuguesa para verificar que há inúmeros poemas.

Segundo dados estatísticos por unidade da federação (dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD), no Brasil foram registrados os seguintes números em livros adicionais consumíveis e reutilizáveis²³ distribuídos em 2017:

Quadro 1 — Distribuição dos livros Didáticos de Língua Portuguesa 6º ao 9º ano em 2017.

Ano do PNLD	Atendimento	Escolas Beneficiadas	Alunos Beneficiados	Exemplares	Valores (R\$) Aquisição
PNLD 2017	Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano	49.702	10.238.539	79.216.538	639.501.256,49

As coleções mais distribuídas em Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental são:

Quadro 2 — Coleções classificadas para distribuição.

Colocação	Nome da Coleção	Nº de exemplares distribuídos
1º	Portuguesas Linguagens	5.792.929

²³ Todos os dados sobre números de distribuição e investimentos foram colhidos e estão Disponíveis em: <http://www.fn.de.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>, acesso em 01/07/2017.

2º	Singular & Plural - Leitura Produção e Estudo de Linguagem	1.108.198
3º	Para Viver Juntos	1.099.005
4º	Projeto Teláris Português	1.023.306
5º	Tecendo Linguagens	1.017.914
6º	Universos Língua Portuguesa	745.592

Para sermos mais precisos, após debruçarmos sobre as coleções distribuídas pelo Programa Nacional do Livro Didático referentes ao triênio 2017-2019, constatamos um total de 426 poemas. A tabela seguinte apresenta o resultado por coleção e por ano do número de todos os poemas existentes, independentemente da autoria.

Quadro 3 — Número de poemas encontrados nas coleções.

COLEÇÃO	6º Ano	7º ANO	8º ANO	9º ANO	Total por coleção
Português Linguagens	16	56	41	43	156
Singular & Plural	09	28	12	13	62
Para Viver Juntos	14	15	21	02	52
Projeto Teláris - Português	13	30	14	28	85
Tecendo Linguagens	15	03	10	05	33
Universos - Língua Portuguesa	14	06	06	12	38
Total por ano	81	138	104	103	Total geral 426

Observando esse quadro, verificamos um fato positivo: o poema está na escola e na sala de aula, no entanto *como está* e *o que se faz com ele*, merece ser discutido.

Reconheço que há na poesia peculiaridades que carecem de mais cuidados que, por exemplo, um texto em prosa. Esses cuidados requerem um planejamento diferenciado para a vivência em sala de aula. Por exigir mais dos professores, A maioria desses ou excluem-na do conteúdo programático ou adotam uma abordagem que explora questões técnicas como,

métrica, rima, verso, estrofe, bem como, casos isolados de gramática. Não que esses fatores não sejam importantes, o problema é reduzir o poema nisso. A prioridade de trabalhar a poesia na sala de aula é envolver o leitor na fortuna plurissignificativa e prazerosa que ela proporciona.

Isto posto, não podemos dizer que não ensinamos poesia porque ela está ausente da sala de aula. O acervo de poemas que está no livro é um bom começo para ser aproveitado mediante um ensino de poesia com uma perspectiva de despertar a sensibilidade e o senso poético dos estudantes. No entanto, percebemos que a maior dificuldade dos professores de língua portuguesa está nesse *como* ensinar.

Conforme Pinheiro (20018, p. 11) “A primeira fase do ensino fundamental (1º ao 5º ano) apresenta problemas graves no trato com o gênero poético- isso quando existe contato”. Esses problemas advêm de dificuldades relacionadas ao como interpretar, como entender, como compreender, como analisar, como captar a mensagem, como ler. Essas inseguranças caminham até os anos finais do ensino fundamental e de acordo com Pinheiro (2018, p.14) “Quando chegamos às séries finais do ensino fundamental (8º e 9º ano), a indicação de livros de poemas se torna mais complexa, uma vez que é muito difícil falar em poesia para jovens, como se fala em poesia infantil.”.

Mediante essa problemática, acreditamos que se apresentarmos a poesia com humanidade, isto é, valorizando o encanto, a riqueza simbólica das palavras, o sentido do texto, talvez dê ao estudante mais liberdade para expressar sua voz, seus sentimentos e suas interpretações sobre a mesma aprofundando assim o relacionamento mais íntimo nesse encontro.

No exercício do nosso magistério aspiramos proporcionar aos estudantes do Ensino Fundamental as condições possíveis para ler poesia, uma vez que percebemos essa ausência dela nas aulas de língua portuguesa no Ensino Fundamental dos anos finais.

Para isso, concernente à leitura de poesia, necessitamos assumir uma concepção de leitura que proporcione ao leitor essa experiência íntima e que tem a ver fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção. Em outras palavras, que dê ao estudante liberdade para mergulhar na riqueza polissêmica do texto poético. A partir do momento que libertarmos o jovem leitor das amarras que lhe prende a definições formais e estruturais, ele mergulhará nesse oceano plurissignificativo e simbólico da poesia e sentirá o prazer da leitura afetiva e efetiva, pois, conforme Pinheiro (2011):

[...] se o momento da literatura é o do deleite, do encantamento, da descoberta, da perplexidade, da inquietação, o momento posterior é da tentativa de compreensão e de explicação, a partir do texto, da experiência de leitura – que resulta de uma interpretação (2011, p.19).

Ora, a poesia merece ser entendida como um objeto artístico e isso nos pede uma apresentação inicial mais sensível, uma vez que a porta de entrada para a apreciação de uma obra de arte é sensibilidade e intuição.

No entanto, parece é que esse encantamento está camuflado pela roupa mecânica, prática e descartável vigente no século XXI, e isso leva-nos a questionar junto a Bosi (2000, p. 9) “o que faz um poema poesia e como este resiste à usura do tempo, roedor silencioso de tantas coisas?”. Não temos uma resposta exata para tal indagação, o que percebemos é que a poesia continua resistindo em meio a uma sociedade cuja prioridade é a utilização lucrativa das coisas. Mas o fato de não ter uma resposta, não nos impede de refletir ainda ao lado de Bosi (2000) quando afirma em *O ser e o Tempo da Poesia*:

[...] toda essa “racionalidade” pouco razoável, cega e surda à dúvida, à diferença e à invenção fecha-se em sua rigidez compulsiva que já é, em si mesma, violência. E como sentir e pensar a poesia nesse quadro de ideias marcado por tão poderosos esquematismos? (2000, p.11)

Ao refletirmos sobre essa indagação, percebemos que a leitura da poesia pode ofertar para a humanidade os sentimentos que o Capitalismo (consumismo exacerbado) vem sequestrando: o prazer e o direito de emocionar-se.

Apesar do ensino da poesia não motivar a sua leitura na escola, não significa que o estudante não goste de tal texto, ao contrário, basta um olhar superficial em mídias como *instagram*, *facebook*, *youtube*, para perceber como a poesia é bem acolhida pelos mesmos jovens que frequentam nossas salas de aula. O que diferencia essa recepção é a maneira como ela é ofertada: na escola como uma obrigação; fora da escola como deleite.

Mesmo diante do século do descartável, a poesia resiste sobre várias faces conforme podemos ler em Bosi (2000):

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, “esta coleção de objetos de não amor” (Drummond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo descontínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; resiste imaginando uma nova ordem que se recorra no horizonte da utopia. Quer refazendo zonas sagradas que o sistema profana (o mito, o rito, o sonho, a infância, Eros); quer desfazendo o sentido do presente em nome da liberação futura, o ser da poesia contradiz o ser dos discursos correntes. (Ainda que nem sempre possa impedir de todo que um ou outro

pseudovalor folmal vigente – e, ideológico- venha a cruzar o seu jogo verbal.) (Bosi, 2000, p. 169)

Na escola, essa face da resistência que a poesia pode proporcionar, depende de como ela é abordada na sala de aula e isso compromete o professor como o sujeito que realiza a mediação para que o leitor recepcione a poesia, reaproprie-se do texto e possa expressar a sua emoção mediante outros textos (verbais e não-verbais) e linguagens (orais, escritas, auditivas, visuais).

Para nós, mediar um encontro entre a poesia e os estudantes no *canto* da sala de aula com a finalidade de sensibilizá-los para vivenciar o encanto e encontrar as faces de resistência que a poesia apresenta é uma tarefa a ser cumprida no exercício do nosso magistério. Entendemos que preparar essa recepção é obrigação do professor e isso requer dele intimidade com a poesia. Nesse contexto, Hélder Pinheiro (2018) destaca que:

A primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor com uma experiência significativa de leitura. Por “experiência significativa” não queremos dizer que ele deva ser um erudito, mas antes alguém que, mesmo tendo lido poucas obras, por exemplo, o tenha feito de forma aprofundada, conheça poemas centrais de determinados poetas, temas recorrentes, peculiaridades da linguagem poética. (Pinheiro, 2018, p. 22)

Para nós professores essa experiência significativa influencia diretamente no nosso *modus operandi* na sala de aula. A nossa uma convivência pessoal com a poesia pode influenciar na metodologia que pode ser para o estudante uma recepção de boas vindas para a leitura de poesia ou uma decepção que o afastará dela.

A maneira como o professor trata a poesia revela a sua relação com ela. Reconhecemos que para um professor que não gosta de ler poesia, dificilmente promoverá a leitura dela e o professor que não se encanta com a poesia, talvez, não consiga provocar no aluno o encanto por ela. Pinheiro (2018) fortalece nossa hipótese ao afirmar:

Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente, poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia. (Pinheiro, 2018, p. 22)

Essa abordagem da poesia na sala de aula requer do professor uma perspectiva sensibilizadora para que consiga intensificar o encantamento pela poesia, isto é, a emoção que uma criança sente ao ouvir ou ler um poema, bem como, o resgate no leitor do universo

mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica com a sensibilidade poética. Ou no dizer de Paz (2012, p. 33):

O poema é uma possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo ou sua disposição. Pois bem, o poema é apenas isto: possibilidade, algo que só se anima em contato com um leitor ou ouvinte. Há um traço comum a todos os poemas, sem o qual eles nunca seriam poesia: a participação.

A leitura de uma poesia é também criação, ou melhor, recriação dos gestos originais da criação do próprio poema. O leitor, ao seu modo, reconstrói os sentidos do texto a partir do que é, do que as palavras dizem e do que é ou foi o poeta.

Além disso, por meio de poemas, novos sentidos são criados, reavivando aqueles já existentes. Sobre isso é interessante o que afirma Bosi (2000, p. 169): “Quer refazendo zonas sagradas que o sistema profana (o mito, o rito, o sonho, a infância, Eros); quer desfazendo o sentido do presente em nome de uma liberação futura, o ser da poesia, contradiz o ser dos discursos correntes”.

A poesia proporciona ao leitor uma experiência íntima relacionada à sua subjetividade e não deve ficar presa a formas e estruturas mensuráveis dentro de modelos esquemáticos – deve sim, seduzir o leitor e provocar nele reflexões sobre o seu ser, estar e o conviver no mundo. Para tal perspectiva sensibilizadora, nesta pesquisa, apoiamo-nos nas teorias da leitura subjetiva, isto é, uma concepção de leitura do texto literário mediante a perspectiva subjetiva realizada por um leitor real.

A respeito da leitura subjetiva e do leitor real especificamos no tópico seguinte.

3.3 O ressoar do leitor real e a leitura subjetiva

Iniciamos esta seção com uma palavra muito importante para o nosso agir professoral: Esperança, do Latim *spes* significa tanto a expectativa (de uma coisa feliz), quanto o nome de uma divindade que os romanos consideravam irmã do Sono, representada por uma jovem coroada de flores e sorridente.²⁴ A impressão que temos é que o sistema educacional brasileiro idealiza um estudante leitor do texto literário que tenha habilidade e competência para dominar a estrutura e forma das obras lidas. Isso, não condiz com a experiência que o estudante tem, quando lê obras que ele mesmo escolhe.

²⁴ Informações encontradas no Dicionário Escolar Latino Português, de Ernesto Faria, 1994, página 513.

Como há uma grande distância entre a idealização e a realidade, ao se deparar com o leitor de carne e osso, que recebe o texto com sua idiossincrasia, o sistema muitas vezes se decepciona e ao contrário da deusa *Spes*, apaga o sorriso. Enquanto o sistema ditar o que o estudante deve falar, ou melhor, arremedar em relação à literatura, esta permanecerá tolhida na sala de aula. Ouvir a voz peculiar do sujeito leitor é um horizonte possível para o ressurgimento do prazer humanizador da leitura do texto literário, especialmente, da poesia na sala de aula.

Michel Picard (1986) *apud* Jouve (2012) propõe três instâncias da leitura: o leitor, o lido e o leitante:

O leitor é definido como parte do indivíduo que, segurando o livro nas mãos, mantém contato com o mundo exterior; o lido, como o inconsciente do leitor que reage às estruturas fantasmáticas do texto; e o leitante, como a instância da secundariedade crítica que se interessa pela complexidade da obra. (JOUVE, 2012, p. 50).

Essas instâncias que se referem ao leitor real são fundamentais para quem pretende ouvir a ressonância dos leitores perante as obras trabalhadas. A respeito dessa teoria entendemos o leitor real como o sujeito que lê de acordo com suas condições físicas, psíquicas, sociais e culturais no contexto em que está inserido.

A voz desse sujeito leitor respalda-se nessa pesquisa é fundamentado na teoria de Michel Picard (1988) *apud* Jouve (2012, p.49) referente ao leitor real sobre quem afirma: “o verdadeiro leitor possui um corpo, lê com ele”. Para esse autor é imprescindível escutar os leitores reais em suas comunidades interpretativas²⁵ uma vez que é importante que os textos desses leitores, em suas singularidades, sejam legitimamente admitidos na sala de aula e submetidos à reflexão coletiva. Por isso a importância de investigar o que escreverá o leitor real que nessa pesquisa será o estudante do nono ano do Ensino Fundamental.

A leitura do texto literário, conforme afirma Rouxel (2013), é a construção de cultura, identidade e sensibilidade e deve ser encarada como um tempo de formação. Ora, parece claro que, no aporte textual trabalhado em sala de aula, o texto literário deva ser explorado levando em consideração a voz do sujeito leitor, a escuta dos seus sentimentos e as suas emoções. A mesma autora em 2014 reafirma²⁶:

²⁵ Rezende (2013, p.8) chama de comunidades interpretativas, “comunidades interpretativas”, ou simplesmente “comunidades de leitores” às denominações correntes hoje para agrupamentos com referências culturais compartilhadas.

²⁶ ROUXEL, Annie. ENSINO DA LITERATURA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E FORMAÇÃO DO LEITOR (*Sobre a importância da experiência estética na formação do leitor*). In: Memórias da Borborema 4:

é necessário instituir alunos, sujeitos leitores [...] engajar os alunos na aventura interpretativa, com seus riscos, suas instabilidades, suas contradições, suas surpresas, suas descobertas, mas também seus sucessos. A leitura literária, assim pensada, se apoia nas experiências de leituras particulares dos alunos pelos quais o texto toma vida e significação. [...] incitar os leitores reais, empíricos, a ousarem a ler a partir de si, a reagir e a refletir sobre os efeitos da obra sobre eles. (ROUXEL, 2014, p.21)

O leitor real de fato, é aquele que lê, por meio do celular, de cópia de livros, de livros emprestados; leem na viagem de ônibus, metrô, avião, a pé, na fila de espera para atendimento, onde e como lhe for possível fazer a leitura. Ao ler o texto, esses leitores estão atentos às repercussões que a obra suscita neles mesmos cuja subjetividade pode construir a base de um pensamento autônomo e crítico. Conforme Langlad (2013)

Esse leitor empírico está contido nos bastidores das teorias da recepção, com a subjetividade e singularidade de sua maneira de ler [...] é impossível não reconhecer que o leitor real está no cerne de toda experiência viva da literatura, de toda apreensão sensível, ética e estética das obras. (LANGLAD, 2013, p.20)

Mas quem são os leitores reais desta pesquisa? Os leitores reais com os quais trabalhamos foram 30 estudantes os estudantes que estudam na Escola Iraci Rodovalho situada no Bairro Curado 2 no município de Jaboatão dos Guararapes/PE.

Para maioria desses estudantes as condições financeiras são precárias que interferem nos estudos e principalmente na leitura, visto que nas horas que deveriam estar estudando, estão ajudando a família conseguir dinheiro para o orçamento mensal. São estudantes que na sua maioria não têm o hábito de ler literatura. Muitos deles conhecem o texto literário, especialmente a poesia, somente por meio do livro didático ou livros da biblioteca escolar. Nesse contexto os nossos leitores reais leem de acordo com suas possibilidades físicas e psíquicas, suas condições financeiras e disponibilidade de tempo.

Apresentar a poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba para esses leitores exigiu uma concepção de leitura também atrativa. Uma maneira de leitura que deixasse o leitor adentrar a sua imaginação e percorrer um caminho cuja aventura está sujeita a riscos, instabilidades, contradições, surpresas, descobertas, mas também a sucessos.

Para tanto, conforme mencionamos acima, como aporte para a leitura dessa poesia em sala de aula adotamos a leitura subjetiva sobre a qual trataremos a seguir.

Os estudos referentes a essa concepção de leitura encontram-se no cerne das discussões contemporâneas no âmbito do ensino de literatura. A partir do colóquio, “Sujeitos leitores e ensino de literatura”, na cidade de Rennes, França, em 2004, estudiosos como Annie Rouxel, Gérard Langlade entre outros, problematizam o ensino contemporâneo de literatura a partir de discussões sobre a aproximação do leitor com o texto explicitando a subjetividade do sujeito já estabelecida em diferentes áreas do conhecimento, sobretudo da Educação. Os autores destacam o papel do leitor na produção do sentido textual, valendo-se das teorias da Estética da Recepção, bem como a tensão entre os dados objetivos de um texto e sua apropriação por meio das subjetividades dos leitores.

A leitura subjetiva propõe uma formação do sujeito leitor que atue sobre o texto literário a partir de conhecimentos acumulados e estruturados mediante a vivência em uma determinada cultura. Nessa experiência, cabe ao leitor real um envolvimento singular e individual, por meio de um despertar de sensações e de imagens tanto de leituras prévias quanto de vivências da realidade, constantemente entrecruzando mundos e intencionalidades da obra e do leitor.

Nesta pesquisa, a emoção sentida na leitura das poesias pelos estudantes de nono ano, é objeto de análise. A união das teorias da “emoção sentida” (Jouve, 2013) mais a “apropriação da leitura” (Langlade, 2013) podem nos permitir a análise da “leitura como retorno a si” mediante o que os estudantes escreveram no diário de leitura. A leitura subjetiva e o seu contexto atual, propõe para o ensino da literatura na sala de aula uma abordagem voltada para o sujeito leitor.

Essa abordagem do ensino da literatura está sintonizada com a voz do sujeito leitor e a sua subjetividade. Langlade (2013, p. 25) chama essa atuação de “ecos íntimos” que são: “Os distúrbios, as emoções, os devaneios, as associações de ideias ou mesmo vinculações espontâneas, que tem suas raízes na personalidade profunda, na história pessoal, nas recordações literárias ou lembranças de momentos vividos do indivíduo que lê.” Em outras palavras esses ecos íntimos são como indício de uma apropriação do texto, de uma singularização da obra pelo leitor, e apresentam-se como marcadores da subjetividade, isto é, as reações que aparecem na consciência do leitor no decorrer da leitura.

A leitura realizada nesta perspectiva contribui para a construção de identidades - primeiramente a do leitor que define sua maneira de ler e posteriormente a literária que exprime a equivalência entre o texto e a identidade pessoal de quem lê. Para Jouve (2013, p. 53): “cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não

significa somente sair de si, mas retornar a si”. Essa a troca recíproca e contínua entre a interioridade do leitor e a obra possibilita a formação de um leitor intérprete autônomo capaz de se apropriar pessoalmente dos textos e dar sentido a suas leituras.

Ora, nessa apropriação de leitura o texto do autor se torna também texto de leitor. A esse respeito Rouxel (2013) expressa:

(...) O texto do leitor resulta de mestiçagem entre texto do autor e o imaginário do leitor. O imaginário do leitor alimenta-se, ele próprio, das várias fontes: compõem-se de imagens e representações que provem da sua experiência do mundo – da sua história pessoal, do coletivo da sociedade em que vive – e das suas experiências anteriores. (p. 200)

Esse novo texto ecoa subjetividades pelas quais se podem compreender tanto o tipo de leitor quanto os gostos, a experiência de mundo e as referências literárias já constituídas pelo leitor. Observar na sala de aula a importância das experiências e dos repertórios pessoais nos processos de interpretação e de apreensão do texto literário pode oferecer ao professor uma pista fundamental para novas propostas para o ensino de leituras do texto literário.

No Brasil, autores como Neide Luzia de Rezende, Rosiane Xypas, entre outros, propõem reflexões sobre as reações subjetivas que podem aparecer no ato da leitura (uma exclamação, uma hesitação, uma súbita concentração, um sorriso, uma evocação um silêncio etc.) incitando questionamentos das práticas docentes atuais e provocando uma reconstrução da trajetória do leitor. Ao focalizar essas marcas pessoais, subjacentes à experiência da leitura literária, as autoras destacam práticas pedagógicas que possibilitam aproximar os leitores das obras e, igualmente, ser fonte de ensino de conteúdos curriculares, sem ferir os direitos do texto ou os do leitor.

Por sua vez, Xypas (2018, p.59) afirma que os diários de leitura “são espaços onde poderão registrar, com a maior liberdade de expressão suas percepções, emoções, descobertas, acumuladas ao longo do processo de leitura”. Estimular uma relação suave e significativa entre o leitor e o texto literário, isto é, promover a educação literária valorizando a leitura de poesia e sua produção de sentido e apreensão de conhecimento é um desafio da leitura subjetiva. Enquanto professores mediadores, podemos estimular no aprendiz a descoberta da função do texto literário, pois segundo Xypas (2015):

[...] o aprendiz deve perceber a leitura de textos literários como atividade essencial e não como uma atividade custosa, ou inútil para sua vida pessoal. (...) É preciso que o aprendiz saiba atribuir à leitura de textos literários, uma função social, funcional e/ou de prazer (XYPAS, 2015, p. 226).

O diário de leitura é um espaço de registros de suas opiniões sobre a obra, onde, e quando ele pode se sentir bem à vontade para expressar sua crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas! O diário de leitura não é resumo, não é sinopse. É uma conversa *intimamente* pessoal sobre uma obra. No diário de leitura o leitor também pode escrever, desenhar, colocar o trecho de que mais gostou, retextualizar. Enfim, usar a criatividade para expressar seus sentimentos em relação ao que fora lido.

A voz deste leitor pode ser expressa nos diários de leitura. Rouxel (2013, p.20) afirma que os diários de leitura são “uma forma privilegiada de explorar o processo de leitura, observar como se dá a lógica associativa, como se elabora, por afirmação de si ou por questionamentos, a construção identitária”. Salientamos que no diário de leitura o leitor tem a liberdade de descrever com detalhes: como foi seu encontro com o texto lido, o que sentiu, o que mais chamou a sua atenção, o que mais gostou, o que não gostou, o que aprendeu com a leitura.

No entanto, nem todos os leitores sentem a necessidade de escrever sobre o que leu em um diário de leitura. Percebemos que quando escrevem sobre um livro usam mais as redes sociais. Na sala de aula preferem expressar as suas emoções mediante opiniões orais, sorrisos, gestos etc. Ressaltamos que, apesar de reconhecermos que os leitores com os quais trabalhamos não tinham a experiência da escrita no diário de leitura, escolhemos esse meio para analisar os ecos íntimos do leitor referentes à leitura da poesia indígena de Márcia Wayna Kambéba.

Para encaminhar o leitor a escrita dos diários, necessitamos fazer uma mediação por meio de atividades orais e escritas. Esse direcionamento, apresentamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, dissertamos como foi mediada a intervenção para realizar o encontro do leitor com a poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba na sala de aula. Para tal, elaboramos para cada estudante, uma atividade impressa referente a cada poema entregamos-lhes um diário de leitura. Pedimos aos estudantes que nas atividades e no diário de leitura expressassem por escrito suas emoções sobre cada poema vivenciado.

Apresentamos nesta seção, os resultados desse encontro, registrados nas atividades e nos diários de leitura. Nestes, consequentemente, analisamos a “emoção sentida” segundo Jouve (2013) ou os ecos íntimos do leitor do Ensino Fundamental.

4.1 Abordagem da pesquisa adotada: quali-quantitativa

Para responder à pergunta norteadora desta pesquisa, como a poesia indígena brasileira de Márcia Wayna Kambeba apresentada à luz da leitura subjetiva poderá contribuir para o encanto, o envolvimento e o deslocamento do olhar dos estudantes sobre a cultura dos povos nativos, elaboramos atividades de leitura das poesias indígenas de Márcia com questões que conduzissem o leitor a respostas subjetivas, à luz da teoria da leitura subjetiva.

Mencionamos na introdução dessa pesquisa que utilizaria a leitura subjetiva como mediação da poesia indígena, para assim, favorecer o envolvimento do leitor e, consequentemente, proporcionar-lhe a descoberta de si e do outro.

Desta forma, interagindo diretamente com a sala de aula em questão (nono ano do Ensino Fundamental) utilizamos neste trabalho, a abordagem qualitativa pautada na metodologia de pesquisa-ação, definida por Michel Thiollent (2011) como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p.20).

Para a viabilidade deste trabalho, usamos quatro etapas da pesquisa-ação:

1. Diagnosticar uma dada situação: esta pesquisa partiu do pressuposto e confirmação da carência da leitura do texto literário proposto pela escola, em geral, e da poesia indígena brasileira, em particular, nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental.

2. Formular uma estratégia de trabalho: a estratégia concebida para esta pesquisa visou uma abordagem de leitura da poesia indígena, mediante atividades para analisar os processos interpretativos da leitura dos poemas dos estudantes e para tal, se serviu da leitura subjetiva pela qual os leitores investem-se no texto, ou seja, transformam-se quando se reapropriam do mesmo a seu modo. Desta forma, reafirmo o reconhecimento desse leitor real e de suas criatividades na construção dos sentidos do texto. O único, segundo Michel Picard (1989) apud Jouve (2013) a dar conta da leitura efetiva do texto literário.

3. Desenvolver estratégias eficientes: esse desenvolvimento das estratégias foi efetivado mediante atividades de leitura de poesias realizadas durante as intervenções nas aulas, conforme especificadas adiante nos procedimentos para atividades.

4. Analisar e compreender a nova situação: Essa análise e compreensão foram realizadas com base nos registros das atividades e dos diários de leitura escritos pelos estudantes e para tal, servimo-nos de uma grelha de análise desenvolvida por Xypas (2018), conforme especificada adiante nos procedimentos para a análise e interpretação dos dados. Essa nova situação, isto é, mudança de percepção do leitor, referentes à cultura indígena no Brasil, pode ser verificada, através dos registros encontrados nas atividades e no diário de leitura.

Na busca de alcançar os objetivos dessa pesquisa, a princípio fizemos pesquisa bibliográfica a respeito da literatura indígena e a poesia de Márcia Kambeba; da leitura subjetiva; do conceito de leitor real e os seus ecos íntimos expressos em relação à obra literária estudada.

4.2 Sujeitos e campo de pesquisa

O vigente trabalho de pesquisa foi posto em prática em uma turma única de 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Iraci Rodovalho, situada no Curado II, Jaboatão dos Guararapes/PE. Essa turma é composta por 30 (trinta) estudantes.

À princípio, pensamos em preparar uma sala de aula separada, onde pudéssemos ornamentar, confeccionar e mediar as atividades, no contra turno, somente com os estudantes que se propusessem participar da pesquisa. Contudo, desistimos desse planejamento, por termos dificuldades em conciliar essas aulas para a pesquisa com as aulas ministradas no horário oficial, pois os estudantes não tinham disponibilidade para virem no contra turno porque participavam das aulas de Educação Física e de Música.

Assim, o campo de intervenção da pesquisa foi a própria sala de aula, no horário oficial com a presença de todos os estudantes da classe, neste caso o 9º ano B turno da manhã. Os estudantes que não se dispuseram a participar do projeto, como informantes, não deixaram de participar das atividades. Por serem vivenciadas no horário oficial da escola, também foram usadas como processo avaliativo.

Esclarecemos a todos que somente seriam analisadas as atividades e os diários dos estudantes que autorizassem por escrito o termo de assentimento livre e esclarecido (para menores de 7 a 18 anos) e que fossem também autorizados pelos responsáveis por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (para responsável legal pelo menor de 18 anos), conforme aprovação do Comitê de Ética da UFPE.

Do total de 30 estudantes da sala, apenas 10 se dispuseram a escrever o diário de leitura, dentre esses 10, apenas 7 estudantes entregaram os diários, os outros três desistiram da escrita alegando falta de tempo para escrever. Conforme esclarecido no termo de consentimento, o estudante tinha o direito de não dar o consentimento ou de retirá-lo a qualquer momento; assim como também, teve o direito de não participar de todas as atividades propostas. E apesar de poucos diários entregues, as atividades foram realizadas por todos. Quanto ao desenvolvimento de cada uma descreveremos adiante.

4.3 Perfil dos informantes

Critérios de inclusão: Participaram da pesquisa, apenas os estudantes do 9º Ano, na faixa etária igual ou superior a 13 anos, que estavam, no momento da coleta, matriculados e frequentando a Escola Municipal Iraci Rodovalho situada no Curado II, Jaboatão dos Guararapes/PE.

Critérios de exclusão: não puderam ser voluntários da pesquisa estudantes de outras turmas da própria escola, estudantes do mesmo ano de outra escola, nem inferiores a 13 anos, tampouco, estudantes da escola que não estivessem frequentando ou não estavam, no momento da coleta, na sala de aula.

Segue uma tabela com o perfil dos estudantes (nomes fictícios) que tiveram as atividades e diários analisados.

Quadro 4 — Nomes fictícios dos leitores informantes.

Nº	Nome	Idade	Sexo
----	------	-------	------

01	Lunna	15	Feminino
02	Preta Flor	14	Feminino
03	Jughead	14	Masculino
04	Sophia	14	Feminino
05	A.S	14	Feminino
06	Bella	15	Feminino
07	Artêmis	14	Feminina

4.4 Procedimentos das atividades

Descrevemos a seguir cada passo das atividades realizadas. A escolha do *corpus*; as etapas das atividades; a intervenção das atividades.

4.5 Escolha do *Corpus* de pesquisa

Por delimitação da pesquisa, escolhemos para a mesma, sete poemas da poetisa Márcia Wayna Kambeba presentes no livro *Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade*, (2013):

1. Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)
2. Território Ancestral.
3. Ritual Indígena.
4. Minha Pena Vermelha.
5. Árvore da Vida.
6. Natureza em Chama.
7. Silêncio Guerreiro.

A princípio tínhamos escolhido dez poemas da mesma autora. No entanto, percebemos que não teríamos condições para vivenciá-los com a qualidade procedimental que aspirávamos porque demandaria mais tempo de execução que o planejado.

Os poemas escolhidos seguem uma ordem temática, estrategicamente, pensada por nós, para envolver o jovem leitor durante o processo. A seguir, na descrição explicaremos o porquê de apresentá-los nessa ordem.

1º Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade). Neste poema, o eu lírico afirma que mora na cidade, mas que nem por isso deixa de ser indígena. O fato de mudar de lugar não significa mudar de identidade. Além disso, a literalidade desse poema, em particular, chama a atenção.

O título bilíngue, o grafismo da página e o áudio do poema, com declamação da própria poetisa, apresentam uma textualidade, até então, desconhecida pelos estudantes.

2º Território Ancestral. Este foi escolhido para ser o segundo por representar a voz de um povo cujo território foi maculado pelo colonizador. Ao lamentar as perdas provocadas pela colonização, o eu lírico salienta a luta em defesa das suas terras que guardam a ancestralidade. Neste poema também, evidencia-se o bilinguismo na primeira estrofe, o grafismo e a disposição dos versos cuja comparação entre o antes e o hoje é significativa para a interpretação.

3º Ritual Indígena. Este poema foi colocado em terceiro encontro por dar continuidade ao anterior. Representa a voz de um povo que celebrava um ritual cujos ritos evocavam os seres da mata, no entanto tudo isso foi proibido com a chegada do “branco” que “achou que era pecado” e “invadiu o ser espiritual”. Esse poema, além da discussão inter-religiosa na sala de aula, provoca o leitor a imaginar, a partir da sonoridade e imagem que são apresentadas como eram realizados os rituais do povo Omágua-Kambebe. Também refletir sobre os rituais sacros e profanos tão presentes na nossa sociedade, desta forma conduzindo o leitor ao respeito à crença do outro.

4º Minha Pena Vermelha: este poema apresenta uma importante discussão a respeito da alteridade, mais precisamente, no respeito à cultura do outro. Os povos indígenas por serem de uma Tradição milenar carregam nas vestes, nos grafismos, nos instrumentos especificidades que aos olhos dos povos diferentes da Tradição greco-romana, causam estranheza.

O poema expressa como o povo se sente acuado pelo preconceito que impede “nosso povo de crescer”. Além dessa discussão, há uma referência ao sensual, à vaidade, autoestima, descritos pelo eu-lírico. Abordados de maneira discreta, trazem uma contribuição para refletir sobre o estereótipo de “beleza” imposto pela mídia, sobretudo visual, aos espectadores, mais precisamente ao público feminino.

O título representa muitas interpretações, pelo valor polissêmico das palavras empregadas “minha”, um termo de posse íntimo. Pena, palavra que por um lado, no contexto do poema pode representar a punição, a vitimização, o preconceito sofrido, por outro lado, um enfeite adereça um símbolo de sensualidade cultural. Vermelha, outra palavra forte uma vez que pode representar o sangue derramado das vítimas do preconceito, a vida dos povos e pode representar também a sensualidade da mulher indígena.

5º Árvore da Vida. Este poema representa a história de criação do povo Omágua-Kambeba. Descreve em poesia a crença desse povo cujo começo veio de uma gota d'Água que ao cair na folha de uma Samaumeira, divide-se em duas pequenas gotas e caem no rio. Essas gotas são o Homem e a Mulher, por isso o povo Omágua-Kambeba se considera filho das águas e consideram a Samaumeira uma árvore sagrada.

A linguagem desse poema é simples e profunda como o rio Solimões. Usa versos curtos e melódicos que nos convidam para um mergulho no mito de criação desse e de outros povos. Refletir sobre o começo da vida faz parte da existência humana e para sala de aula é muito relevante, uma vez que traz à tona discussões interreligiosas, ecumênicas que exigem diplomacia e respeito para combater a intolerância religiosa.

A árvore por ser também um símbolo sagrado para cultura cristã chama a atenção neste poema, o título, em um primeiro momento ao poema da criação da Bíblia Cristã, da Torá Judaica e também lembra muitos títulos de livros escritos no Brasil, dentre eles A árvore que dava dinheiro, de Domingos Pellegrini.

6º Natureza em Chama. Este poema expressa o lamento, o desespero e o grito da natureza que pede socorro diante da tortura que vem sofrendo. É um poema, que evoca uma tristeza ao discorrer toda essa angústia do eu lírico e ao mesmo tempo desperta uma revolta pela falta de punição àqueles que praticam tal crime. A linguagem é simples, mas chega a arder, versos fortes, repetições que sugerem as repetições de destruição sofridas pelo meio ambiente. Poema cujo assunto, traz profundas discussões em sala de aula a respeito da economia e ecologia, reforma agrária, agronegócio etc.

7º Silêncio Guerreiro. Para encerrar o encontro com a poesia indígena na sala de aula, o poema escolhido foi o Silêncio Guerreiro.

A temática traz uma forte mensagem de resistência, luta, estratégia de sobrevivência de um povo que silenciou por 500 anos. Do ponto de vista indígena o silêncio é uma arma. O guerreiro silencioso é mais eficaz que o guerreiro barulhento. O silêncio é ouvido, estudado, disciplinado um forte aliado na luta de resistência e existência para o povo perseguido.

Trabalhar o silêncio e o guerreiro na perspectiva indígena na sala de aula, contribui muito para entender como povos que foram silenciados há 500 anos, ressurgem após o longo período para retomar seu lugar de fala na sociedade contemporânea.

Este poema fecha as atividades com a provocação de prestar atenção nas vozes do silêncio e nas vozes silenciadas em um século cujo barulho preenche todos os espaços.

4.6 Etapas das atividades

Nesse tópico apresentamos as etapas das atividades para a vivência dos poemas de Márcia Wayna Kambeba. As atividades que realizamos foram inspiradas na proposta metodológica de Vicent Jouve (2013) da leitura como retorno a si. Ela foi adaptada à realidade da escola onde foram aplicadas durante sete semanas nos meses de julho, agosto e setembro de 2018. Cada atividade foi dividida em cinco etapas:

1. Pré-leitura;
2. Leitura;
3. Mediação das atividades;
4. Escrita no diário de leitura;
5. Análise dos dados.

As quatro primeiras etapas foram realizadas pelos estudantes com nossa mediação enquanto professor. E a última enquanto pesquisador, conforme especificadas a seguir.

A primeira etapa, chamada de pré-leitura consistiu em ambientar os estudantes na temática de cada poesia. Para esse momento, utilizamos recursos extras textuais como: música²⁷, vídeos²⁸, produção de desenhos, documentários e pré-textuais como capa, quarta capa e jogos dramáticos. Ainda nesta fase, apresentamos poemas referentes à produção indigenista e indianista para que os estudantes conhecessem os textos escritos sobre o indígena.

Na segunda etapa realizou-se a leitura dos poemas. Entregamos para cada estudante os sete poemas supracitados, um por semana. Em um primeiro momento, foi feita a leitura silenciosa, em um segundo momento a expressiva, que consistiu em confrontar as reações dos estudantes com os dados textuais. Após essas leituras, houve conversação e debates a respeito das reações dos estudantes sobre os poemas.

A terceira etapa consistiu na mediação das atividades por meio de leitura, releitura, encenação, diálogo sobre a temática de cada poema e perguntas que direcionaram o estudante para escrita dos seus ecos íntimos. Cada estudante recebeu uma atividade impressa para realizar as tarefas referentes à leitura de cada poema. Em seguida, cada estudante entregou-nos as atividades respondidas para que pudéssemos lê-las e a partir delas, orientar o estudante para a escrita nos diários de leitura.

²⁷ As músicas utilizadas estão especificadas na descrição das atividades.

²⁸ Os vídeos usados estão especificados na descrição das atividades.

Estes são suportes para a escrita das emoções experimentadas durante as atividades de leitura literária. Neles, o leitor real vai registrar o que compreendeu do texto, o que sentiu, o que gostou, o que não gostou, o que achou interessante, o que evocou outras leituras, o que se identifica com ele, o que provocou mudança.

A quarta etapa consistiu na escrita das emoções experimentadas durante as atividades de leitura, de escuta. Destas e do diário de leitura, colhemos as reações subjetivas, isto é, a emoção sentida desses leitores na vivência com os poemas lidos. Essa escrita verbal foi utilizada como dados para análise da dissertação.

Vale ressaltar que cada estudante recebeu um diário de leitura no qual explicitou sua subjetividade sobre os poemas indígenas estudados durante a intervenção da pesquisa.

A quinta etapa consistiu na análise dos ecos íntimos dos estudantes expressos nas atividades e nos diários de leitura. Conforme mencionado anteriormente, os diários de leitura são suportes onde se pode se manifestar a criatividade do leitor nos moldes da restituição ou de comentário do texto lido. Os leitores podem construir os sentidos do texto lido através de textos nos quais expressaram seu próprio imaginário e adotaram uma escrita literária ou não literária em resposta à obra lida.

Tomamos as respostas das atividades e os escritos dos diários de leitura como instrumentos de coleta de dados, produto resultante da interação no processo de intervenção através das vivências de leitura. Para esta análise, utilizamos a grelha elaborada por Xypas (2018) conforme descrita adiante.

4.7 Descrição das atividades

Nesse tópico, descrevemos como foi realizada a (con)vivência com a poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba na sala de aula.

As atividades realizadas em sala de aula receberam o título: *Encontro com a Poesia Indígena na Sala de Aula*. Enfatizamos o verbo encontrar preferencialmente porque desde o princípio, quando pensamos na temática, ansiávamos proporcionar aos estudantes esse encontro. Desejávamos saber o que eles iriam pensar, sentir, falar, escrever sobre tudo que lhes seria proporcionado.

Cada atividade que elaboramos foi estrategicamente pensada para oferecer ao estudante a melhor condição didático-pedagógica possível. Cada encontro foi marcado pela temática referente a poesia estudada. Assim *O Encontro* foi partilhado em *encontros*.

4.7.1 Preparando o encontro: Aula Magna

Na primeira aula em 27/07/2018, com duração de 2h/aulas, antes da intervenção das atividades, foi realizada a partir de uma exposição oral do professor para explicar aos estudantes o teor da pesquisa. Nesta aula, apresentamos o tema da pesquisa, os objetivos e a importância para o pesquisador e para a escola em receptionar tal trabalho.

Após a exposição, cada estudante recebeu um termo de participação, cuja assinatura comprovaria sua adesão ao projeto. Por serem menores de idade, isto é, menores de 18 anos, os estudantes levaram para os responsáveis assinarem e nos devolverem um termo de autorização para que o estudante pudesse participar da pesquisa, conforme requisição do Comitê de Ética (resolução 466/12 do CNS).

Foram apresentados aos estudantes, através de slides em *Power-point* a autora, a sua região, a etnia Omágua-Kambebe, os grafismos, vestimentas, crenças, língua e fotos da aldeia Tururu Kary-Uka do povo Omágua. Estas fotos foram cedidas pela autora dos poemas via e-mail. Durante a exposição, os estudantes ficaram atentos às novidades que estavam sendo apresentadas. O que impressionou a maioria foi saber que a autora usa as redes sociais como Facebook, instagan, e outros meios da internet como youtube, sites, blogs. Muitos ficaram admirados quando viram a foto da autora e perceberem que somos amigos da poetisa nas redes sociais. Conforme lâminas abaixo:

Figura 2 — PowerPoint apresentado na aula do dia 27/07/2018.

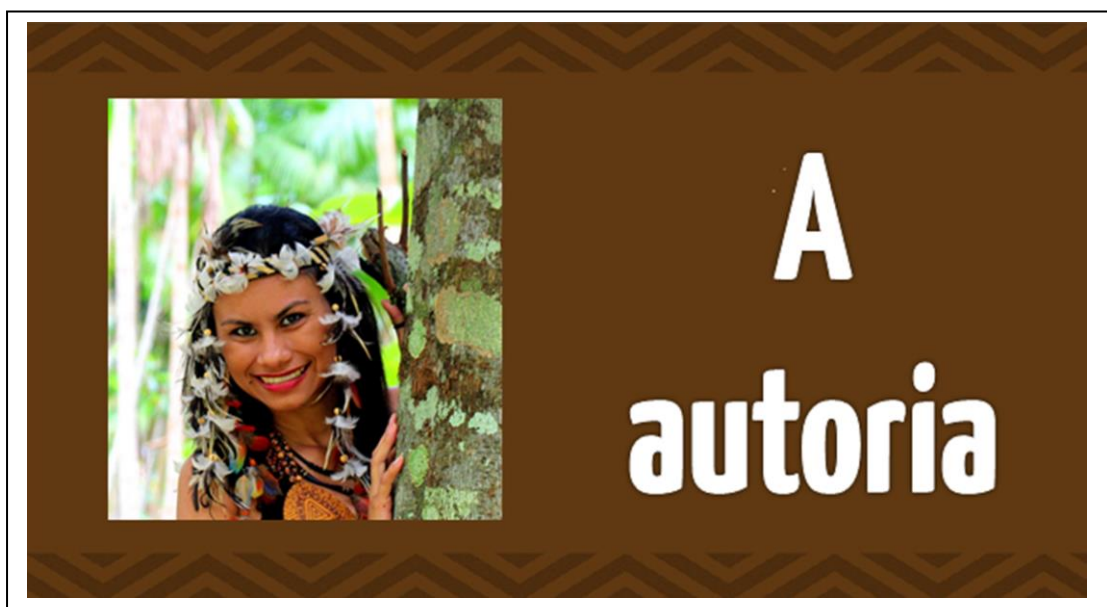


Figura 3 — PowerPoint apresentado na aula do dia 27/07/2018.



Esta aula seguiu de maneira dialogada a respeito da opinião dos estudantes diante das informações apresentadas. Mostramos para eles, por slides, um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha e um fragmento do poema Marabá, de Gonçalves Dias.

Lemos os textos e comentamos sobre a visão desses autores a respeito dos povos indígenas. Os estudantes reconheceram que os mesmos pontos de vistas dos autores eram os que também imaginavam sobre esses povos.

Em relação aos encontros, apresentamos, a seguir, como foram realizados. As atividades – podem ser visualizadas detalhadamente nos apêndices deste trabalho.

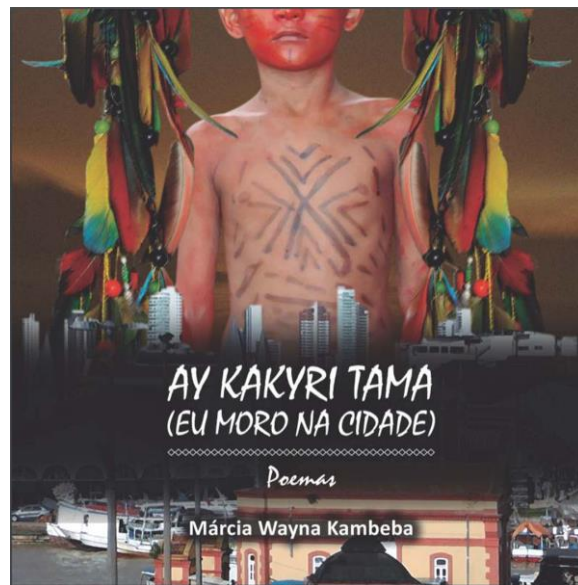
4.7.2 Primeiro encontro: Ay Kakyri Tama (*Eu Moro na Cidade*)

Segunda-feira, 30/07/2018 – **Pré-leitura** (duração prevista: 2h/aula).

Após o intervalo, antes de começarmos a leitura, apresentamos através do projetor, o livro Ay Kakyri Tama (*Eu moro na cidade*) de Márcia Wayna Kambeba.

Por ser um livro com edição esgotada, a autora nos enviou uma cópia em pdf para que pudéssemos realizar a pesquisa. Mediante projeção, fizemos a leitura de alguns paratextos como: agradecimentos, dedicatória, apresentação, introdução do livro e elementos sobre a autora.

Figura 4 — Capa do livro Ay Kakyri Tama.



Após esse momento, sentamo-nos todos e cada um recebeu a primeira parte da atividade intitulada: **Vamos preparar a ação da leitura?** O texto que seguia a pergunta, estimulava-o a preparar o ambiente de leitura, para poder realizar a leitura de uma poesia indígena. No centro do círculo, colocamos alguns objetos, fotos, pinturas, desenhos, que tínhamos pedido, na aula anterior, para os estudantes trazerem.

Figura 5 — Foto dos objetos usados em uma das aulas.



A finalidade dessa exposição era para o estudante mostrar sua identidade por meio dos objetos pessoais. Nem todos trouxeram, uns alegaram esquecimento, outros dificuldade em

declarar o que o identificaria. A partilha foi o mais interessante dessa exposição, porque gerou muita opinião a respeito da identidade de cada pessoa. Conversamos sobre a importância de conviver com o diferente, neste caso o outro.

Terça-feira, dia 31/07/2018: **Leitura** (2hrs aula).

As aulas foram realizadas na própria sala e no horário oficial da turma, isto é, os últimos horários do turno. Iniciamos, convidando os estudantes para formarem um círculo e em seguida, escrevemos duas palavras no quadro: Morar e Viver.

Realizamos uma pequena conversa sobre os dois termos e o foco da conversa era discutir se as duas palavras queriam dizer a mesma coisa. A maioria dos estudantes achou que o verbo morar significava estar no lugar e viver seria mais forte, como por exemplo, viver na terra natal.

Após essa discussão entregamos para cada estudante uma cópia impressa do poema Ay Kakyri Tama (Eu moro na Cidade) e pedimos para que realizassem uma leitura silenciosa do poema. Consequentemente, sugerimos que circulassem a(s) palavra(s) ou verso(s) que mais chamou ou chamaram a atenção deles, ou a parte que acharam mais bonita do poema e pedimos para escreverem a respeito do texto o que perceberam sobre a linguagem e a forma como a autora escreveu. Logo após, fizemos uma leitura expressiva e pedimos para os estudantes imitarem o barulho de carros, buzinas, vendedores ambulantes etc. Devido essa interação, os estudantes pediram para que fizéssemos uma releitura com a participação em que eles pudessem imitar os sons da cidade.

Conversamos sobre a temática do poema e ouvimos dos estudantes comentários sobre a relação e a identificação deles com a cidade em comparação a que o poema expressa.

Acolhemos a proposta e em seguida pedimos para eles responderem por escrito e nos entregarem estas respostas a respeito do poema.

- a) O que você sentiu ao escutar/ler o poema? Exponha com suas palavras o seu sentimento a respeito do poema.
- b) O poema fez você lembrar ou reviver algum momento de sua vida? Ou lhe fez pensar em alguma outra leitura?
- c) Você gostou do poema? Por quê?
- d) Releia o poema e escreva suas novas impressões sobre o mesmo.
- e) Você se identificou com a situação vivida pelo eu lírico?
- f) Qual a mensagem do poema para você?

Quarta-feira, 01/08/2018: **Pós-leitura** (2hrs aula).

Iniciamos a aula rediscutindo as atividades anteriores e entregamos para cada estudante a terceira parte da atividade que consistia no seguinte: **Exponha em forma de desenho a sua imaginação a respeito do poema.**

Esta atividade mexeu muito com a turma. Uma das dificuldades encontradas foi a alegação de que não sabiam desenhar. Então, explicamos a importância do desenho, - linguagem não verbal- e ressaltamos que não existe desenho bonito ou feio, existe desenho que comunica, que emite uma mensagem. Desta maneira, a maioria iniciou a atividade e aos poucos a sala estava toda envolvida, uns ajudavam os outros com opiniões, sugestões, dicas.

Vale ressaltar que a tarefa não era em grupo, mas espontaneamente aconteceu essa interação grupal. Como o desenho teria que ser sobre o poema, eles releam, pediram-nos mais explicação sobre determinado verso e no final percebemos o quanto foi importante para eles essa forma de se expressarem na linguagem não verbal. Dentre os desenhos, escolhemos quatro que foram eleitos pela classe como os mais interessantes:

Figura 6 — Desenho da leitura Lunna.



Figura 7 — Desenho da leitora Preta Flor.

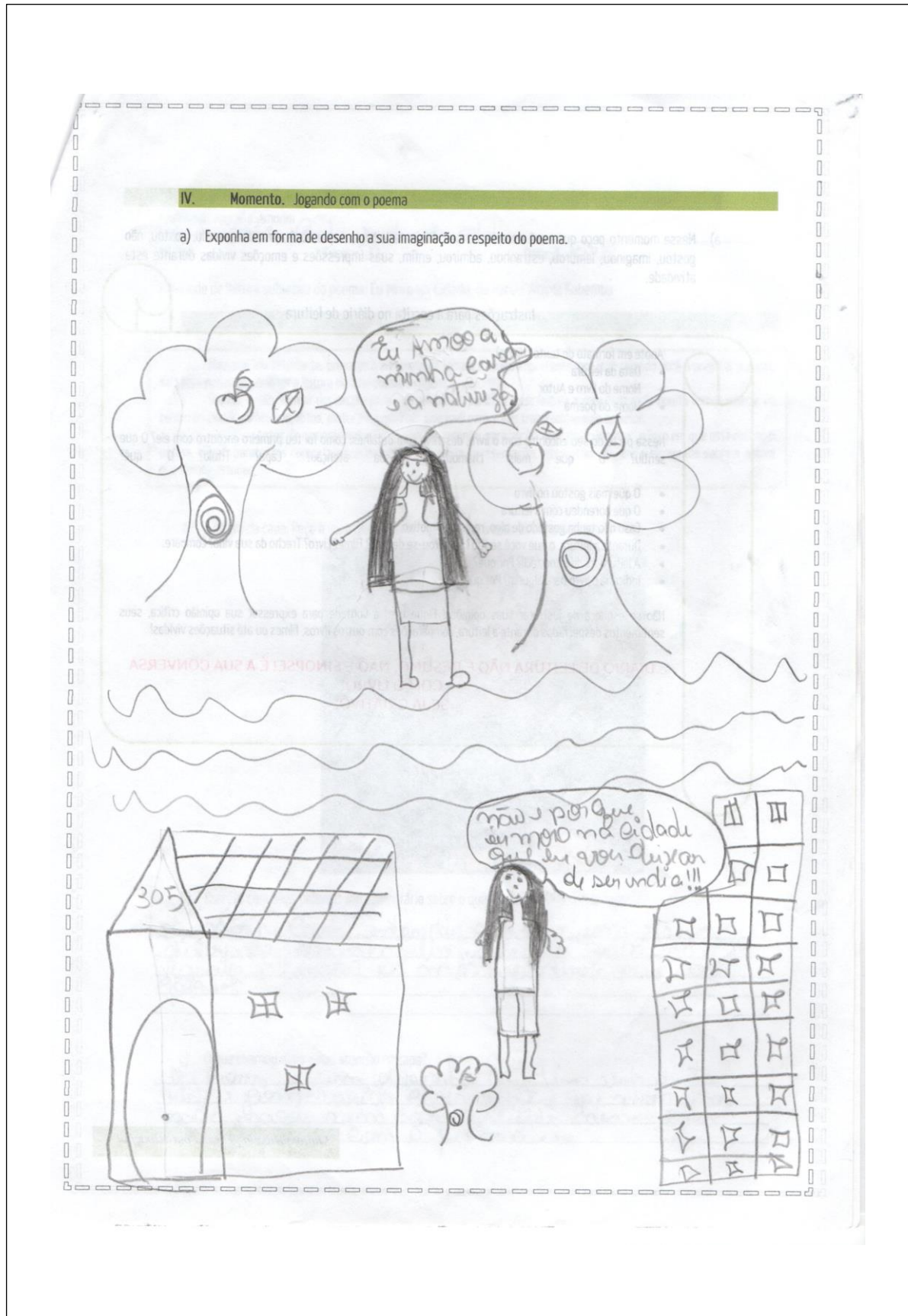


Figura 8 — Desenho da leitora Artêmis.

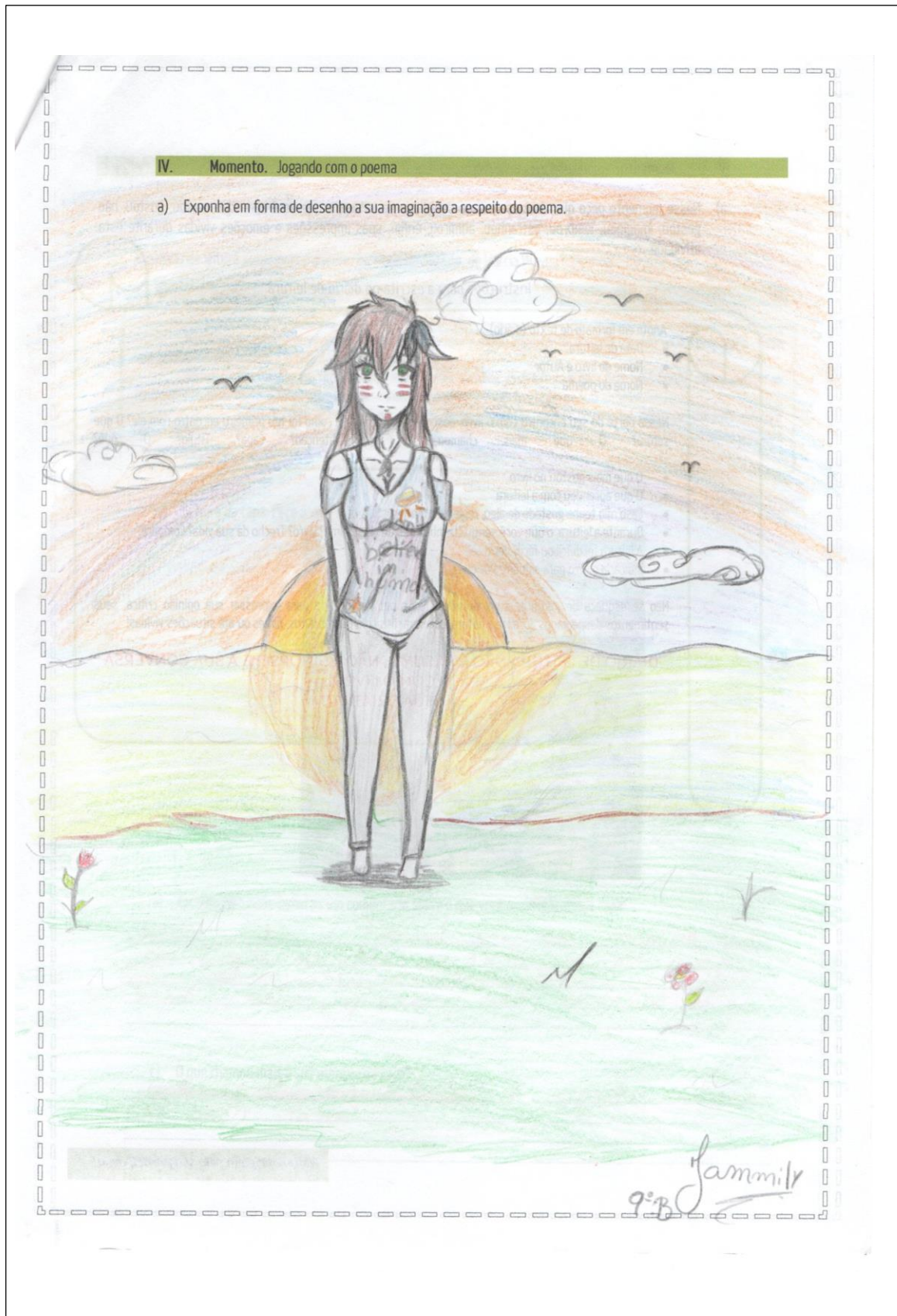
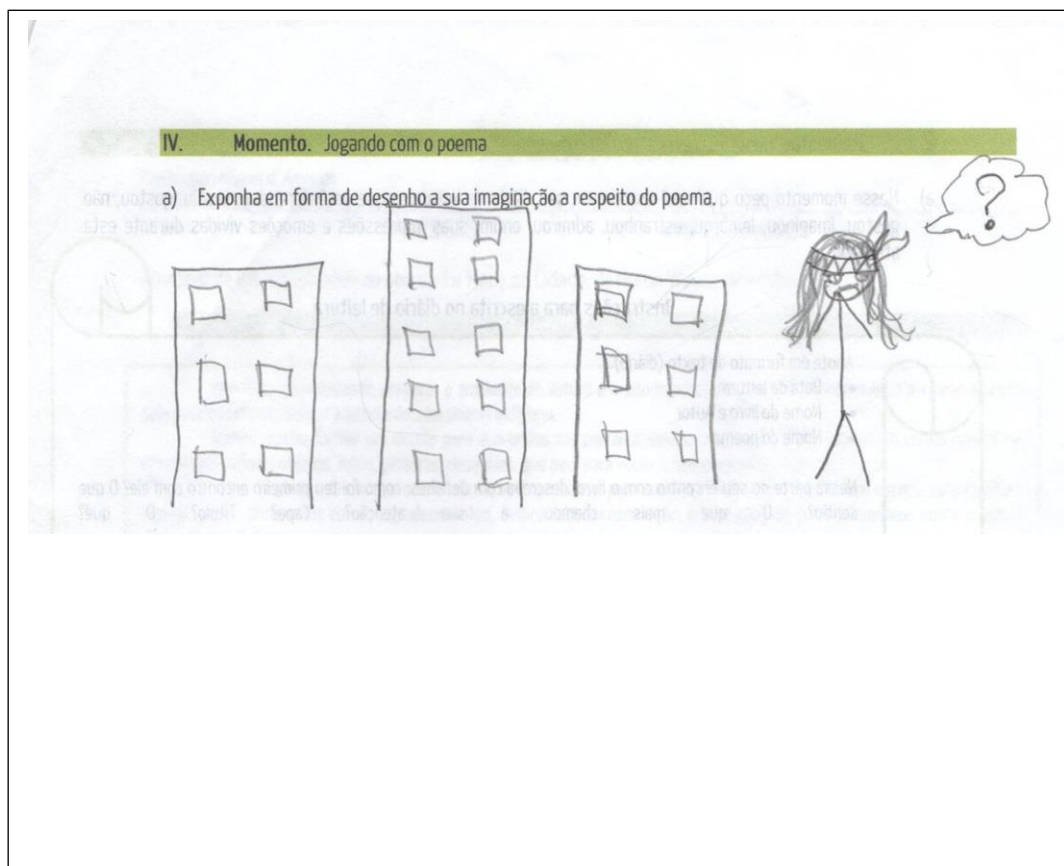


Figura 9 — Desenho do leitor Jughead



Esses e os demais desenhos demonstram que os estudantes se apropriaram e expressaram suas emoções com base em suas idiossincrasias. O que nos chamou atenção nesses textos foram às convergências na percepção dos leitores em relação ao poema. Os quatro leitores apresentam uma jovem, sozinha e pensativa. Uma pessoa que se questiona refletindo sobre o seu lugar no mundo.

Ao concluir essa atividade, orientamos para que escrevessem sobre a vivência com este primeiro poema no diário de leitura, esclarecendo que o diário de leitura não era um resumo nem uma sinopse! Mas uma conversa dele com poema!

4.7.3 Segundo encontro: Território Ancestral

Segunda-feira, 06/082018 – **Pré-leitura** (2hrs aulas).

A etapa de pré-leitura desse poema foi intitulada **Roda de Conversa**. A intenção era começar a aula conversando com os estudantes sobre objetos que pertenciam a casa onde

moravam. No entanto, nenhum estudante lembrou de trazer o objeto que fora solicitado nas aulas anteriores.

Para substituir essa atividade, oferecemos a cada estudante uma folha de papel ofício em branco e pedimos para que dobrassem ao meio e escrevessem a palavra Território. Em torno desta palavra, eles colocaram exemplos como: “meu quarto”, “minha casa”, “meu país” etc. em seguida, o mesmo procedimento foi realizado com a palavra Ancestral e logo escreveram coisas como: “meus avós”, “África” etc. Após tais realizações, sugerimos que desenhassem na mesma folha, um símbolo de um território ancestral.

Os estudantes se empolgaram, trocaram ideias e cada um desenhou o que acreditava ser um território ancestral.

Escolhemos 4 atividades para demonstrar o resultado desse procedimento.

Figura 10 — Atividade da leitora Preta Flor

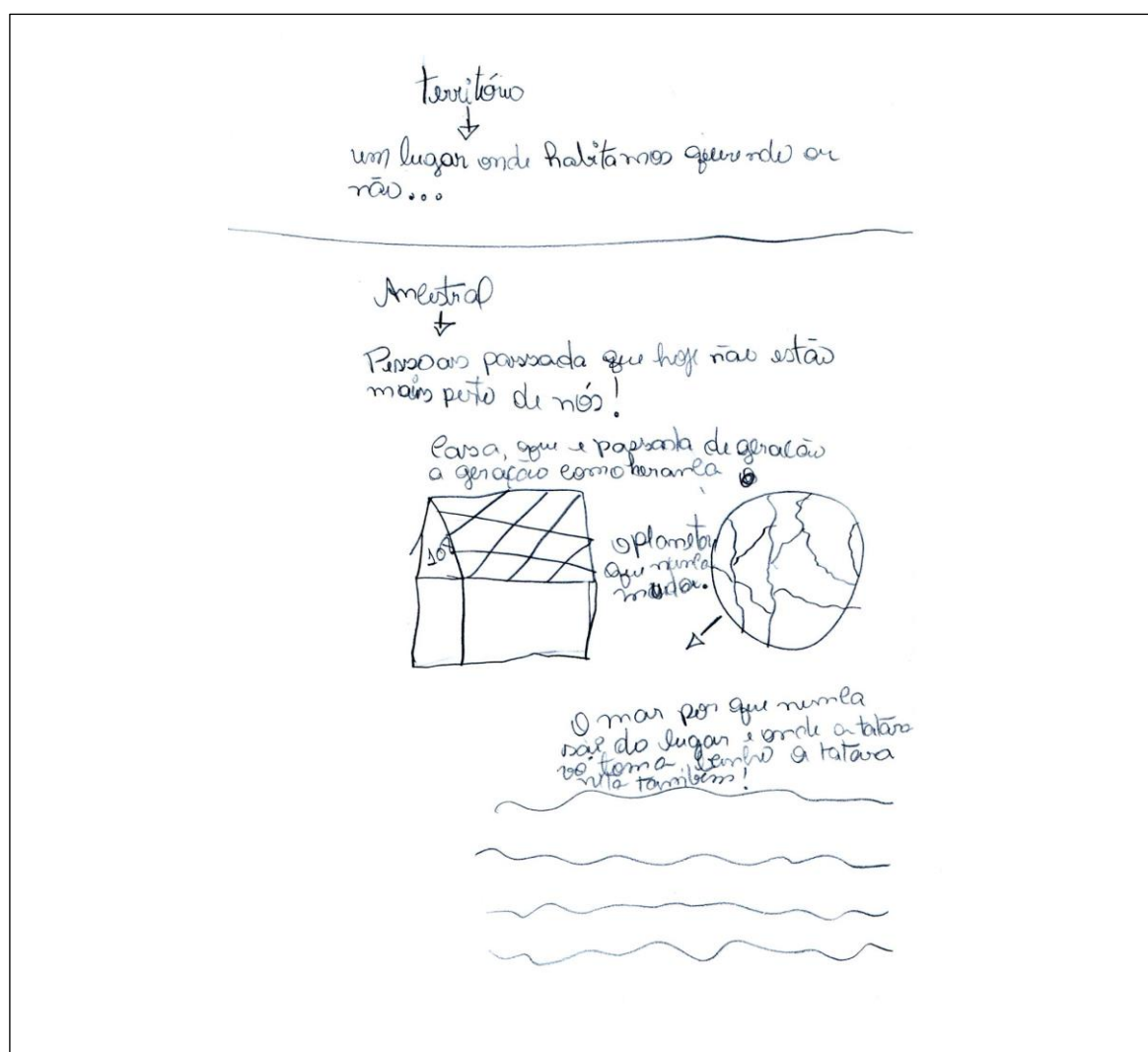


Figura 11 — Atividade da leitora Jade.

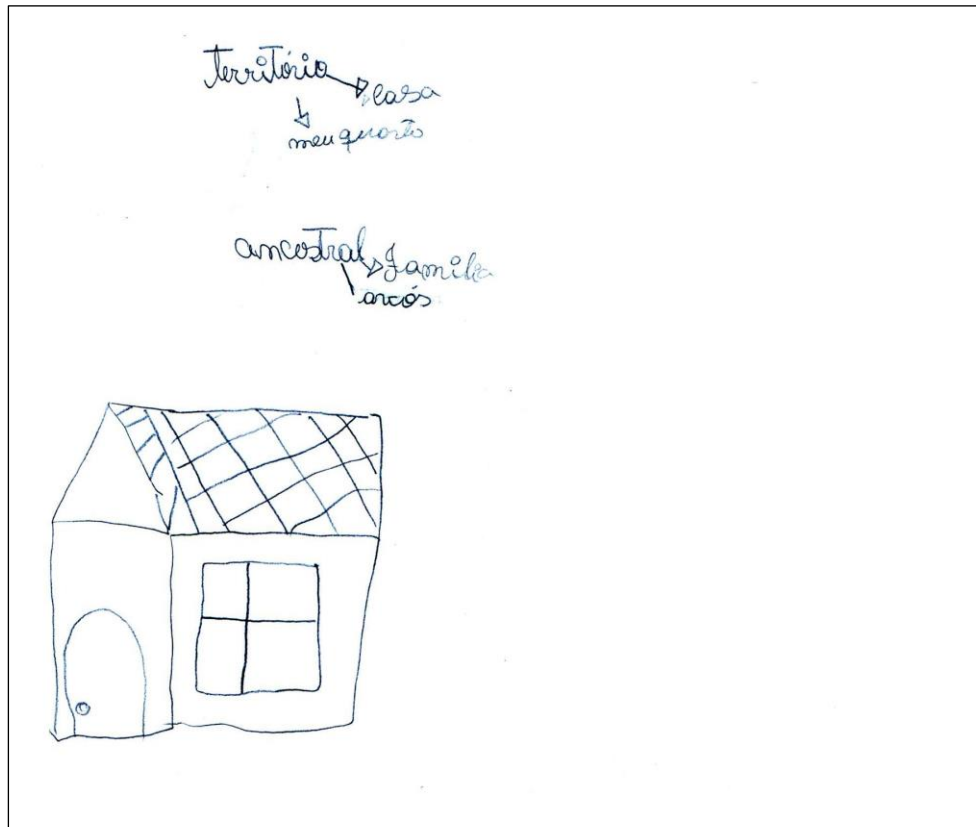


Figura 12 — Atividade da leitora Milla.

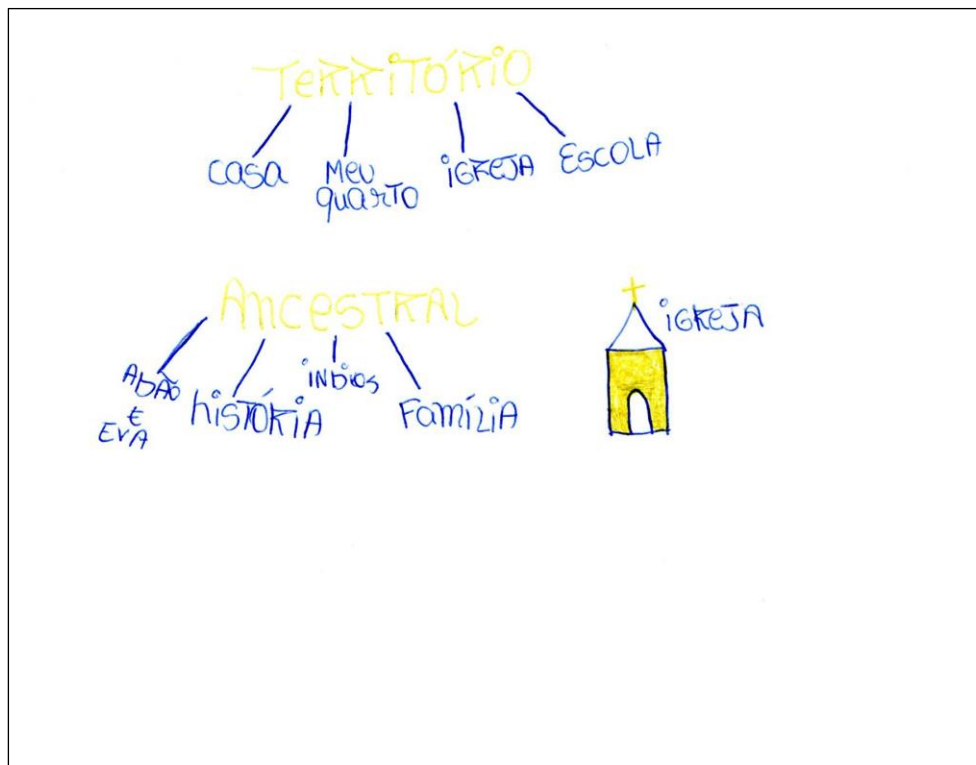
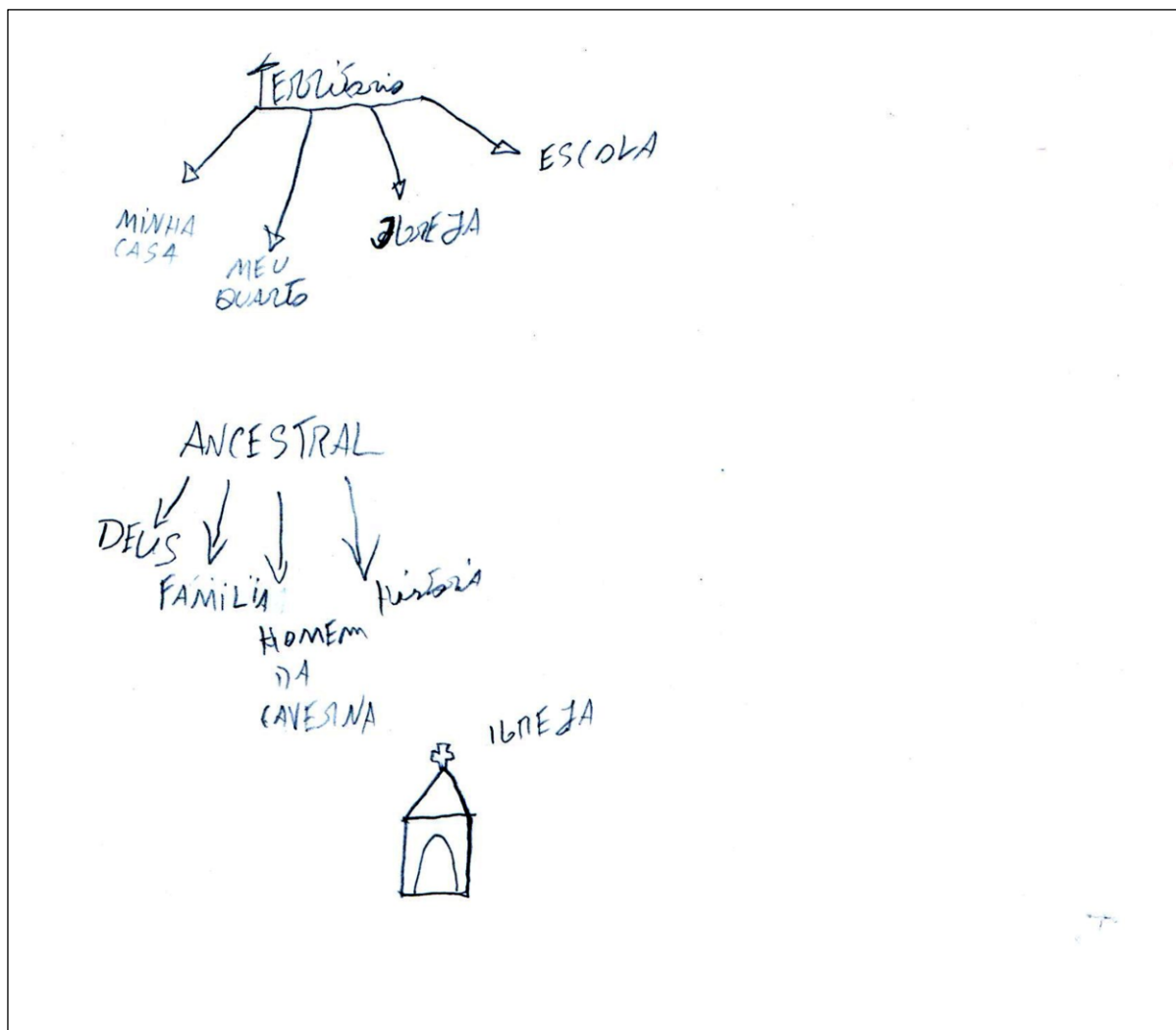


Figura 13 — Atividade do leitor Will.



Sentamo-nos em uma roda, no chão, e cada um apresentou para todos, os seus registros. Conversamos sobre questões a respeito dos territórios indígenas, das demarcações, do ponto de vista do indígena em relação à terra onde vive. Concluída essa tarefa, cada um recebeu a primeira parte da atividade que tinha como motivação a frase: Pra começo de conversa!

Após responderem a atividade, entregamos outra folha com o título: Continuando a conversa! Nela, consistia o seguinte convite: A maioria dos povos acredita que foi criado por um ser superior. O povo Omágua/Kambeba também tem uma crença sobre seu começo, vamos conhecer essa História? Apresentamos em Power-point fotos do povo Omagua-Kambeba que estão no livro Ay Kakyri Tama sobre a qual muitos estudantes fizeram muitas perguntas e comparações entre a cultura pernambucana e a cultura desse povo.

Foto 1 — Cedida por Márcia Wayna Kambeba.



Foto 2 — Cedida por Márcia Wayna Kambeba.



Após muita conversação continuamos as atividades fazendo a leitura de uma imagem que representa o começo do povo indígena em questão.

Foto 3 — Por Márcia Wayna Kambeba.



A respeito dessas imagens pedimos para responderem a seguinte pergunta: *Após observar atentamente as imagens, comente por escrito: O que você compreendeu dela? O que lhe chamou a atenção? O que ela tem a ver com território e ancestralidade?*

Quando responderam as questões entregaram-na para nós. Nosso objetivo com esta indagação foi verificar a reação do leitor em relação a cultura e a crença do outro.

Terça-feira, 07 de agosto de 2018. – **Leitura** (2hrs aulas).

Ao chegarmos à sala de aula, afastamos as cadeiras e deixamos o centro da sala livre. Sentamo-nos no chão e preparamos os estudantes para a leitura do poema. Colocamos um fundo musical com sons da floresta publicado no *youtube* pelo canal Calmaria.²⁹ Envolvidos em um clima de tranquilidade, partilhamos o que vivenciamos na aula anterior.

Após esse momento entregamos para cada estudante o poema Território Ancestral de Márcia Wayna Kambeba. Pedimos que realizassem uma leitura silenciosa do mesmo e em seguida os convidamos para ouvir o poema na voz da própria autora. Após a leitura e a escuta, observamos que as margens das páginas do livro *Ay Kakyri Tama* tinham um grafismo.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6PpdlhZecVs>. Acesso em 05/08/2018

Explicamos por meio de slides que aquela linguagem não era um enfeite, mas um código de comunicação do povo Kambeba.

Figura 14 — Slide usado na aula com grafismo do povo Kambeba.

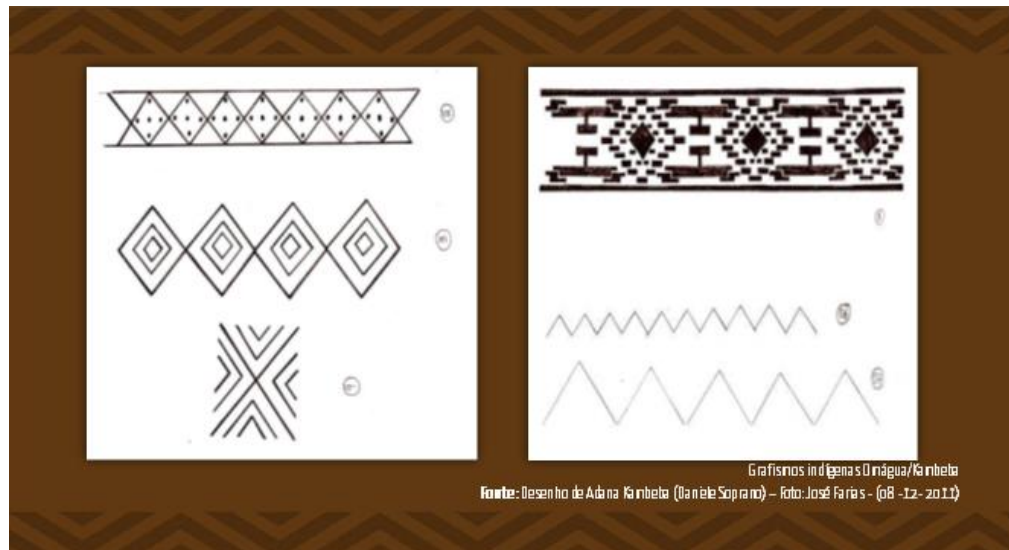


Figura 15 — Slide usado na aula com explicação do grafismo do povo Kambeba.

Grafismo

- representam mais do que uma bela pintura, pois trata-se de um código de comunicação complexo, que era usado para exprimir a concepção do ver e do ser, dos povos indígenas.
- transmitiam e transmitem suas crenças em espíritos sobrenaturais.
- usavam, ainda, para representar o meio em que viviam, e também para se diferenciarem dos demais animais da natureza, posto que o indígena pode pintar o corpo quando quiser e o animal que vive na mata, não.
- quando o indígena pinta seu corpo, este demarca seu território dentro do seu mundo, e o faz com muita agilidade, beleza, com riqueza de detalhe.

Os estudantes compararam o grafismo a tatuagens e nessa comparação e conversação, explicamos diferenças e semelhanças entre tatuagens e grafismos. Nas diferentes culturas indígenas, povos não fazem tatuagens e sim grafismo que para eles é uma linguagem que expressa determinada mensagem: luta, relacionamento, iniciação, festa etc. por isso não são permanentes como as tatuagens. Essa explicação foi necessária, porque os poemas do livro *Ay Kakyri Tama* são escritos dentro de um grafismo que segundo Márcia Wayna

Kambeba³⁰ representa, a união e o começo do seu povo e não estão no livro para ornamentar, mas para comunicar.

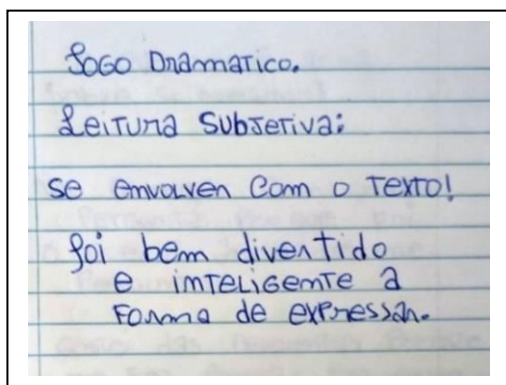
Com esse poema vivenciamos um jogo dramático que para Slade (1978, p. 16-17) “é uma parte vital da vida do jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes uma maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar criar e absorver. O jogo na verdade é vida.”

Ao chegarmos à escola fomos para a quadra de esportes para ficarmos mais à vontade. Dividimos a turma em 5 grupos para uma releitura do poema. Cada grupo vivenciou essa releitura com o objetivo de criarem, discutirem sobre o jogo. Depois de uns vinte minutos, reunimo-nos no centro da quadra e fizemos um círculo, em pé, demos as mãos uns aos outros e conversamos um pouco sobre o poema. Em seguida, o grupo 1 apresentou o poema em forma de mímica para que tentássemos adivinhar, a qual verso se referia, assim todos os grupos apresentaram o seu jogo. O grupo 2 apresentou uma dança, os grupos três e quatro elaboraram um diálogo e o grupo 5 realizou uma leitura expressiva com imitação bichos, árvores, o homem branco, passarinhos, que dialogavam entre si. Essa atividade de leitura foi bastante movimentada com muita gargalhada.

Quarta-feira, 08 de agosto de 2018. **Pós-leitura** (2hrs aulas).

A etapa da pós-leitura do poema *Território ancestral* foi realizada mediante a escrita nas atividades e nos diários de leitura. Destacamos, dentre os registros, o exemplo de uma pequena parte do relato de um dos estudantes:

Figura 16 — Texto da leitora Bella sobre o jogo dramático.



A exemplo de Bella, os estudantes disseram, após as vivências, que essa atividade foi uma das experiências mais legais a que já tinham participado na escola.

³⁰ Essas informações foram dadas pela própria autora em conversa por telefone.

4.7.4 *Terceiro encontro: Ritual indígena*

Segunda-feira, 13/08 – **Pré-leitura** (duração prevista: 1h/a).

Ao acolher os estudantes, convidamos-lhes para formar um grande círculo, somente com as cadeiras. Dividimos o círculo em duas partes, quando um dos estudantes perguntou por que eu estava colocando a sala em círculo. Respondi: “faremos um ritual!” Sentamo-nos e então perguntamos oralmente, o que eles entendiam sobre Ritual. Uns disseram que era “coisa do diabo”, outros “que era macumba”, outros “da igreja”.

Então perguntamos se eles participavam de algum ritual: As respostas foram as mais diferentes possíveis: “Deus me livre”, “nem disso eu gosto”, “não”. Conversamos mais sobre o que eles imaginavam ser um ritual, como seria para eles um ritual indígena. Muitos associaram à dança da chuva.

Após esse momento de preparação, responderam as atividades da I parte “Preparação”.

- a) Para você o que significa a palavra ritual?
- b) Em sua opinião, um ritual serve para quê? Explique com suas palavras
- c) Você conhece algum ritual? Participa ou participou de algum? Qual?
- d) Como você imagina ser um Ritual Indígena?
- e) O que você espera ler em um poema com esse título: “Ritual Indígena”?
- f) Para você, que lugar representa um ritual? Faça um desenho dele?

Após responderem a essas questões, percebemos que a maioria dos estudantes associou ritual a uma “religião”. Conversamos sobre esse dado e então percebemos que os estudantes estavam resistentes a dialogar sobre a temática, visto que a maioria é da religião cristã neopentecostal. Explicamos-lhes que o ritual não somente se refere ao sagrado, mas também comentamos exemplos de rituais que acontecem no dia a dia.

A própria aula segue um ritual, a abertura de uma copa do mundo, um júri, uma conferência. Aprofundamos a discussão, comentando sobre os rituais de diferentes religiões e eventos profanos como cerimônia de abertura das Olimpíadas, início de jogo de futebol e a própria aula de português.

Terça-feira, 14/08 – **Leitura e pós-leitura** (duração prevista: 2h/a).

Nessa aula cada estudante recebeu o poema para realizar uma leitura em silêncio e marcarem nas margens do texto o que mais chamou a atenção. Como se tratava de um poema que fala de um ritual indígena, propusemos aos estudantes um jogo dramático. Como a sala de

aula estava muito pequena para podermos ler em voz alta e a turma estava muito empolgada, gesticulando, conversando, sobre o poema fomos para o pátio da escola onde podemos realizar a leitura no jogo dramático.

Como as apresentações foram preparadas sem nenhum figurino, os estudantes utilizaram gestos, mímicas, pedaço de papel, cabo de vassoura que durante o jogo ganharam as mais diversas funções.

Os estudantes riram muito e deram opinião sobre a apresentação do outro. Teceram comentários sobre o tom de voz, a postura, a cena. Como: “*Fala mais alto!*”; “*Ajeita a coluna*”; “*eu faria melhor*”. Ao final, todos nós de mãos dadas formamos um grande círculo e fizemos uma ciranda para finalizar esse momento.

Essa experiência ajudou os estudantes a se envolverem com o poema, sobretudo os evangélicos, que manifestaram, a princípio, uma recusa porque o texto tratava da temática espiritual indígena.

De volta à sala de aula, foram feitas as atividades de pós-leitura “*A emoção por escrito*” e conseqüentemente uma orientação para os registros nos diários de leituras.

4.7.5 Quarto encontro: *Minha Pena vermelha*

Segunda-feira, 27/08 – **Pré-leitura** (duração prevista: 2h/a).

Após uma semana ausente por conta de uma paralização municipal retomamos os encontros. Para não perder o ritmo do envolvimento com a leitura dos poemas, iniciamos a aula ouvindo a música: Vermelho (Fafá de Belém)³¹, faixa extraída cd “Fafá - Pássaro Sonhador” - 1996. O nosso objetivo de trabalhá-la nessa pré-leitura foi refletir sobre a cor vermelha que na música é enfatizada para relacionar ao poema *Minha Pena Vermelha* e comparar como as autoras usam o nome da cor para dar destaque a seus textos.

Concluída a audição da música ‘Vermelho’, entregamos para cada estudante a letra da música e solicitamos para fazerem uma leitura. Os estudantes pediram para tocar mais uma vez, porque “queriam cantar”. À proporção que a música ia tocando, uns alunos começaram a batucar, seguindo o ritmo e outros a cantar.

³¹ Fonte: Acervo do pesquisador. Vermelho é a primeira faixa do cd *Pássaro Sonhador* que é um álbum de estúdio da cantora Fafá de Belém, lançado em 6 de novembro de 1996 pela gravadora Columbia Records.

Perguntamos se conheciam a música e todos disseram que “Não!”. Entretanto, os comentários foram: “a música é boa”; “gostei dos tambores”; “gostei da letra”, assim cada aluno emitiu uma opinião a respeito. Sobre a letra da música, ainda, sugerimos que eles marcassem, lessem em voz alta e comentassem oralmente a parte que mais tinha achado interessante.

Após esse momento, foi realizada a primeira parte da atividade escrita intitulada “Espelho, espelho meu...”, que propôs ao estudante responder 7 perguntas:

1. Qual é a sua cor preferida?
2. Você sabe o que simboliza a sua cor preferida? Se sim, o quê?
3. O que você acha mais bonito em você?
4. Você se veste, se enfeita, para você mesmo (a) ou para agradar o outro (a)?
5. Você mudaria alguma coisa em você? Por quê?
6. Você já julgou alguém pela aparência? Se sim que tipo de julgamento e por quê?
7. Você já foi se sentiu julgado (a) pela sua aparência?

O objetivo dessas questões foi preparar o estudante para o envolvimento do poema cujo tema envolvia a aparência física (sensualidade). Após responderem, cada um leu para o grande grupo suas respostas. Após as apresentações, realizamos uma discussão sobre a temática “Gosto não se discute” e o “Não julgar pela aparência”.

Antes de concluirmos a aula, sugerimos que para a próxima, trouxessem um objeto que fosse para eles sinônimo de beleza.

Terça-feira, 28/08 – **Leitura** (duração prevista: 2h/a).

Iniciamos a aula colocando em cima de uma mesinha, devidamente forrada de vermelho, os objetos que simbolizavam a beleza. Uns trouxeram espelho, outros perfumes, outros o creme de cabelo, outros os óculos escuros, etiquetas de roupa, marcas famosas (NIKE, CICLONE) foram as mais prestigiadas, batom, esmalte.

Cada estudante, explicou para todos da classe o porquê de tal objeto para ele simbolizar a beleza. Conversamos um pouco sobre as diferenças entre boniteza e beleza e cada um deu exemplo de beleza e de bonito.

Concluído esse momento, entreguei-lhes o poema para fazerem a leitura silenciosa no primeiro momento e, por conseguinte, ouvimos a própria autora declamá-lo. Os estudantes então pediram para lermos mais uma vez, de forma expressiva, segundo eles, o professor “incorpora quando tá lendo”. Quando terminamos de ler expressamente o poema, entregamos

para cada estudante uma folha com o desenho de uma caixa de lápis para colorir e pedimos que criassem o desenho do rosto que eles imaginavam estar falando no poema. Ver abaixo quatro 4 desenhos dentre todos. Escolhemos esses quatro por se destacarem perante toda a classe, segundo os próprios estudantes.

Figura 17 — Desenho da leitora Artêmis.



Figura 18 — Desenho da leitora Sophie.



Figura 19 — Desenho do leitor Jughead.

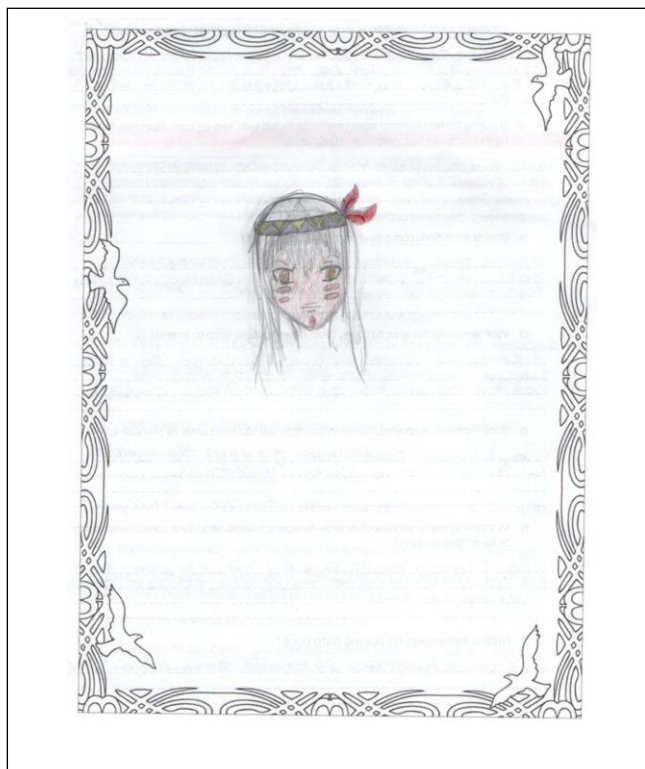


Figura 20 — Desenho do Leitor MBB.



Salientamos que esses desenhos são para apresentar apenas o envolvimento do estudante com o poema em estudo. Esta atividade foi a que mais percebemos a concentração dos estudantes. Os desenhos demonstram o quanto é diferenciada a visão de cada estudante. O que de há de incomum entre eles é que imaginaram o eu-lírico feminino e jovem com destaque para a pena vermelha.

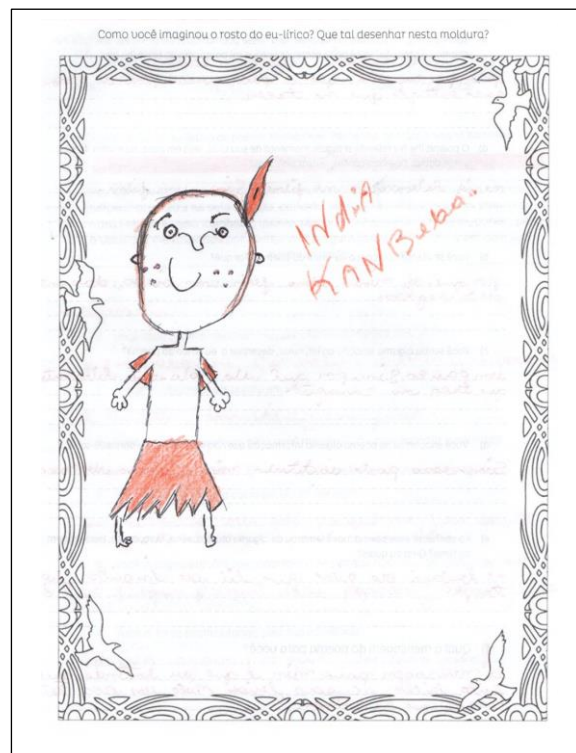
Quarta-feira, 29/08 – **Pós-Leitura** (duração prevista: 2h/a).

Fizemos na própria sala de aula uma exposição dos desenhos criados na atividade anterior, cada estudante apresentou seu trabalho e explicou como imaginara a voz que falava no poema. Dois estudantes disseram que somente com esta atividade tinham entendido o que era eu-lírico, até então eles o confundiam com o autor ou autora do poema.

Figura 21 — Desenho da leitora Bella.



Figura 22 — Desenho do Leitor W.



Para concluir essa parte etapa, entregamos aos estudantes uma atividade chamada “*A emoção por escrito*” com perguntas a respeito do poema e de sua experiência com o mesmo. Orientamos, em seguida, para que escrevessem no diário de leitura a experiência vivida por eles em relação ao poema.

4.7.6 Quinto encontro: *Árvore da vida*

Segunda-feira, 03/09/2018 – **Pré-Leitura** (duração prevista: 2h/a)

À sombra da árvore, assim foi chamada a pré-leitura do poema árvore da vida, que foi realizada fora da sala de aula. Convidamos a turma para fazermos um passeio em torno da escola no intuito de observarmos a presença das árvores, que no bairro do Curado 2 é abundante. Sugerimos aos estudantes que fotografassem as árvores que mais gostaram e levassem para que pudessemos fazer uma exposição através da lousa digital. Ao terminarmos a visita, pedimos para cada estudante enviar para o WhatsApp da turma, a foto com uma legenda, para que pudessemos montar a exposição digital.

Durante o passeio, conversamos sobre a importância das árvores, da representação dela para a cultura indígena, a cristã. Muitos alunos mencionaram o relato do *livro do Gênesis* que fala da árvore da vida, outros se lembraram do livro *A árvore que dava dinheiro*.

Na volta, entregamos uma atividade com umas perguntas para que os estudantes respondessem e entregassem. E dentre as fotos recebidas e expostas, esta foi a que mais chamou atenção da classe:

Foto 4 — Registro da leitora Bella



Conforme comentaram no grupo do WhatsApp: “ela muito bonita, e ela muda de cor durante as estações.”

Terça-feira, 04/09/2018 – **Leitura** (duração prevista: 2h/a).

Iniciamos a segunda aula com a exposição das fotos e cada estudante explicou falou para turma o que para ele chamou atenção naquela árvore. Em seguida, explicamos que primeiro nome da cidade foi Jaboatão, que vem do indígena “Yapoatan”, numa lembrança à árvore comum na região, usada para fabricar mastros e embarcações.³²

A imagem dessa árvore está representada na Bandeira e no brasão do município conforme fotos abaixo:

Figura 23 — Bandeira do município de Jaboatão dos Guararapes/PE



Figura 24 — Brasão do município de Jaboatão dos Guararapes/PE.



³² Informação disponível em: <http://jaboatao.pe.gov.br/historia-da-cidade/>. Acesso em: 03/09/2018.

Após comentarmos um pouco sobre o contexto da arborização no bairro do Curado 2, apresentamos as fotos que estão no Livro *Ay Kakyri Tama*, de Márcia Wayna Kambeba.

Foto 5 — Cedida por Márcia Wayna Kambeba..



Depois de conversarmos sobre as informações e fotos expostas, entregamos o poema *Árvore da vida*. Feita a leitura silenciosa, os convidamos para ouvir o poema na voz da autora. Ouvimos e debatemos oralmente a respeito do poema. O que chamou atenção de todos foi a Samaumeira, árvore enunciada no poema.

Muitos disseram que não conheciam, outros perguntaram se era maior que um pé de manga, outros comentaram sobre as árvores de grande porte que já tinham visto. A maioria pediu para que fôssemos visitar o Jardim Botânico (Recife/PE), ficamos empolgados com a ideia, mas não foi possível, devido a problemas de transporte.

Esse poema causou muita repercussão na sala de aula e muitos disseram que iriam se comportar diferente a respeito das árvores. Findo o debate, entregamos a parte da atividade chamada “A emoção por escrito” para que os estudantes pudessem escrever.

Destacamos dentre as atividades as respostas da estudante Sophie pelo seguinte motivo. Esta estudante no início dos encontros não gostava de escrever e a partir deste poema, ela desenvolveu mais a escrita. Ela dizia que não sabia responder essas “perguntas que faziam pensar” e preferia as perguntas de “gramática”. Ela relatou na aula que os poemas sobre a natureza tocavam no “seu profundo” e “ficava pensando, pensando sobre as árvores e os bichos”. Abaixo, segue na íntegra a atividade da estudante:

Figura 25 — Atividade da leitora Sophie.

IV. A emoção por escrito

a) Sobre o texto: O que mais lhe surpreendeu nesse poema? Qual verso, ou estrofe mais lhe chamou a atenção? Você pode escrever porque tal passagem do texto lhe atraiu?

2ª estrofe, ela acredita muito que ainda tem a vida da vida, se não a vida de um pássaro, mas ela a sente mesmo e sabe.

a) O poema lhe fez lembrar algum momento de sua vida, seja em casa, na escola, filmes, livros outros poemas, contos, outras histórias?

Sim, eu lembro muito coisas, foi certo, foi coisas de criança.

b) Você se identificou com o eu-lírico do poema? Por quê?

Não, porque ela fala da sua infância e não a minha.

c) Como você se sentiu ao ler, ouvir, vivenciar o poema?

Me senti muito feliz, pois eles são indígenas e cultuados, os índios tem muita cultura, eles são diferentes mesmo.

d) Você encontrou no poema alguma informação que não sabia antes de conhecê-lo?

Sim, eu não sabia que os índios tinham tanta coisa, não sabia que eles eram uma coisa diferente.

e) Ao conhecer esse poema, você lembrou-se de alguma música, série, livro, conto, personagem de filme? Qual ou quais?

Não sei, só sei que no filme os índios eram muito legais.

f) Qual a mensagem do poema que o poema passa para você?

Que a vida é importante e não importa a idade da vida.

Quarta-feira, 04/09/2018 – **Pós-leitura** (duração prevista: 1h/aula).

Nessa aula, aproveitamos para orientar os estudantes a respeito da escrita nos diários de leitura, muitos estavam com dificuldade, outros disseram que só queriam participar das atividades, e conforme a 466/12 do CNS, especificada mais adiante, eles teriam a liberdade de continuar ou não fazendo parte da pesquisa.

De toda a turma, 12 estudantes disseram que queriam escrever nos diários de leitura então sugerimos criar um grupo no WhatsApp para melhor orientar essa produção. Decidimos

realizar em sala de aula, a pré-leitura, a leitura dos poemas e a pós-leitura seria orientada após a leitura e via grupo virtual. Desta maneira o tempo que a princípio previa 6 h/aula passou para 4h/aula. Conforme descrito acima, criamos um grupo no WhatsApp que demos o nome Diário de Leitura.

4.7.7 Sexto encontro: *Natureza em chama*

Segunda -feira, 10/09/2018 –**Pré-leitura** (duração prevista: 1h/aula)

A pré-leitura desse poema foi realizada na sala de aula. Usamos lousa digital para apresentar algumas imagens³³ e os seguintes textos³⁴ cujos títulos seguem:

AMAZÔNIA-NOTÍCIA E INFO: Amazônia – Maior afetada por queimadas em 2018³⁵.

Poema Súplica dos Ecólogos, composição e música do poeta repentista Sebastião Dias, gravada por Fagner e Zé Ramalho Ao Vivo (DVD)³⁶.

Ao lermos e ouvirmos a canção, organizamos uma atividade oral chamada *Círculo da Palavra: a natureza chama*. Cada aluno expressou oralmente a respeito da letra da canção que aborda a preservação da natureza. Realizamos uma conversação sobre a nossa relação com a natureza. Debates sobre as consequências do desmatamento, a poluição dos rios, o aquecimento global. Salientamos que os textos (imagens e a música) chamaram a atenção dos estudantes para o assunto. Notamos a expressão de sensibilidade em relação ao exposto. Muitos alunos ressaltaram sentir tristeza por ver a natureza tão maltratada.

Terça-feira, 11/09/2018 –**Leitura** (duração prevista: 2h/a).

Neste dia, chegamos à sala de aula e montamos o nosso círculo da palavra e entregamos para cada estudante o poema *Natureza em Chama*. Fizemos a leitura silenciosa, e em seguida a leitura expressiva.

Durante a leitura expressiva, os estudantes iam comentando sobre os versos que mais chamaram a atenção deles. Fizemos uma comparação entre os textos da aula anterior e o

³³ As imagens usadas nesta atividade estão no anexo deste trabalho.

³⁴ Os textos na íntegra estão no anexo deste trabalho.

³⁵ Disponível: <http://amazonia.org.br/2018/05/amazonia-maior-afetada-por-queimadas-em-2018/>. Acesso em: 09/09/2018.

³⁶ Fonte: Acervo do pesquisador. Faixa 9 do DVD Fagner & Zé Ramalho Ao Vivo. Sob o selo Sony Music, este álbum foi gravado pela Sony Music Entertainment entre os dias 28 a 30 de julho de 2014 no Theatro Net Rio. Lançamento: 2014.

poema para destacar que todos abordavam o desmatamento e queimadas desmedidos no Brasil.

Depois desse momento de discussão, entregamos a parte da atividade de pós-leitura chamada a *Emoção por escrito* para os estudantes registrarem suas impressões sobre o poema. Conforme combinado com a turma, a orientações para os 12 alunos que continuaram a escrever nos diários aconteceram via WhatsApp.

4.7.8 Sétimo encontro: Silêncio Guerreiro

Quinta-feira, 13/09/2018 - **Pré-Leitura** (duração prevista: 2h/a)

A turma sugeriu no quinto encontro que fôssemos ao Jardim Botânico para “visitar a Natureza”, assim é que chamava o passeio. Não conseguimos realizar tal sugestão por falta de transporte. No entanto, conseguimos realizar outra viagem pedagógica com vista a encerrarmos o projeto.

A Fundação Joaquim Nabuco oferece um projeto chamado Curta o Circuito³⁷ que leva estudantes para conhecer o Engenho Massangana (Cabo de Santo Agostinho/PE) e ao Museu do Homem do Nordeste (Recife/PE). Inscrevemo-nos neste projeto e recebemos a confirmação positiva referente às visitas. Antes de viajarmos, orientei os estudantes a perguntarem aos monitores a respeito da preservação ambiental e sobretudo, aproveitassem o silêncio.

Ao chegarmos ao engenho Massangana, o que impressionou os estudantes, foi justamente a Natureza e um pé de baobá, sob o qual tivemos uma formação mediada por uma monitora da FUNDAJ.

Após visita à casa grande e a capela, os estudantes foram liberados pelos monitores e então orientamos os estudantes a observarem a natureza e ficarem à vontade. A princípio ficaram meio retraídos, depois de um tempo, começaram a catar frutas nas árvores, a brincar, rolar na grama.

³⁷ O projeto "Curta o Circuito" existe desde 2012. Uma iniciativa da Fundação Joaquim Nabuco, através da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte (Meca). O Curta propõe visitas mediadas de estudantes do sexto ano da rede pública de ensino ao Museu do Homem do Nordeste (Muhne), à unidade da Fundação do Derby e ao Engenho Massangana, localizado no município do Cabo de Santo Agostinho, a 31 km do Recife. Disponível em http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3937:conheca-o-projeto-curta-o-circuito&catid=99:noticias&Itemid=877. Acesso em 01/12/2018.

Por não termos autorização de imagens dos alunos, não podemos apresentar neste projeto, as cenas que observamos de envolvimento dos estudantes com o ambiente afastado da cidade.

Para ilustrar o que acabamos de afirmar, registramos uma foto que não fere a ética, mas que se percebe esse envolvimento.

Foto 6 — Aula à sombra do baobá, Engenho Massangana.



Foto 7 — Casa Grande do Engenho Massangana.



Nossa intenção nessa viagem era levar o estudante para um local afastado da agitação da cidade, do barulho e deixar ele livre para ter o contato com a natureza para que ele sentisse o ambiente bucólico e silencioso do lugar e refletisse sobre a importância da preservação da cultura ancestral.

Terça-feira, 18/09/2018 – **Leitura e pós-leitura** (duração prevista: 2h/a).

Ao chegarmos na aula, montamos nosso *círculo da palavra* e entregamos para cada estudante uma folha para que respondessem a duas perguntas: O que é o silêncio? O que é silenciar? Em seguida, pedimos para desenharem o que para eles seria símbolo de silêncio.

Feita a atividade cada um expôs sua resposta e retomamos a palavra perguntando o que eles esperavam da leitura de um poema com o título: *Silêncio Guerreiro*. Muitos ficaram confusos, pois achavam que silêncio nada tinha a ver com guerra. Convidei-os para assistir a um vídeo: Clip da Toada "Deusas da Guerra", gravado em Presidente Figueiredo-Amazonas³⁸, cuja letra³⁹ remete as mulheres guerreira no contexto de colonização.

Ouvimos os comentários sobre o clip, sobre a música, sobre a letra. Muitos se interessaram em conhecer mais aquele estilo de música, outros acharam a linguagem confusa, pois há muitos termos em língua indígena. Concluída essa conversação entreguei-lhes o poema *Silêncio Guerreiro* para realização da leitura.

Lemos silenciosamente a primeira vez, depois uma leitura expressa com a intervenção dos estudantes perguntando o significado de algumas palavras. Concluída a leitura entregamos a parte da atividade: *A emoção por escrito!*, para que escrevessem nela suas impressões sobre o poema.

Por se tratar do último encontro, pedimos-lhes que escrevessem o que tinham aprendido sobre os povos indígenas durante a vivência dos poemas e como conheciam sobre a pessoa do “índio”, hoje, quer dizer, depois dessas semanas envolvidos nessa temática. As respostas apresentam opiniões que serão interpretadas na seção 5 deste trabalho.

Concluimos nossos encontros, em círculo e mãos dadas, fazendo 1 minuto de silêncio. Os alunos chamaram esse momento de círculo do silêncio brincando com a atividade anterior que era chamada de círculo da palavra.

Agradecemos a participação de todos os estudantes, e estipulamos uma data, 30/09/2018 para entrega dos diários de leitura.

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zepnMpyi5U8>. Acesso em: 16/09/2018.

³⁹ A letra da música está em anexo neste trabalho.

4.7.9 *Riscos e benefícios*

De acordo com a resolução 466/12 do CNS informamos que a pesquisa que/ embasou este projeto apresentou como:

Riscos: entendendo que poderia existir a possibilidade de os voluntários sentirem alguma timidez, ou sentimento de constrangimento por saber que os dados das atividades e dos diários de leitura seriam publicados e conhecidos por outras pessoas. Informamos que seria garantida aos voluntários a total preservação de sua identidade e que seus nomes não apareceriam em qualquer momento do estudo, ou de publicações escritas e apresentações dos resultados. Para efeitos de análise, as atividades e os diários de leitura seriam identificados por um nome fictício escolhido por eles. Garantimos que se os voluntários demonstrarem algum incômodo físico ou emocional inesperado no decorrer das atividades previstas, estas seriam imediatamente interrompidas. Fiz questão de deixar claro que o voluntário teria o direito de não dar o consentimento ou de retirá-lo a qualquer momento; assim como também, teria o direito de não participar de todas as atividades propostas.

Benefícios: os resultados poderiam contribuir para a formação do leitor do texto literário, bem como, ter um impacto direto na prática de ensino de leitura subjetiva de poesia em geral, e em especial de poesia indígena, nas escolas do Ensino Fundamental. Também aderimos assim às políticas públicas de reparação referentes aos povos indígenas no cumprimento da Lei 11.645/2008, bem como a apresentação da literatura indígena do Brasil através da poesia, oportunizando assim os estudantes conhecerem-na, reconhecerem-na e vivenciarem-na nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental. Ademais, o pesquisador pretenderá, de posse dos resultados da pesquisa, divulgar seu estudo em eventos acadêmicos/congressos com publicação de material impresso e digital, que poderão ser acessados e utilizados por professores de língua portuguesa que se interessarem pela proposta de intervenção.

5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para analisar os resultados, nós compilamos os registros dos leitores em quadros referentes a cada poema. Digitamos os registros dos estudantes visando permitir maior fluência na leitura, mas buscamos não interferir na variedade falada na comunidade, e no grupo etário dos estudantes que, de certa forma, se reproduz na escrita.

Salientamos que os espaços em branco se referem à liberdade da não resposta do estudante, conforme o termo de consentimento assinado pelos mesmos e pelos seus responsáveis.

Como procedimentos para a análise e interpretação dos dados utilizamos a grelha de análise elaborada por Xypas (2018) inspirada em teorias apresentadas por Langlade (2013) fundamentada em narrativas. Essa grelha tem como função, nesta dissertação, de estruturar a avaliação da explicitação da leitura subjetiva enquanto produção de atividade leitora. Dito em outras palavras, a grelha possibilita categorizar o surgimento dos espaços dos vazios dos poemas lidos pelos estudantes do nono ano expressos nas atividades e nos diários de leitura deles. Salientamos que essa grelha fora usada para a categorização dos ecos íntimos dos leitores referentes à leitura de narrativas. No entanto, como nossa pesquisa abordou a poesia, necessitamos adaptar a quarta categoria que é “a identificação do sujeito com as situações vividas pelo personagem-narrador” (Xypas, 2018, p.79), nós usamos: A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos.

Essa grelha nos permitiu analisar de modo pragmático, os ecos íntimos do leitor, desvendar o seu universo particular e verificar a presença dos traços da subjetividade dos estudantes mediante cinco categorias.

1. **Sobre o texto:** está relacionado ao que o estudante apreende do texto e como apresenta suas impressões da poesia lida/estudada. Nessa categoria verificamos o que o leitor registrou sobre o que entendeu e a linguagem do poema.
2. **Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos:** está relacionado às expressões manifestadas por cada estudante que apontam o quanto vale para ele a obra.
3. **Evocação de outras leituras literárias/ da vida/ do mundo:** está relacionada à representação de mundo do leitor referente a outras histórias lidas, convocando o seu conhecimento prévio, concebido por sua visão da vida e do mundo.

4. **A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos:** está relacionada ao sentimento que o leitor tem ao ler o texto. Xypas (2018, p. 34) afirma: “A emoção sentida é gerada pelo próprio leitor dependendo então mais de quem lê, do que do texto porque os sentimentos dos personagens (*no nosso caso do eu-lírico*) o tocam e pode (ou não) o tornar triste, alegre ou angustiado” (grifo nosso).
5. **Resposta de si:** está relacionado à construção de si mesmo enquanto ser social mediante a obra lida.

6 ECOS ÍNTIMOS DOS LEITORES: RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO

Nessa seção, analisamos o ecos íntimos oriundos da leitura dos estudantes. Para nós os ecos íntimos são os sentimentos que o leitor apresenta na escrita em relação ao poema lido. As opiniões referentes ao gostar e não gostar; as lembranças evocadas pela leitura, o que achou da linguagem do poema, isto é, difícil, fácil, estranha, interessante etc. E se nos ecos íntimos registrados ocorreram o encantamento ou as mudanças nas representações dos estudantes relacionadas aos povos indígenas durante o período de vivência dos poemas em sala de aula.

Por se tratar de um número de 7 informantes, foram consideradas todas as respostas pertinentes aos aspectos dessas categorias. Também digitalizamos a imagem de alguns textos originais, nos anexos desta pesquisa, para demonstrar como os leitores se expressaram nos diários de leitura.

6.1 Ecos íntimos dos leitores em *Ay Kakyri Tama*

6.1.1 Sobre o texto

No tocante a linguagem do poema *Ay Kakyri Tama* (Eu moro na Cidade) destacamos as emoções sentidas dos estudantes:

Quadro 5 — ecos íntimos

Lunna	“Percebi que pra mim é uma coisa nova por não ser uma linguagem muito comum no meu dia a dia de se ouvir.”, “ A leitura foi fácil ”.
Preta Flor	“ A linguagem bem prática para todos entenderem ”.
Jughea	“ A Linguagem é muito estranha porque é a língua tupi ”
Sophie	“ Pra mim foi fácil porque eu prestei atenção e pensei em cada palavra e verso.”
A.S Andrews	Sem registro
Bella	“ A leitura foi difícil , porque tive que ler várias vezes para entender”
Artêmis	Foi interessante o fato de mesma ter usado sua linguagem de origem .”

Dos sete leitores, somente A.S Andrews não se referiu a linguagem da poesia. Os demais perceberam uma novidade, estranheza, praticidade na forma como a poetisa compôs o poema. Dos textos dos seis leitores analisados, o único que demonstra a leitura difícil, no entanto relata que entendeu. Essa dificuldade na leitura, consideramos normal quando se trata da leitura de poesia. O que nos chamou a atenção no texto dessa leitora foi o fato de ela não

desistir da leitura por causa da dificuldade. Quando ela relata que leu várias vezes, demonstra que ela se interessou em entender o poema.

Lunna, Preta Flor e Sophie convergem nas opiniões, pois relataram que a linguagem foi prática e fácil. Entendemos que essa praticidade está relacionada ao vocabulário do poema. A autora, mesmo colocando palavras da língua Kambeba em alguns versos, não dificultou a leitura para estes estudantes. Preta Flor confirma isso ao expressar que o poema foi feito “para todos **entenderem**”.

Judhead e Artêmis expressam opiniões semelhantes quando relatam que a autora usou a “**linguagem de origem**” e “a **língua tupi**”. Para um isso foi interessante e para o outro estranho. Entendemos esse estranhamento como uma característica peculiar na poesia de Márcia Wayna Kambeba. Na palavras da leitora Lunna “essa coisa nova” da forma de composição do poema: o bilinguismo Kambeba/Português, o grafismo, trouxeram uma novidade para os estudantes que lhes impressionou em sala de aula.

6.1.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos

Quadro 6 — ecos íntimos

Lunna	“ Eu gostei ”, “ acho muito legal ”
Preta Flor	“achei o poema bem legal , a linguagem bem prática para todos entenderem, a forma ficou linda ”. Ah como amei!
Jughead	“o que mais me chamou atenção foi o título , que eu mais gostei foi que ele faz você refletir e pra você saber o quão importante é a floresta pra eles”
Sophie	Eu gostei , pois ela expressa quem ela é, a sua natureza. É uma grande emoção. ”
A.S Andrews	“Um poema muito bom que expressa a vida em que eles foram obrigados a viver!”
Bella	“ Eu achei legal ”
Artêmis	“Querido diário de leitura, nesta manhã, meu professor de português leu para todos na turma um lindo poema sobre os índios, chama-se “Ay Kayri tama”. Realmente formidável! Um poema que mexe com a emoção e abala o psicológico de quem lê . (...) foi um dos poemas mais lindos que já li”.

Nessa categoria observamos no vocabulário dos estudantes: o gostar, o não gostar, o encanto, enfim o acharam da poesia Ay kakyri tama.

Todos os estudantes registraram uma empatia pelo poema. As palavras tais como legal, lindo, bom, formidável, gostar, grande representam, conforme Langlade (2013, p. 30) “encontro, encantamento súbito, paixão” esses elementos são enfatizados no registro da

leitora Artêmis quando afirma que o poema que “mexe com a **emoção e abala o psicológico de quem lê.**”

6.1.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Nessa categoria observamos se o poema Ay Kakyri Tama evocou no leitor outras lembranças. Langlade (2013, p. 31) afirma que “o texto vive de suas ressonâncias com as lembranças, as imagens, as representações íntimas de si, dos outros, do mundo do leitor.”

Quadro 7 — ecos íntimos.

Lunna	“Lembrei da tribo Fulni-ô. Meu primeiro contato com eles (...) revivi momentos mentalmente com os índios que conheci pessoalmente.”
Preta Flor	“esse poema me fez lembrar uma parte da minha vida em que todos queriam que eu mudasse meu jeito de agir, pensar, vestir, sentimentalmente etc.” lembrar todos os dias pelas coisas ruins que eles enfrentaram, lutaram com todas as suas forças, para salvar os seus povos e mesmo assim não conseguiram e mataram eles, mas eles têm que ser reconhecidos como vencedores pois eles não desistiram da guerra e foram até o fim!”.
Sophie	“Me fez lembrar da história dos índios. Lembrei de uma história dos índios na sua escravidão.”.
Artêmis	“ Não me recordo muito sobre minha infância, e durante a minha adolescência não me ocorreu caso semelhante”

Percebemos que entre os 7 leitores apenas 4 registraram lembranças evocadas pela leitura do poema.

A leitora Lunna quando afirma que reviveu “mentalmente momentos” relacionados a sua experiência com um dos povos indígenas, demonstra uma experiência de mundo diferente dos demais leitores.

Preta Flor e Sophie registram memórias semelhantes relacionadas a histórias dos indígenas com ênfase nas “coisas ruins” e na “escravidão”.

A leitora Artêmis ressalta que o poema não lhe fez recordar “muito sobre a infância, adolescência”.

Porém, o fato de não ter lembrado muito, não quer dizer que não lembrou de nada, subentendemos que a leitora não achou importante registrar o pouco que lembrou.

6.1.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Nessa categoria, observamos os registros dos leitores referentes ao que sentiram ou como se sentiram ao vivenciar o poema.

Quadro 8 — ecos íntimos

Lunna	“ Não e Sim. tipo não sabe explicar, mas foi mais ou menos”.
Preta Flor	“Ah eu ao ler eu senti como se ela estivesse chegando aqui agora e sendo julgada e todos querendo mudar o jeito dela, isso me deu dó”
Jughead	“eu senti durante a leitura uma tristeza por saber que eles não ficam no local deles.”
A.S Andrews	“ Senti a injustiça com as tribos indígenas, eles só queriam ter a liberdade de viver com costumes dele sem incomodar ninguém.”
Bella	“no poema eu senti um sentimento de alegria , porque depois de tudo o que aconteceu, ela não perdeu sua essência e a sua vontade de viver” “mesmo de eles não morarem mais na sua aldeia eles não perderam sua cultura”
Artêmis	“quero levar tal poema para minha vida adulta, uma frase que chamou atenção foi: “Posso ser quem tu és, sem mudar quem sou” Totalmente significativa. ”

Lunna se demonstra confusa ao escrever **não e sim, não sabe explicar**”, entendemos que ela não soube expressar em palavras o que vivenciou no poema. Na justificativa da estudante está implícita uma emoção de dúvida, Pelo conteúdo que o poema apresenta, talvez tenha sentido alegria e/ou tristeza, revolta e/ou orgulho. Preta Flor se sentiu **sendo julgada**. Judhead sentiu uma **tristeza** e A.S Andrews **sente injustiça**. Essa relação de afeto entre o leitor e o poema demonstra que o leitor se entrega ao poema, encarna-se nele. Artêmis ao reescrever a frase/verso que mais lhe chamou atenção destaca que é **totalmente significativa**. Compreendemos que o poema proporcionou à leitora um sentimento de gosto e identificação. Além disso, entendemos que ela encontrou no poema um lema para sua convivência uma vez que confessa “quero levar tal poema para minha vida adulta”.

6.1.5 Resposta a si

O aspecto mais importante dessa categoria é o que revela o leitor da construção de si mesmo mediante a vivência do poema.

Quadro 9 — ecos íntimos

Preta Flor	“fez tirar uma lição: Não mudaram sua identidade, seu caráter só porque se mudou de lugar ou conheceu pessoas novas. Seja você onde quer que for!!”
Jughead	“aprendi que devemos respeitar porque é eles uma parte da floresta”.
Sophie	“aprendi que temos que ter respeito com as culturas dos outros. (...) No meu pensar, as pessoas estão tão ocupadas por si mesmas que não desprezam.”.
A.S Andrews	“Cada verso que li em cada poema de Ay Kakyri Tama foi como um choque de realidade para o mundo que vivemos , pois 70% da população veem os índios como um quase nada! Mas para mim o que vale é os 22% que dão valor a essa cultura tão bela”
Bella	Temos que respeitar todos , seja da sua cultura ou não.” (AT). “Aprendi que temos que olhar para o próximo sem diferença e que temos que falar mais sobre os indígenas que não só no passado que eles sofreram
Artêmis	entendo que a autora queria transpassar por suas palavras, a força que precisamos ter para vencer na vida e principalmente que não devemos nos mudar para agradar ninguém.

Para Preta Flor a preservação da identidade foi o ponto que lhe representou. O poema lhe fez retornar a si mesma de tal maneira que em outro trecho expressou: **“várias vezes tentaram mudar o meu jeito e não conseguiram, pois tenho orgulho da mulher que mainha me ajudou a me formar”**.

Judhead, Sophie e Bella assemelham-se nessa representação de si. Esses leitores ao enfatizarem o respeito, colocam-se dentre as pessoas que devem respeitar os outros. Confessam que **aprenderam** esse modo de viver a partir do poema, o que se subentende que antes elas não viam as outras culturas com esse respeito.

A leitora Artêmis se coloca no poema e diz que temos que ter força para vencer na vida. Ao incluir-se nesse “temos” demonstra um despertar para uma vitória que para ser alcançada necessita dessa “força”.

No geral, os leitores expressaram esse olhar de alteridade, um eco que a partir do poema adentrou suas vidas e fez ressonância nos diários. Percebemos que a partir desse poema, muitos estudantes mudaram sua opinião em relação a outras culturas, não só a indígena. Nas aulas começaram a fazer perguntas sobre o modo de viver dos povos indígenas que moravam na cidade. Perguntaram sobretudo se eles usavam celular, se tinham carro, se

estudavam, etc. Foi um dos poemas que marcou a turma por trazer a temática da identidade da pessoa humana.

6.2 Ecos íntimos dos leitores em *Território Ancestral*

6.2.1 Sobre o texto

Quadro 10 — ecos íntimos

Lunna	“Neste poema eu me senti como se tivesse tendo uma conversa com a autora pessoalmente ”
Bella	A leitura foi fácil , deu para entender direitinho ”

Nesse poema, somente dois dentre os sete leitores expressaram opinião sobre a linguagem do texto. Lunna se sentiu conversando pessoalmente com a autora, Para nós isso significa que a leitura aconteceu de forma fluente e interativa. Bella diz que foi fácil e entendeu “direitinho” o que a autora escreveu. Pela nossa experiência em sala de aula, quando o estudante escreve que “entendeu direitinho”, quer dizer que aprendeu, que captou a mensagem, que não teve dificuldade com a leitura.

Essa ausência de registros pode significar que os demais leitores não acharam necessário escrever, uma vez que foi um dos poemas que teve mais debate oral, leitura de imagens e a realização do jogo dramático. Percebemos que os leitores ao vivenciarem essas, demonstraram seus ecos íntimos mais por meio de gestos, da oralidade, dos desenhos que na escrita do diário propriamente dito.

6.2.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos.

Quadro 11 — ecos íntimos

Preta Flor	(Estratégia de sobrevivência decidimos ficar em silêncio) “por eles eram maltratados e ainda tinham que ficar calados para não morrer.” “no início deu dó , pois ele sofreu muito, mas no fim deu alegria de saber que sofreu, mas venceu no final.”
Jughead	“O que mais me chamou atenção é que tudo que mostra no texto é o que nós vivemos, então não tem como escolher um porque todos são interessantes ”
Sophie	“ Desculpa , mas nenhum me chamou atenção” (AT).
Artêmis	“ o primeiro verso . “O que fazer com o homem na vida...?” Isso me atraiu por ser uma pergunta, mostra que nós homens estamos estragando tudo! ”

Dentre os registros dos leitores, observamos que 4 escreveram palavras como **maltratado, interessante, atraiu, dó, alegria**, em relação à temática do poema. Dois dentre os quatro escreveram a palavra “**tudo**” que significa em ambos, sentimentos diferentes. Para Judhead, o poema representa *Tudo* que vivemos. Para Artêmis, o poema atraiu porque mostra que o homem está “estragando tudo”.

6.2.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Quadro 12 — ecos íntimos

Preta Flor	“quando minha mãe reclamava comigo e não posso lhe dar uma resposta. KKKK”
A.S Andrews	“histórias de livros”
Artêmis	“Nada que venha em minha mente”

Por se tratar de uma temática praticamente desconhecida para o jovem leitor, não nos surpreende o fato de poucos registros escritos a respeito de evocações de outras leituras, da vida ou da experiência de mundo. Ressaltamos que nosso jovem leitor está em uma faixa etária de descoberta o que justifica a ausência de acervo na memória em relação a alguns temas.

Preta Flor destaca que o verso “Estratégia de sobrevivência decidimos ficar em silêncio” lhe fez lembrar das vezes que ficou calada perante as reclamações de sua mãe. A.S.Andrews disse que lembrou de história de livros, mas não deu mais detalhes, não temos como subtender que livros foram estes e Artêmes apenas justifica que não lembra de nada que lhe venha a mente.

Os demais não escreveram sobre esse aspecto.

6.2.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Quadro 13 — ecos íntimos

Preta Flor:	“no início deu dó , pois ele sofreu muito, mas no fim deu alegria de saber que sofreu, mas venceu no final.”
Judhead:	“ Tristeza , pois é a realidade em que vivemos hoje”
A.S.Andrews:	“ Tristeza ”
Bella:	“Quando eu vou ler esses poemas sempre fico com sentimento de tristeza porque eles sofreram muito e ainda sofrem por conta desse preconceito.”
Artêmis:	“ Tristeza , foi como um grito no vácuo tendo por objetivo alertar as ignorantes.”

Nessa categoria percebemos que os sentimentos registrados pelos leitores são muito semelhantes. A palavra **tristeza** foi evidenciada por quatro leitores. Eles justificam que esse sentimento advém do preconceito, do sofrimento, da realidade vivida pelos povos indígenas.

Artêmis enfatiza que essa tristeza é um **grito no vácuo para alertar os ignorantes**. Ora, percebemos que a leitora não se coloca dentre os “ignorantes” isso mostra a tomada de consciência da leitora em relação as consequências sofridas pelos indígenas.

Somente Preta Flor que no início relata ter sentido **dó**, mas no fim, **deu alegria**. Esse fim a que se refere a leitora, refere-se ao poema.

6.2.5 Resposta a si

Quadro 14 — ecos íntimos.

Lunna:	“percebi que ela está falando sobre alguns direitos que o índio não tem ou que pelo menos que a sociedade quer impor que eles não tem (...) pelo fato de ele trazer uma realidade vivida por todos nós hoje. Onde os negros e os índios não têm “voz” Quando digo não têm “voz” digo que o homem branco tem mais poder e superioridade que todos.” Agora eu deixo uma reflexão: Se os índios não procurassem seus direitos, quem vai procurar por eles?”
Judhead:	“As pessoas não dão valor para eles, eles perdem o seu lugar aos poucos e isso é triste.”
Bella:	“Eu aprendi que só porque é branco não quer dizer que pode mandar em tudo ou em todos, a terra era a casa deles, o lugar onde todos nasceram chegar alguém assim do nada e pedir pra você sair, destruir tudo de beleza que há na natureza é triste.”

O que observamos entre os leitores que registraram é que todos se colocam no lugar do outro, isto é, do indígena. Eles assumem essa personalidade. Veem-se na pele do outro e veem o outro em sua pele. Esse fato nos chamou a atenção. Há em comum uma identificação no que tange a reflexões sobre as minorias. Lunna concluiu sua escrita com uma indagação. Judhead afirma que isso é triste. Bella afirma que o fato de o homem branco querer mandar em tudo é triste.

Ora, assumir essa postura de pensar com o outro e se sentir no lugar do outro nos confirma que essa poesia trouxe para os leitores, certa reflexão sobre a sua postura na convivência com o outro.

6.3 Ecos íntimos dos leitores em Ritual Indígena

6.3.1 Sobre o texto

Quadro 15 — ecos íntimos

Preta Flor	Entendi nada
Jughead	(...) Pra mim as novas informações foram saber como o ritual deles funciona, porque eu nunca vi ou li sobre como funciona , só li agora e é muito interessante . Eu entendi que os brancos acharam o ritual deles uma cosa errada, mas ele não sabia como funcionava e nem que aquilo é uma religião e invadiu

Nesse poema os leitores tiveram mais dificuldade em se envolver. Por falar em ritual, muitos estudantes resistiram na participação. Os que participaram, opinaram de forma oral o que causou na classe um debate sobre a temática da espiritualidade e da religião. O fator religião interferiu na pouca participação dos leitores como percebemos nos poucos registros escritos nas atividades e no Diários de Leitura. Dos sete leitores, apenas dois escreveram sobre o que entenderam do texto.

Entendemos esse “**entender nada**” de Preta Flor como uma declaração de que não se interessou pela temática do poema. Ela foi uma das leitoras que mais questionou e debateu sobre os aspectos religiosos subtendidos no poema. Pela sua participação oral, observamos que ela entendeu **tudo**, tanto é que discutiu tanto. Porém, não registrou suas emoções no diário.

Judhead por sua vez chamou a atenção para as **informações novas** e **achou interessante** saber sobre o ritual.

Percebemos que o poema por abordar um assunto que fala da espiritualidade indígena não teve a mesma receptividade que os anteriores. A pouca experiência inter-religiosa na vida dos estudantes, em nossa opinião foi determinante para essa resistência. Nesse sentido, enfatizamos que o fator religioso interfere diretamente na recepção do poema na sala de aula.

6.3.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos

Quadro 16 — ecos íntimos

Preta Flor:	Ah eu não gostei não . Entendi nada (...) Gostei mais do outro , o outro faz mais sentido da minha vida e eu consegui me identificar .
Sophie	eu só achei interessante que ela é determinada. Acho ela corajosa.”
Judhead:	Nesse texto o que achei mais estranho é que acontece muito, é você fazer uma coisa muito errada que é discutir religião”

Bella:	“é triste porque não conhece sua cultura, não sabe muitas coisas sobre eles.”
Sophie:	Nenhuma coisa me chamou atenção ou me surpreendeu , eu só achei interessante que ela é determinada . Acho ela corajosa.”

Preta Flor escreveu que não gostou e não entendeu nada e acrescenta que gostou mais do outro com o qual se identificara. Salientamos que essa leitora foi uma das que mais rejeitaram o poema por conta da religião. Ela dizia oralmente que “não acreditava no ritual”.

Judhead por sua vez comentou por escrito que é **estranho** e é **uma coisa muito errada discutir religião**. Entende-se que para esse leitor o respeito pelas diversas religiões é necessário.

Sophie apresentou em seus registros opiniões contraditórias. Apesar de dizer que nenhuma coisa lhe chamou a atenção ou lhe surpreendeu, conclui que achou interessante e “**que ela é determinada e corajosa**”. Para essa leitora, o eu-lírico é feminino embora o poema não deixe isso claro.

Bella ao escrever a palavra **triste** faz referência aos que não conhecem a cultura indígena.

Como se percebe o vocabulário dos leitores a respeito do poema confirma que reagem de acordo com as suas vivências de mundo. Durante a leitura, observamos que aqueles que frequentavam as religiões neopentecostais apresentaram mais desinteresse. Como a maioria dos informantes fazem parte dessas igrejas, vimos nas suas opiniões os reflexos de pouca abertura para dialogar sobre a espiritualidade de outros povos.

6.3.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Quadro 17 — ecos íntimos.

Judhead	Não , acho que porque eu nunca vivenciei isso e também é muito diferente a vida deles que moram na floresta e eu na cidade. Não, porque tudo o que eu ouvi falar foi só como eles vivem, eu não sabia sobre tipo de ritual ou seja religião dele.”
Sophie	“não eu não me recordo de nada . Desculpe, sinto muito.”
Artêmis	“ em minha infância , lia muitos contos junto de minha mãe e um deles fora um indígena sobre uma índia que se apaixona pela lua.”

Conforme vimos analisando, os leitores não manifestaram por escrito as emoções que oralmente apresentaram em sala de aula.

Por se tratar de um tema pouco ou totalmente desconhecido para os leitores, não escreveram suas evocações a respeito de rituais. Apenas a leitora Artêmis relembra da sua infância quando junto a sua mãe, lia contos sobre uma índia que se apaixona pela lua.

6.3.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Quadro 18 — ecos íntimos

Lunna	Nesse poema eu me senti curiosa , pois nunca presenciei um ritual indígena pessoalmente.”
Judhead	“ Senti tristeza , porque eles não fazem mal a ninguém só estão lá vivendo como eles são e seguindo a religião deles.
Bella	“ tristeza ” “ é triste porque não conhece sua cultura, não sabe muitas coisas sobre eles.”
Artêmis	(...) “No momento do ritual em si, foi como vislumbrar o evento, ouvir o cântico ecoando por toda a floresta, pude sentir o calor intenso da fogueira , mas, em um solavanco tudo foi destruído e com grande pesar, me despedi.” (...) de leveza, harmonia, calma... todos os sentimentos bons.”

Lunna ao escrever que se sentiu curiosa demonstra um interesse pela cultura do outro. Judhead e Bella se sentiram tristes por entenderem que os povos indígenas foram obrigados a acabar com o ritual. Ambos explicam o porquê da tristeza: eles não fazem mal a ninguém, e não se conhece a cultura do outro.

Artêmis registrou uma experiência diferente dos outros leitores. Como o poema fala muito na natureza, nos seres da floresta, nos animais. Ela imaginou tudo isso no ato da leitura e revela um deslumbramento na primeira parte. Depois descreve que um “solavanco” a fez despedir-se dos sentimentos bons.

Mesmo diante das dificuldades para trabalhar com este poema, consideramos o que mais causou discussão, esclarecimento, mais exigiu explicação e a partir dele podemos abrir uma conversa até então não estimulada na turma sobre a intolerância religiosa.

6.3.5 Resposta a si

Quadro 19 — ecos íntimos.

Judhead	No texto quando você lê, o que se passa pelo menos na minha cabeça , e os homens brancos invadindo o ritual deles que é a religião e quebrando tudo, tocando fogo como se isso fosse pecado, mas é muito errado você nem saber o que se trata e fazer isso, então infelizmente eles foram obrigados a parar com o ritual deles e seguir outra religião. “nunca vivenciei isso e também é muito diferente a vida deles que moram
---------	--

	na floresta e eu na cidade.”
Bella	Sim, a filha de Euracy , agora não sei explicar. Eu ouvi falar na sala de aula que era coisa de macumba e tal, nada a ver . Como todas as religiões têm seus costumes essa era a deles, diferente da nossa, quando o poema diz “o que era um culto sagrado como ouro ancestral, o branco achou que era pecado, invadiu meu ser espiritual”, é triste porque não conhece sua cultura, não sabe muitas coisas sobre muitas coisas sobre eles, não respeitam as diferenças dos outros, isso tudo só para roubar suas coisas, seu lugar.
Artêmis	“Sim, a Metamorfose , me identifica com ela pois não me considero um simples humano, as vezes sonho que fosse me transformar. ”

Os três leitores manifestaram reflexões a respeito do respeito à religião do outro. Na escrita de Judhead observamos uma indignação em entender que os povos indígenas foram obrigados a parar com o ritual, mesmo esclarecendo que nunca participou desse tipo de cerimônia, conseguiu visualizar a invasão do branco **quebrando tudo, tocando fogo**.

Bella se reconhece em uma pessoa citada no poema, a filha de Euracy, isto é, filha do sol, mas não sabe explicar. Supomos que a leitora se sentiu obrigada a deixar sua cultura para seguir outra. Ela explica que ritual não tem nada a ver com macumba, esse comentário é um eco do que vínhamos comentando a respeito das discussões em sala de aula na vivência desse poema. A leitora enfatiza que essa falta de respeito pelo outro é “só para roubar suas coisas, seu lugar”. Interessante essa tomada de consciência, o leitor percebe que invasão na verdade é um roubo das coisas, do lugar, da identidade, da cultura do outro.

Artêmis se reconhece na **Metamorfose** que aparece no poema anunciando a presença do sobrenatural. Compreendemos que ao afirmar que não se considera **uma simples humana**, quer na verdade declarar que age diferente dos humanos que destruíram o ritual no poema. Também a fez pensar sobre a pergunta clássica “Quem sou eu?”.

Essa leitora registra duas palavras muito importantes para a leitura como retorno a si: **o sonho e a transformação**. Sobre o sonho, entendemos como uma esperança de um mundo melhor onde haja respeito e cuidado na relação com os outros e a transformação é o elemento essencial para realizarmos esse sonho. Transformar o modo de vida, a maneira de pensar.

6.4 Ecos íntimos dos leitores em *Minha Pena vermelha*

6.4.1 Sobre o texto

Quadro 20 — ecos íntimos.

Preta Flor	Que o homem branco acabou com sua cultura e sua “vida”.
------------	--

Judhead	Nesse texto, o que fala é que mais acontece no mundo que é o preconceito ”
Bella	A maneira em que a autora descreve a vida indígena , que fala com todo carinho sobre o seu corpo , como ela ama o seu modo de viver”
Arêmis	Sim, ela se importa com o seu próprio bem-estar e não liga para o que os outros tem a dizer

Esse poema em sala de aula causou muita conversão sobre a temática da sensualidade. Foram expostos muitos comentários sobre a beleza, o bonito, o feio, o jeito de se vestir, cores de roupas, marcas, produtos de beleza, sobretudo corpo e cabelo.

Nos diários de leitura, os leitores não registraram a riqueza dessas subjetividades.

Preta Flor em seus registros acusa o homem branco de ter acabado **a sua cultura e sua vida**, salientamos que essa vida refere-se ao eu-lírico. Ora, no poema não consta que o homem branco tenha feito isso, mas a leitora assim entendeu. Entendemos que a leitora usou os vazios do texto para expressar o que para ela é o preconceito vivenciado.

O leitor Jughead além de observar o preconceito ressalta que isso é o que mais acontece no mundo. Essas colocações do leitor apresentam um diálogo entre poema e a sua percepção de mundo.

Bella observou a maneira carinhosa que a autora descreve a cultura indígena. Entendemos que essa leitora ficou admirada com o orgulho que sente o eu-lírico ao falar de sua pele, seus olhos, seu jeito de ser. Artêmis enfatizou que o eu-lírico se importa com seu próprio bem estar, isto é, a leitora entendeu que a pessoa que fala no poema não se interessa pelas opiniões alheias referentes a sua aparência.

6.4.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos

Não verificamos nos registros dos leitores nenhum vocabulário que qualificasse o poema ou que demonstrasse se o leitor achou do poema, isto é, se gostou, não gostou. Conforme já explicado, talvez os leitores não acharam necessário escrever sobre isso, uma vez que tinham demonstrado isso de forma oral, nos desenhos, nos comentários durante a leitura expressiva.

6.4.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Quadro 21 — ecos íntimos.

Judhead	Me lembrei foi de uma série que fala um pouco de preconceito
---------	---

Bella	de um filme, só que eu não lembro o nome.
-------	---

Na vivência desse poema, achamos muito importante destacar que para os estudantes, a temática da sensualidade/beleza ficou em segundo plano.

Judhead disse que se lembrou de uma série que fala um pouco sobre preconceito, mas não escreveu o título nem deu detalhes. Bella de modo semelhante disse que se lembrou de um filme, mas não relatou detalhes.

Esses registros apontam para o fato de que o poema conduziu os leitores para temáticas e vivências relacionadas ao preconceito. Para nós, isso foi surpreendente. Por se tratar de adolescentes, esperávamos encontrar registros mais voltados ao universo da beleza, das marcas, do universo comercial.

6.4.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Quadro 22 — ecos íntimos.

Jughead	A emoção que eu tive foi como se essa linda beleza fosse acabando por conta do preconceito e outras coisas.
Sophie	eu já tentei me emocionar, mas não sinto nada, desculpe .”
Bella	Sim, sempre de tristeza”
Artêmis	Claro , afinal, quem compõe, desenha ou cria sem emoção ?”

Observamos quatro leitores que registraram o que sentiram ao ler o poema.

Judhead revela uma melancolia ao registrar que sentiu que a **linda beleza estava acabando**. Na escrita fica aparente que o leitor justifica a causa desse sentimento: o **preconceito e outras coisas**.

Achamos interessante o registro da leitora Sophie que diz não ter se emocionado e por isso pede desculpa. Ora, entendemos que essa confissão faz parte de uma emoção. Quando a leitora pede **desculpa**, está claro que ela sente que está interagindo com outra pessoa, não esclarece a quem pede desculpa, se ao professor, se ao diário, se a autora. Talvez a leitora entenda que a emoção esteja relacionada apenas à felicidade, ao choro, ao amor. Nesse caso, como fora debatido o poema em sala, talvez ela não tivesse esse tipo de emoção, mas outros sentimentos que não foram descritos em seu diário de leitura.

Bella, expressa que sentiu **tristeza**, e enfatiza com o advérbio **sempre**. Este “**sempre**”, refere-se aos poemas indígenas da Márcia Wayna Kambeba que abordam a questão do colonialismo e o sofrimento do seu povo perante o colonizador. A **tristeza** de Bella indica que ela se vê no lugar do outro e por isso sofre.

Artêmis, diferentemente dos demais, não observou os sentimentos relacionados ao assunto do poema, mas a sua vivência e participação nas aulas. Ela destaca: “**Claro**” e essa palavra se refere a emoção que ela sentiu ao compor, desenhar e criar. Atividades que ela e os demais vivenciaram na sala de aula.

6.4.5 Resposta a si

Quadro 23 — ecos íntimos.

Jughead	As pessoas zoam você, por você ter alguns defeitos , mas também muitos elogiam. .” “devemos ter respeito acima de tudo.”
Bella	não devemos julgar as pessoas pela aparência.
Artêmis	devemos nos amar do jeito que somos, não devemos mudar nada , pois somos perfeitos como o lírio branco.

Os três leitores apresentaram registros semelhantes sobre a representação de si.

Jughead se coloca entre as pessoas que são **zoadas**, isto é, sofrem preconceito, mesmo diante de elogios, ele chama a atenção para o **respeito acima de tudo**.

A colocação de Bella merece um destaque: mesmo a leitora tendo tomado consciência de que há na sociedade atitudes como a de julgar pela aparência, ao registrar seu eco subjetivo, se coloca entre os que julgam.

Artêmis ao registrar que devemos nos amar, subtemos que a vivência do poema despertou nela esse outro olhar.

Os três leitores apresentam uma mudança de comportamento. Acreditamos que os debates, a criação dos desenhos, as discussões e comentários orais na aula conduziram-nos para esse novo lugar de fala.

6.5 Ecos íntimos dos leitores em *Árvore da vida*

6.5.1 Sobre o texto

Quadro 24 — ecos íntimos.

Preta Flor	Não sei, porque eu não consegui entender nada.
Jughead	eu entendi nesse texto é que cada coisa da natureza tem um significado e é como se a “água” e a “floresta” fossem os deuses pra eles e que cada dia que se passa eles perdem sua tribo os homens brancos queimam sua floresta e por falta de conhecimento a cada dia que passa a água vai secando, acho que devemos ter respeito por aquilo que não é nossa.
Sophie	A 2ª estrofe , ela acredita muito que saiu de uma gota da árvore, e saiu a

	nação de um povo, para eles, a samaumeira é sagrada.
Artêmis	o jeito que a mesma fala das árvores é lindo

O poema *Árvore da vida* fala sobre o começo do povo Omágua/Kambéba. Por se tratar de um mito de criação que para esse povo é uma crença verídica, alguns leitores expressaram oralmente que não acreditavam “nessa história”.

Dentre esses leitores está Preta Flor, que registra o que segue: **não consegui entender nada**. Quando a leitora diz isso, não quer dizer que não entendeu o poema, mas que não entende como é possível a água e a árvore originarem a vida.

Jughead não só registrou que entendeu, mas interpreta o poema tecendo críticas às atitudes do homem branco. Sophie, por sua vez, destacou a segunda estrofe do poema e explicou o que entendeu. Nesses dois leitores, observamos uma necessidade de justificar o que entenderam do poema.

Artêmis chamou a atenção para o **jeito da fala**. Compreendemos que a leitora não só entendeu, mas também se encantou com a linguagem do poema.

6.5.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos

Quadro 25 — ecos íntimos.

Sophie	Os índios têm muita cultura , eles são diferentes mesmo.”
Bella	Gostei do poema”
Artêmis	Gostei do texto todo, gosto de árvores e é bom escutar sobre elas , o jeito que a mesma fala das árvores é lindo

Mediante a vivência do poema, compreendemos que a leitora Sophie ao escrever: **muita cultura, diferentes**, reconhece e valoriza a crença do outro. Talvez tenha comparado a cultura indígena à cultura onde esteja inserida e percebeu que os povos indígenas são diferentes porque manifestam outra forma de acreditar.

Bella escreve enfática: **gostei do poema**. Não explica porque gostou,—talvez tenha achado o texto interessante, bonito, atraente. Na nossa prática docente, quando ouvimos estudantes dizerem que gostaram de algo é porque entenderam a mensagem e que concordam com ela. Supomos que isso aconteceu com a leitora.

De forma semelhante, Artêmis se posiciona: **Gostei do texto, gosto de, bom escutar, lindo**. Esses vocábulos demonstram que a leitora não só se afeiçãoou da linguagem do poema, isto é, do estilo da poetisa, mas o conteúdo faz parte das coisas que ela gosta de ouvir. Quando

ela salienta que **o jeito** que a poetisa **fala** sobre isso é **lindo**, reafirma que a estética é um elemento encantador nesse poema.

6.5.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Quadro 26 — ecos íntimos.

Preta Flor	Lembro da minha infância quando eu subia nos pés e tals (...)do livro A árvore que dava dinheiro”
Jughead	Sim, quando eu era pequeno eu e meu irmão ficava em cima do pé de manga e a gente comia e depois se deitava nele e ficava aquele vento maravilhoso.
Sophie	Sim, eu pegava muitas folhas pra cortar pra brincar de comidinha”
A.S. Andrews	Me lembra de uma tragédia em que um raio atingiu uma grande árvore que tinha ao lado da minha casa em um sítio.
Bella	Fez sim, quando eu brincava com meus irmãos e primos na árvore.”
Artêmis	Me fez lembrar de Mãe Gaia, a titã terra.

O poema ao trazer o elemento da árvore no seu contexto ativou nos leitores muitas lembranças relacionadas a sua infância.

Preta Flor ao evocar sua lembrança da infância não escreveu detalhes, mas supomos que ela esteja falando de brincadeiras que as crianças no seu contexto costumam fazer. Ressaltamos que o bairro do Curado 2 onde a leitora nasceu e se criou é bem arborizado. Ela também se lembra da leitura de um outro livro: “A árvore que dava dinheiro” Ao nosso ver, a leitora ao ler o poema evocou lembranças de momentos diferentes de sua vida.

Jughead também menciona uma lembrança da infância. No seu caso detalha a fruta: manga, a ação: deitar, o prazer: vento maravilhoso.

Sophie e Bella, semelhantemente a Preta Flor, relembram suas infâncias: **brincar de comidinha**, com as folhas da árvores, **brincava** com meus primos.

Compreendemos que para esses leitores o poema *Árvore da vida* abriu espaços para momentos adormecidos que apresentam coisas boas vivenciadas na infância.

Somente a leitora A.S. Andrews se lembrou de um fato negativo que marcou sua infância: **uma tragédia**. O interessante é que o poema aborda o começo da vida e a leitora ao registrar esse ponto, talvez quisesse refletir sobre o fim da vida impresso na palavra **tragédia**, uma vez que salienta que essa árvore que fora atingida pelo raio ficava **ao lado da casa** dela. Ora, para essa leitora, talvez, esse episódio persista em sua memória pelo perigo, o medo, a insegurança que vivenciou.

Diferente dos demais, Artêmis, lembrou uma personagem da mitologia grega: **Gaia**. O fato do poema trazer essa abordagem sobre a criação do ser humano conduziu essa leitora à outras leituras, confirmando que a leitora não se restringiu à abordagem indígena, mas buscou nos espaços vazios do texto um lugar para escrever seu texto e o que conhecia sobre o mundo.

6.5.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Quadro 27 — ecos íntimos.

Sophie	Me senti confusa , pois para eles, os indígenas a árvore é cultuada .
A.S. Andrews	“me senti bem (...) liberdade ”
Bella	(Me senti) alegre

Sophie ao expressar que se sentiu confusa, refere-se à questão da crença que os indígenas têm sobre a criação do ser humano. Talvez o fato de a leitora pertencer a cultura cristã tenha interferido nessa confusão causada pela ação dos indígenas cultuarem uma árvore o que contradiz a formação cristã da leitora que ensina o culto é prestado somente a Deus.

A.S.Andrews e Bella escreveram que se sentiram **bem**, em **liberdade** e **alegre**. Supomos que se sentir bem queira expressar o encanto, o prazer que teve ao vivenciar o poema.

6.5.5 Resposta a si

Quadro 28 — ecos íntimos.

Jughead	Sim, árvore, sem ela deixamos de ter frutos que são ricos em vitaminas, ficamos sem ar para respirar entre outras coisas.
A.S Andrews	Minha opinião sobre a natureza é a mesma, as árvores têm que viver .
Bella	Devemos cuidar mais das árvores , que elas que fazem nós termos esse ar que respiramos.

Na leitura como retorno a si os três leitores expressam opiniões semelhantes. Eles chamam a atenção para a preservação das árvores, o que entendemos que o poema despertou e reforçou neles essa consciência. Segundo Xypas (2018, p.81) é importante ressaltar o ponto central que releva da construção de si enquanto ser social. Ao se colocarem entre as pessoas que devem cuidar, entre as pessoas que podem sofrer pela falta de frutos e respiração, demonstram uma preocupação que pode ser uma prioridade nas suas vidas.

6.6 Ecos íntimos dos leitores em *Natureza em Chama*

6.6.1 Sobre o texto

Quadro 29 — ecos íntimos.

Lunna	Me atraiu porque eu imaginei a cena e me coloquei no lugar as pessoas que moram lá.
Preta Flor	(Queimando a mata) porque é incrível como os seres humanos conseguem destruir as coisas sem nem pensar no próximo .
Jughead	“ Esse texto se trata de uma coisa muito importante que parece que muitas pessoas que moram na cidade não tem consciência nenhuma ”
Sophie	“essa leitura foi fácil , porque eu mergulhei de cabeça, eu me interessei e tudo fica mais fácil quando tem interesse, aliás me atraiu! Como estou dizendo foi no meu profundo .”

Lunna quando escreve que o poema a atraiu justifica que imagina e se coloca no lugar daqueles que sofrem as consequências das queimadas. Entendemos que a atração dela se dá primeiramente pela linguagem do poema, rica em imagens e sons que contribuíram para a leitora adentrar no texto.

Preta Flor destaca um verso e faz uma reflexão sobre o assunto não se colocando entre os seres humanos que não pensam no próximo. A leitora faz uma leitura com o olhar de observadora não concordando com as ações praticadas pelos “seres humanos”.

Jughead chama a atenção para a falta de consciência humana das pessoas que moram na cidade. O leitor compreendeu que essas pessoas são responsáveis pela destruição das coisas.

Sophie registrou que a leitura foi fácil, que se interessou e que mergulhou de cabeça. Entendemos que a leitora se envolveu com o poema atraída por sua linguagem que segundo ela confessa “**atraiu**”. Essa atração a fez abstrair a mensagem a ponto de escrever: **foi no meu profundo**, isto é, causou reflexão.

6.6.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos

Quadro 30 — ecos íntimos.

Sophie	(...) eu gostei muito dessa poesia , foi a mais que foi no meu profundo, puxou coisas de mim, aprendi que devemos dar valor enquanto temos, para não perder.
--------	---

Dentre os sete leitores, apenas Sophie registrou no seu diário comentário dobre o que achou da poesia. Ela afirma que gostou e enfatiza que o advérbio *muito*, justificando que o

poema a tocou profundamente. Essa relação de empatia com o texto a conduziu aprender “dar valor enquanto temos” nesse caso a natureza.

6.6.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Quadro 31 — ecos íntimos.

Lunna	Lembro da primeira vez em que eu vi pessoas desmatando o mato de Cova de Onça.
Preta Flor	de um filme , eu só não lembro o nome” (AT)
Sophie	Durante a leitura da poesia/texto eu lembrei de quando era pequena , acho que eu era do 4º ano, ou menos, não sei, mas lembro que minha professora mandou falar sobre o desmatamento ou foi sobre a poluição da natureza, AAAH! Ela mandou desenhar sobre isso! Eu desenhei lixo nos rios etc.... Até gostei de relembrar” (DL).
Artêmis	Um dia perto de minha casa soltaram um balão , ele caiu em um planalto. Foi uma cena horrível. ” (AT).

Pelo que percebemos, as lembranças evocadas pelos leitores estão relacionadas a sua vivência de mundo com experiências que retratam o desmatamento, a poluição o descuido com a natureza. Apenas Preta Flor relata que se lembrou de um filme, não escreve detalhes, supomos que o conteúdo do mesmo esteja relacionado ao desmatamento.

6.6.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Quadro 32 — ecos íntimos

Lunna	“Tristeza” (...)
Preta Flor	“senti a dor deles, das pessoas estarem estragando a vida deles” (AT)
Jughead	“ Tive tristeza , porque as coisas que mais nos ajudam, são as que menos damos valor” (AT)
Sophie	Esse texto foi o que tive mais emoção , eu hoje estou inspirada! (DL). Eu fico revoltada com uma situação dessa! Eu agora realmente vou refletir com minha relação a natureza, eu não quero mais causar dor nela, cuidar é necessário! Preciso preservar.
A.S Andrews	Tristeza
Bella	“De tristeza , porque a humanidade precisa da natureza e mesmo assim não cuida” (AT).
Artêmis	“ Tristeza , nada além de tristeza” (AT).

Nessa categoria todos os leitores manifestaram seus sentimentos a respeito do conteúdo do poema. Cinco dentre os sete sentiram **tristeza**. Chamou-nos a atenção esse registro, porque entendemos que essa tristeza advém de uma percepção do leitor diretamente ligada ao seu conhecimento do mundo real. Conforme debatido nas aulas, o desmatamento, a poluição está exterminando a vida na floresta e prejudicando a maior parte da humanidade.

Quando Sophie relata que esse foi o poema que mais lhe emocionou, quer dizer que mais a envolveu, tanto é que se sente revoltada com a situação manifesta no poema e percebida na realidade.

6.6.5 Reposta a si

Quadro 33 — ecos íntimos

Lunna	“O poema falou o que eu já sabia. (...) Pra gente cuidar mais da natureza. ” (AT)
Preta Flor	“ Cuidar e preservar, pois não só os índios como os animais também precisam (...) Cuide das coisas enquanto existe, aproveite o máximo porque amanhã pode ser tarde demais para aproveitar. ” (AT)
Jughead	“Sim, tudo que vimos é a realidade e que muitos seres humanos são “CEGOS” de não entenderem que eles precisam de ajuda, no caso a natureza. ” (AT). “Acho muito importante você ajudar em modo de por o lixo no local certo, plantar e ajudar regando (...) Acho que eu devo dar mais importância, não só eu, mas todos nós! ” Devemos cuidar e zelar tudo aquilo que nos proporciona viver ter saúde etc. ” (AT)
Sophie	Bom, é engraçado como os humanos são, eles parecem que não sabem o que estão fazendo, mas sabem sim! Nós sabemos que a natureza é muito importante para as nossas vidas, imagina se ficarmos sem árvore? Por que o desmatamento? Os humanos não conseguem enxergar que é errado? (...) Imagina só uma floresta sem tronco sem pé de nenhuma fruta, imagina o chão sem nenhum mato/folha só apenas barro/areia/terra! Que dor se um dia isso verdadeiramente acontecer! Mas do jeito que tá, não é tão impossível acontecer. Eu fico revoltada com uma situação dessa! Eu agora realmente vou refletir com minha relação a natureza, eu não quero mais causar dor nela, cuidar é necessário! Preciso preservar. Apesar que tenho pânico de um animal que vive nos matos, mas se os matos se forem pra onde vão correr? Pra minha casa que não vai! Tirando a cobra, os animais são tão felizes na natureza, aliás, é o habitar deles! Se acabarem com as árvores, onde os macacos vão ficar? Precisamos preservar a natureza. Bem que pensei que teria mais poemas/poesia que iam ser legais e que eu podia sentir coisas, pensar, refletir! Sentir!
Bella	“ A natureza não precisa das pessoas. As pessoas precisam da natureza! (...) os humanos parem pra entender que ao destruir a natureza, os animais e o planeta ele esta automaticamente se destruindo. Por um despertar de consciência, aqui e agora a terra é a nossa casa e é o nosso paraíso. ” (AT)

Artêmis	Em meu tempo livre escrevo pequenas histórias onde sou a aprendiz do Espírito da Floresta. (AT). “Não tenho o que explicar... só dizer “eu odeio os humanos” (...) Ame a natureza, ela só quer viver como você... ” (DL)
---------	--

Conforme vimos observando, esse poema mexeu com a turma, isto é, chamou atenção para um fato real - a destruição da natureza- refletida no poema de Márcia Wayna Kambeba.

Cada um dos leitores registram uma preocupação sobre o assunto e se colocam entre aqueles que precisam preservar a natureza.

Preta Flor adverte que é preciso **cuidar e preservar os “índios e animais”** e aconselha a cuidarmos das coisas hoje, porque **amanhã pode ser tarde demais.**

Juhhead faz uma observação interessante quando usa a palavra “CEGOS” em maiúscula. Ora, na linguagem virtual das redes sociais, usar a palavra em maiúscula significa gritar. Entendemos, assim, que o leitor está gritando para chamar a atenção para o problema. Adiante apresenta propostas de intervenção como jogar o lixo no lugar correto e conclui colocando-se entre os que devem dar mais importância para a natureza.

Sophie registrou uma longa reflexão. Ela levanta questionamentos indicando uma preocupação com o desaparecimento da flora e da fauna e chega à conclusão de que precisamos preservar a natureza.

Bella em seus registros chega a ordenar os humanos a pararem para pensar sobre o assunto: **“os humanos parem pra entender que ao destruir a natureza, os animais e o planeta ele está automaticamente se destruindo.”** A leitora parece angustiada por perceber que a maioria das pessoas não estão interessadas no problema e agem como se nada estivesse acontecendo com o planeta, em seguida comenta: **“Por um despertar de consciência, aqui e agora a terra é a nossa casa e é o nosso paraíso.”**

Artêmis evidencia sua relação com a natureza ao registrar que em seu tempo livre escreve história nas quais é uma “aprendiz da Natureza”. Depois com um tom de revolta, expressa que **“odeia os humanos”**. O que observamos nessa leitora foi uma relação tão envolvente com o poema que a faz assumir o lugar da natureza, como se se personificasse nela. Mas conclui pedindo: **“Ame a natureza, ela só quer viver como você...”**.

Ora, o **despertar de consciência** que Bella fala, nós chamamos de leitura como retorno a si. Esse eco subjetivo aconteceu em todos os estudantes que participaram das atividades e está presente nos registros aqui analisados. Assim, confirmamos que o encontro com essa poesia não se fechou à sala de aula, mas despertou nos estudantes atitudes e reflexões que ultrapassam os muros da ficção e os da sala de aula.

6.7 Ecos íntimos dos leitores em Meu Silêncio Guerreiro

6.7.1 Sobre o texto

Quadro 34 — ecos íntimos.

Preta Flor	(É preciso ficar em silêncio, Para pensar na solução) “Porque no silêncio nós pensamos melhor nas nossas decisões para não fazermos besteira”
Jughead	“é como se o silêncio fosse a melhor coisa pra eles fazerem e aprenderem melhor sobre tudo , tipo parar pra pensar, saber o que fazer, mas usar o silêncio para tudo aquilo que acontece e acho que é um modo de respeito a natureza também.” (DL)
Sophie	Porque no silêncio eles aprendem, eles vão saber como agir. Eles tão observando tão aprendendo, é no Silêncio que vem o plano.
A.S Andrews	“Aprendi o quanto eles são diferentes em certos aspectos. Que eles são pessoas com culturas diferentes e devíamos respeitar isso. ” (AT)
Bella	“é preciso ficar em silêncio para lutar pelos seus objetivos!” (...)

Neste poema, os leitores não registraram suas opiniões sobre a linguagem, evidenciaram o que entenderam do poema.

Preta Flor e Sophie entenderam que o silêncio ajuda a pensar para tomar decisão certa. Jughead enfatiza que para os indígenas, o silêncio é a melhor coisa e um modo de respeitar a natureza. A.S. Andrews chama a atenção para a cultura diferente. Ela entendeu que o silêncio guerreiro é um aspecto que merece respeito. Bella entendeu que o silêncio é uma arma na luta para alcançar os objetivos.

Durante as aulas, os estudantes fizeram muitas perguntas orais sobre o silêncio indígena, pois entendiam o silêncio como uma obrigação imposta por alguém, por exemplo: ficar em silêncio no cinema, na igreja. Com a leitura do poema, puderam observar essa atitude na visão indígena para quem o silêncio é uma estratégia de guerra, de luta, da maneira de viver.

6.7.2 Estados singulares de realizações textuais por um vocabulário de sentimentos

Quadro 35 — ecos íntimos.

Preta Flor	“Aprendi que nós somos todos iguais e que não há diferença e que eles são exemplares ” Pessoas educadas, carinhosas, religiosas que amam a natureza, que cuidam dos seus povos. Pessoas exemplares. ” (AT)
Jughead	“é como se o silêncio fosse a melhor coisa pra eles fazerem e aprenderem melhor sobre tudo , tipo parar pra pensar, saber o que fazer, mas usar o silêncio para tudo aquilo que acontece e acho que é um modo de respeito a

	natureza também." (DL)
Sophie	“eles são muito inteligentes ” (AT)

Por se tratar de um poema que fala do silêncio com uma visão extra-ocidental sobre o silêncio, os estudantes manifestaram por seus vocabulários, suas frases, fazendo referência a essa atitude dos povos indígenas.

Preta Flor e Sophie em seus registros elogiam essa atitude a qualifica os povos indígenas entre as **pessoas exemplares, educadas, carinhosas, muito inteligentes, religiosas e que amam a natureza**. Essas observações revelam sentimentos despertados na leitora ao conhecer esse elemento da cultura indígena.

Jughead reconhece que para os indígenas, o silêncio é a **melhor coisa** porque eles podem pensar para usar diante de **tudo aquilo** que acontece. Entendemos que esse “tudo aquilo” refere-se ao processo de colonização por que passa o indígena até os dias de hoje.

6.7.3 Evocação de outras leituras literárias/da vida/do mundo

Quadro 36 — ecos íntimos.

Preta Flor	“ muitas vezes tive que silenciar por correção e outras eu preferi o silêncio pro meu bem. ” (AT).
Sophie	“ lembro, eu sempre fico em silêncio, às vezes. Um dia eu apanhei, porque minha mãe falou comigo e eu não respondi , eu tava viajando nos meus pensamentos. Tava no meu profundo.” (AT).
A.S Andrews	“sim, na sala de aula ” (AT)
Bella	“ lembro das duas coisas, fazer silêncio é normal , agora ser silenciado é diferente , tipo, você não poder falar alguma coisa que está lhe incomodando.” (AT).

Os escritos apontam evocações relacionadas à vivência de mundo dos leitores. Preta Flor destaca que às vezes tem que ficar em silêncio, às vezes prefere, no entanto não especifica em que momentos da vida isso acontece só diz que é para seu bem.

Sophie relembra que apanhou da mãe porque não respondeu e explica que estava viajando nos seus pensamentos. O interessante é que ela não diz que estava em silêncio, mas que estava no seu profundo. A.S. Andrews remete o silêncio na sala de aula e entendemos que a leitora se refere ao silêncio como disciplina na escola. Bella, por sua vez, já faz menção às explicações que foram discutidas durante a pré-leitura do poema quando diferenciamos o silêncio do silenciar.

6.7.4 A emoção sentida do leitor na vivência dos poemas indígenas lidos

Os leitores não registraram nos diários nem nas atividades escritas nenhum eco subjetivo referente ao que ou como se sentiu ao ler o poema.

6.7.5 Resposta a si

Quadro 37 — ecos íntimos.

Preta Flor	(É preciso ficar em silêncio, Para pensar na solução) “Porque no silêncio nós pensamos melhor nas nossas decisões para não fazermos besteira” “Aprendi que nós somos todos iguais e que não há diferença e que eles são exemplares (...) Pessoas educadas, carinhosas, religiosas que amam a natureza, que cuidam dos seus povos.
Jughead	parar pra pensar, saber o que fazer, mas usar o silêncio para tudo aquilo que acontece e acho que é um modo de respeito à natureza também.
Sophie	“Sim, pois tem momentos na minha vida que eu só fico calada , não gosto de falar nada, só apenas me calo.” (AT).
A.S Andrews	“como o mundo seria melhor se todos aprendessem a fazer silêncio” (AT). “Aprendi o quanto eles são diferentes em certos aspectos. Que eles são pessoas com culturas diferentes e devíamos respeitar isso. ” (AT)
Bella	“é preciso ficar em silêncio para lutar pelos seus objetivos!” (...)

Os estudantes escreveram perspectivas semelhantes no eco da leitura como retorno a si. Preta Flor registra ter aprendido que somos iguais, mas ressalta que os indígenas cuidam dos seus povos. Jughead faz uma reflexão sobre o “parar para pensar” entendemos que o leitor compara a cultura ocidental à cultura indígena da qual aprende que o silêncio é importante.

Sophie menciona uma reflexão sobre a sua própria personalidade, revela que gosta de ficar calada. A.S.Andrews escreve que aprendeu o quanto os povos indígenas são diferentes e que deveríamos respeitar **isso**, quer dizer, as diferenças. Bella em seu eco faz uma exortação: **“é preciso ficar em silêncio para lutar pelos seus objetivos!”**

Compreendemos que os leitores absorveram o poema e compararam as diferenças entre a cultura indígena e cultura ocidental. Perceberam que o silêncio não significa uma omissão, uma timidez, um não saber falar. O silêncio no caso dos povos indígenas é uma maneira de falar. Uma voz sem palavras, mas que tem o poder do convencimento.

De modo geral, nesta pesquisa, essas comparações entre o familiar e o novo, o próximo e o distante, o tempo e o espaço deu-se mediante a abordagem da poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba brasileira que contribuiu para a ruptura do que se era esperado a

respeito da literatura indígena, bem como do que os estudantes conheciam (pré-conceitos) e o que vieram a conhecer sobre povos indígenas.

Mediamos junto aos estudantes essas comparações por meio de debates e discussões concernentes à temática da identidade cultural ou autoafirmação, questão ambiental, envolvendo a geografia, a espiritualidade, a sensualidade, a natureza a ancestralidade e a forma de viver dos povos indígenas aldeados ou na cidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

May Sangara Kumissa (a fala da alma). Essa expressão da língua Omágua/Kambeba revela o que nós propusemos nesta pesquisa: ouvir.

Ouvir a poesia de Márcia Wayna kambeba, poesia indígena que encanta pela sua estética e pela sua essência, por falar sobre um dos povos que fora silenciado ou ficara em silêncio durante 500 anos: o povo Omágua/Kambeba.

Ao ouvir, encantados, essa poesia indígena nos “engravidamos” de um desejo: apresentá-la na sala de aula para que nossos estudantes a conhecessem e quiçá também se encantassem. Para isso, marcamos um encontro.

Todo encontro marcado gera expectativas e ansiedades por ser um momento vivenciado com o outro. Esta pesquisa não poderia ser diferente. Levar a poesia indígena de Marcia Wayna Kambeba ao encontro do estudante do 9º ano do ensino fundamental exigiu de nós uma preparação cuidadosa, pois se tratava de uma novidade. Até então nenhum dos estudantes conheciam a poesia indígena. Aliás, os estudantes não sabiam que os indígenas escreviam. Os conhecimentos dos discentes a respeito dos povos nativos eram que estes “viviam nus, viviam na floresta, não sabiam falar português”.

Para esse encontro nos dividimos em três pessoas: o leitor apaixonado por poesia, o professor mediador e o pesquisador.

Enquanto leitor encantado pela a poesia indígena, desejamos que os estudantes participassem desse sentimento, para isso escolhemos sete poemas da poetisa Marcia Wayna Kambeba.

Enquanto professor, buscamos uma didática e metodologias que favorecessem os estudantes a lerem a poesia indígena na sala de aula, para isso usamos a leitura subjetiva que prioriza ouvir a voz do leitor.

Enquanto pesquisador, aportamo-nos teoricamente em estudiosos que se dedicam à literatura indígena, à leitura subjetiva e ao ensino de poesia.

Elaboramos então uma pergunta para nortear esta pesquisa: Como a poesia indígena brasileira de Márcia Wayna Kambeba apresentada à luz da leitura subjetiva poderá contribuir para o encanto, o envolvimento e o deslocamento do olhar dos estudantes sobre a cultura dos povos nativos? Para responder essa indagação, objetivamos investigar a recepção da poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba e os ecos íntimos do jovem leitor.

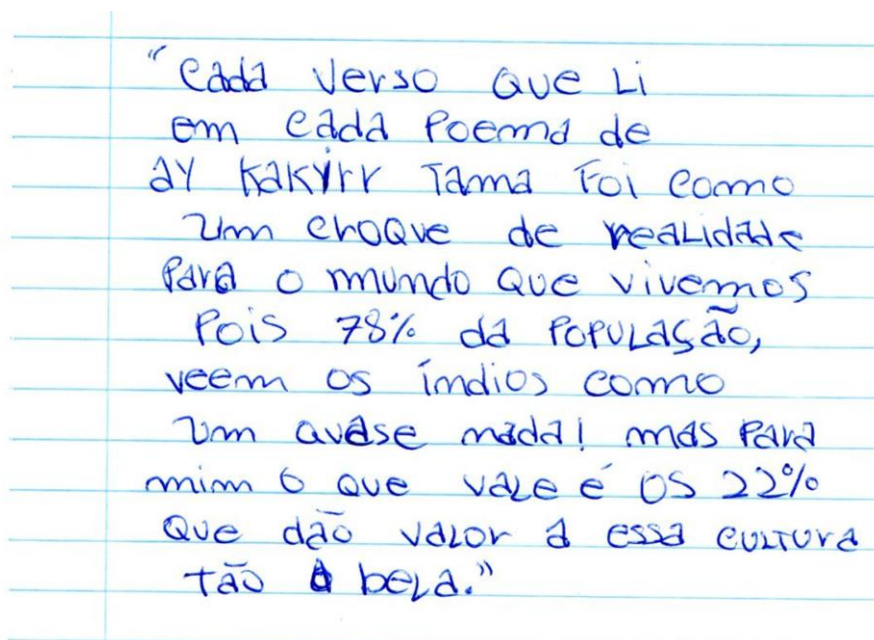
Isto posto, essa pesquisa foi dividida em 5 seções: na primeira, apresentamos o contexto da literatura indígena brasileira e a poesia indígena de Márcia Wayna Kambema. Na segunda, situamos os estudos da leitura subjetiva na França e no Brasil e dela no Ensino Fundamental. Na terceira, apresentamos os procedimentos metodológicos, isto é, como vivenciamos a poesia indígena na sala de aula. Na quarta, especificamos os procedimentos de análises dos registros dos leitores. Na quinta e última, analisamos os ecos íntimos do leitor de 9º ano (sete estudantes) as suas emoções sentidas à luz de cinco categorias de análises, a saber, sobre o texto, vocabulário rico de sentimentos, evocações da vida, do outro e do mundo, emoções sentidas do poema lido e retorno a si.

Levamos a poesia para sala de aula e ouvimos o que os estudantes disseram sobre ela. Para nós, ouvir a voz do leitor real, o nosso estudante do 9º ano da Escola Iraci Rodovalho, Jaboatão dos Guararapes/PE, que diante de suas condições físicas, psicológicas, sociais lê do jeito que pode. Ouvir essa voz da sala de aula é a alma da nossa profissão.

Verificamos no encontro com a poesia de Marcia Wayna Kambeba que houve deslocamento do olhar dos estudantes sobre a cultura dos povos nativos, que se abriram para outras perspectivas de práticas humanísticas e culturais.

E o encanto? Bom, como o foco desta pesquisa é ouvir o leitor, vamos ouvir os ecos dos leitores para saber a resposta sobre o encanto.

Figura 26 — Página do diário da Leitora A.S Andrews.



"Cada verso que li
em cada poema de
AY KAKYRR Tama foi como
um choque de realidade
para o mundo que vivemos
pois 78% da população,
veem os índios como
um quase nada! mas para
mim o que vale é os 22%
que dão valor a essa cultura
tão ~~a~~ bela."

Figura 27 — Página do diário da leitora Lunna.

cultura indígena. Indicaria
 porque eu gostei e é um
 texto lido que merece ser
 muito conhecido por todos.

Figura 28 — Página do diário da leitora Artêmis.

31/07/2018

Querido diário de leitura, nesta
 manhã, meu professor de português
 leu para todos na turma, um lindo
 poema sobre índios, chama-se "A
 Kakyri tamã".

Realmente formidável! um poema
 que mexe com a emoção e
 abala o psicológico de quem lê.

Não me recordo de algo parecido
 que ocorrera em minha vida
 pessoal, todavia, quero levar tal poema
 para minha vida adulta. Uma frase
 que chamou atenção foi: "Posso ser
 quem tu és, sem mudar quem
 eu sou". Totalmente significativa!

Resumindo, A Kakyri tamã, foi
 um dos poemas mais lindos que
 já li. Agradeço, câmbio e desligo.

Autora: Marcia W. C.

Figura 29 — Página do diário do leitor Jughead.

01/08/2018

Ay Kakuyri Toma
(Eu Moro na cidade)

Marcia Wayna Komleba

O que mais me chamou atenção foi o título, o que eu mais gostei foi que ele fez você refletir e para você saber o que é importante e a floresta para eles, eu aprendi que devemos respeitar por que é deles uma parte da floresta, eu senti durante a leitura uma tristeza por saber que eles não ficam no local deles, pra mim a leitura foi legal, eu indicaria o livro para pessoas poderem ver o que é importante e a floresta.

Figura 30 — Página do diário da leitora Preta Flor.

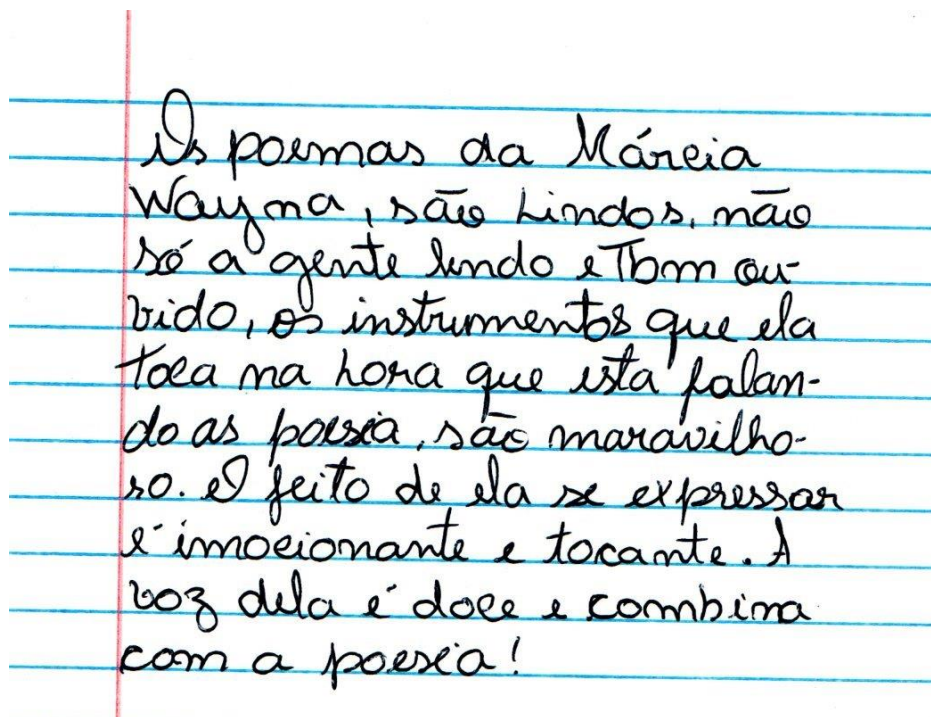
01/08/18

Título
Ay Kakuyri Toma
(Eu moro na cidade)

Autora
Márcia Wayna Komleba.

• Eu, Preta Flor achei o poema bem legal, a linguagem bem prática para todos entenderem, a forma ficou linda por cada verso está rimando e ela ainda tem a linda ideia de colocar o início na língua dela para que o povo de sua aldeia conseguisse entender e as gente aprender um pouco...
Ah Como eu amei!

Figura 31 — Página do diário da leitora Bella.



Os poemas da Márcia
Wayna, são lindos, não
só a gente lido e Tom ou-
vido, os instrumentos que ela
toca na hora que está falan-
do as poesia, são maravilho-
so. O feito de ela se expressar
é emocionante e tocante. A
voz dela é doce e combina
com a poesia!

Ao ler/ouvir essas vozes, esperamos ter colaborado, ainda que minimamente, para a academia com informações relevantes sobre o tema, respeitosamente, estudado.

Descobrimos que esta pesquisa é o início de um estudo que pretendemos continuar por *esperançarmos* ser a poética das penas uma voz indígena que ecoa da “floresta” para a sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** -Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 22/06/2017.

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **AS ASSEMBLÉIAS INDÍGENAS - O ADVENTO DO MOVIMENTO INDÍGENA NO BRASIL**. OPSIS, Catalão, v. 10, n. 1, p. 91-114, jan-jun 2010.

BORDINI, Maria Graça da; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Série Novas Perspectivas, Porto Alegre: Mercado Alberto, 1993.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Cândido, Antonio. **Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. 13 ed. Rio de Janeiro. Ouro Azul, 2012.
Cândido, 2014.

_____. **O direito à Literatura**. In: O Direito à Literatura. LIMA, Aldo (org). 2 ed. Recife. UFPE, 20114.

DORRICO, Julie. **A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea**. *Revista Iguarapé, Porto Velho*. V. 5, número 2, p. 107-137, 2018.

EURICH, Grazieli. **Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade**. In: VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, I Conferência Sul- Americana de Mídia Cidadã. FADESP. Pato Branco-PR. 05 a 07 de agosto de 2010.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino Português**. 7 ed. FAE. Brasília, 1994, p. 513.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. (Trad. Brigitte Hervot). São Paulo: Unesp, 2002.

_____. **A leitura como retorno a si:** sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In- *Leitura subjetiva e ensino de literatura*, (Org.) Rouxel, Langlade e Rezende, São Paulo: Alameda, 2013.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Reterritorialização e identidade do povo Amágua- Kambeba na aldeia Tururucari- Uka/Márcia Vieira da Silva. – Manaus, AM : UFAM, 2012.

_____. Poemas e crônicas. In- **Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade**. Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013.

LANGLADE, Gerard. **O sujeito leitor, autor da singularidade da obra**. In - *Leitura subjetiva e ensino de literatura*, (Org.) Rouxel, Langlade e Rezende, São Paulo: Alameda, 2013.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio. 2012. Disponível em:
http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/lingua_portuguesa_ef_em.pdf.
 Acesso em 11/01/2019.

PEREIRA, Eliete da Silva. **Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço**. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, 169f, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

_____. Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos. In - **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em 17/02/2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

RESENDE, N, L. Apresentação ao leitor brasileiro. ROUXEL, A; LANGLADE, G; RESENDE, N,L. (org). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradutores Amaury C. Moraes (et al.). São Paulo: Alameda, 2013, p. 7-18.

RISÉRIO, Antônio. **Textos e Tribos – Poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

ROUXEL, A. **Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor**. Revista Criação & Crítica, n. 9, p. 13-24, 15 nov. 2012.

_____. Autobiografia de leitor e identidade literária. In- **Leitura subjetiva e ensino de literatura**, (Org.) Rouxel, Langlade e Rezende, São Paulo: Alameda, 2013.

_____. ENSINO DA LITERATURA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E FORMAÇÃO DO LEITOR (Sobre a importância da experiência estética na formação do leitor). In: **Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. José Hélder Pinheiro Alves (Org.). – Campina Grande: Abralic, 2014, p. 19-36.

_____. **Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva**. Tradução Rosiane Xypas. Revista Brasileira Comparada, n. 35, 2018, p. 18-25.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Trad.:T. Belink. São Paulo: Summus Editora, 1978.

XYPAS, Rosiane. **Memórias de infância de Marcel Pagnol no romance La glorie de monpère**. In- Políticas públicas de formação e avaliação de leitores, ensino de literatura e leituras. Aluska Silva carvalho, Isis Milreu, Suênio Steverson, Tássia Tavares (Orgs). Campina Grande: EDUFCEG, 2015.

_____. **O Texto do leitor em L'Analphabète de Agota Kristof**. Revista Eletrônica da Educação (RELEDUC), Maceió: EDUFAL Editora . Ano 1, V.1, 2018.

_____. **A leitura subjetiva no ensino de literatura: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor**. Olinda: Nova Presença, 2018.

D' ANGELIS, Wilmar R. **NO BRASIL AINDA TEM “ÍNDIO”** Disponível em <http://kamuri.org.br/kamuri/no-brasil-ainda-tem-indio/>. Acesso em 24/12/2018).

Sites consultados

ARTE PALAVRA. Disponível em <http://ggrauna.blogspot.com/2007/>. Acesso em 29/12/2018.

AULETE DIGITAL. Disponível em <http://www.aulete.com.br/encanto>. Acesso em 16/12/2018.

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 11/01/2019.

BIBLIOTECA DIGITAL: TESES E DISSERTAÇÕES. PUC SÃO PAULO. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19673?mode=full>. Acesso em 09/06/2018.

BLOG DO DANIEL MUNDURUKU. Disponível em Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html>. Acesso em 29/12/2018.)

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI. (<https://cimi.org.br/o-cimi/#principios>. Acesso em 20/09/2018).

DESACATO. Disponível em: <http://desacato.info/115-escritores-indigenas-e-poetas-da-america/>. Acesso em 29/12/2018).

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/encanto>. Acesso em 16/12/2018.

DOCPLAYER. Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade. EURICH, Grazieli. 1 UEM-PR. Disponível em: <http://docplayer.com.br/43212446-Web-brasil-indigena-etnomidia-e-afirmacao-da-identidade-eurich-grazieli-1-uem-pr.html>. Acesso em 15/06/2018.

EDITORA PEIRÓPOLIS. Disponível em: <https://www.editorapeiropolis.com.br/todo-dia-e-dia-do-indio-na-peiropolis/>. Acesso em: 21/12/2018.

ELIANE POTIGUARA: LITERATURA INDÍGENA UM PENSAMENTO BRASILEIRO. Disponível em <http://www.elianepotiguara.org.br/>. Acesso em 29/12/2018.

FNDE. Disponíveis em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>, acesso em 01/07/2017.

INSTITUTO UKA: casa dos saberes ancestrais. disponível em: <http://institutouka.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em 21/12/2018.

INEP MEC. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/menu_do_pdf. Acesso em 29/12/2018.

KAMURI. (D' Angelis, Disponível em <http://kamuri.org.br/kamuri/no-brasil-ainda-tem-indio/>. Acesso em 24/12/2018)

RECANTO DAS LETRAS. <https://www.recantodasletras.com.br/autores/marciakambebe/>. Acesso em 16/12/2018

APÊNDICE A — COMPILAÇÃO DOS REGISTROS DOS LEITORES POR POEMA

Quadro 38 — registros dos leitores em Ay Kakyri Tama.

1	Poema Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)
Leitor	Registro
Lunna	“Percebi que pra mim é uma coisa nova por não ser uma linguagem muito comum no meu dia a dia de se ouvir. Eu gostei da forma em que foi escrita por chamar a atenção do leitor nos mínimos detalhes.” (AT) “A leitura foi fácil, porque eu acho muito legal e interessante a cultura indígena” (DL) “Lembrei da minha experiência com os índios pessoalmente. Meu primeiro contato com eles (...) revivi momentos mentalmente com os índios que conheci pessoalmente. Não me fez pensar em outra leitura (...) Me fez relembrar minhas experiências com os índios da tribo Fulni-ô” (AT) “Lembrei da tribo Fulni-ô” (DL) “Não e Sim. (tipo não sei explicar, mas foi mais ou menos”) (AT)
Preta Flor	“a linguagem bem prática para todos entenderem, a forma ficou linda, pois cada verso está rimando e ela ainda teve a linda ideia de colocar o início na língua dela para que o povo de sua aldeia pudesse entender e a gente aprender um pouco...” (DL) “Achei a linguagem bem legal, pois é uma coisa que todos irão entender. A forma ficou linda pois cada verso está rimando.” (AT) “Ah eu ao ler eu senti como se ela estivesse chegando aqui agora e sendo julgada e todos querendo mudar o jeito dela, isso me deu dó” (AT) “Eu Preta Flor achei o poema bem legal, a linguagem bem prática para todos entenderem, a forma ficou linda (...) ela teve a linda ideia de colocar o início na língua dela(...) Ah como amei! (DL) “esse poema me fez lembrar uma parte da minha vida em que todos queriam que eu mudasse meu jeito de agir, pensar, vestir, sentimentalmente etc.” (DL) “Sim, pois várias vezes tentaram mudar o meu jeito e não conseguiram, pois tenho orgulho da mulher que mainha me ajudou a me formar” (AT). “Não mudar a sua identidade nem o caráter só porque se muda de lugar ou conhece outras pessoas...(AT) “Querido diário, hoje eu aprendi que os índios têm que ser tratado como gente igual a gente que tem características, sentimentos, qualidades e defeitos...(...) Tratar todos bem é muito bom! A grande maioria das pessoas só se lembra que os índios existem no dia 19 de abril, mas se esquecem que todos os dias eles são gente e não é pintando que vamos nos lembrar deles. Nós temos que lembrar todos os dias pelas coisas ruins que eles enfrentaram, lutaram com todas as suas forças, para salvar os seus povos e mesmo assim não conseguiram e mataram eles, mas eles têm que ser reconhecidos como vencedores pois eles não desistiram da guerra e foram até o fim!(...) Esse poema me fez tirar uma lição. Não mudaram sua identidade, seu caráter só porque se mudou de lugar ou conheceu pessoas novas. Seja você onde quer que for!! (DL)
Jughead	“A Linguagem é muito estranha porque é a língua tupi, achei muito interessante o que ela escreveu porque fala o que se tornou” (AT)

	“o que mais me chamou atenção foi o título, que eu mais gostei foi que ele faz você refletir e pra você saber o quão importante é a floresta pra eles” (DL). “Achei muito bonito e realista, pois temos que saber respeitar e que todos somos humanos” (DL). “ me fez pensar nas florestas, nos índios o que eles fazem, as danças deles, tudo isso.” (AT) “Não, porque nunca vi algo pessoalmente sobre os índios.” (AT). “ ele faz você refletir e pra você saber o que importante é a floresta para eles, eu aprendi que devemos respeitar porque é eles uma parte da floresta, eu senti durante a leitura uma tristeza por saber que eles não ficam no local deles.”(DL)
Sophie	“Foi fácil por que ela... Pra mim foi fácil porque eu prestei atenção e pensei em cada palavra e verso.” (DL) “Ela escreveu na língua dos índios achei interessante” (AT). “Eu gostei, pois ela expressa quem ela é, a sua natureza. É uma grande emoção.” (AT). “Me fez lembrar da história dos índios” (AT) “lembrei de uma história dos índios na sua escravidão.” (DL). “cada pessoa, tem sua cultura, ou faz parte de uma cultura e é sua essência, não vai mudar.” (AT) “Aprendi que temos que ter respeito com as culturas dos outros.(...) No meu pensar, as pessoas estão tão ocupadas por si mesmas que não desprezam. Eu venho me perguntando, o porquê desses poemas sobre essa índia, sobre a cultura dos índios, eu só vim entender agora que isso é um projeto, portanto vai ter vários e vários poemas, mas só que agora estamos neste. Eu me faço essa pergunta sempre – oi, em vez de o professor ensinar coisas mais óbvias de português, como o acento. Mas eu tava no corredor da secretaria e vi meu antigo professor de português, aí eu falei – Oxe, professor Miguel só fala daquele projeto de em vez ele ensinar os acentos (outra coisa que vamos usar na vida) essa parte eu falei na minha mente. Aí o professor respondeu: - Mas vocês estão aprendendo uma coisa melhor que isso, o celular coloca o acento pra tu Sophia. Aí depois dele ter falado nisso, né. Mas sinceramente ainda não entendi o que vamos aprender com isso! Onde vai edificar nossa vida? Eu queria que um dia o senhor professor Miguel explicasse isso. Mas tipo assim, o projeto só falou disso da cultura indígena? Não vai falar de mais nada? Confuso. Fiquei na dúvida agora, porque o professor disse que ia acabar? Ah... mas acabar sobre esse poema! Porque o senhor disse que o outro a gente vai ter que ir pro passeio. Ou será que estou errada? #ACHOQUEONAÕVAIENTENDERNADADAMINHALETRA# SINTO MUITO! Minha mão já tá doendo. Gostei da sua explicação professor, eu já tô ansiosa por saber do novo poema! Espero que seja um que me emotiva, que eu consiga sentir algo, pra eu poder responder as suas atividades!
A.S Andrews	“Um poema muito bom que expressa a vida em que eles foram obrigados a viver! “Um poema muito bom” “Senti a injustiça com as tribos indígenas, eles só queriam ter a liberdade de viver com costumes dele sem incomodar ninguém(...) Cada verso que li em cada poema de Ay Kakyri Tama foi como um choque de realidade para o mundo que vivemos, pois 70% da população veem os índios como um quase

	nada! Mas para mim o que vale é os 22% que dão valor a essa cultura tão bela” (DL)
Bella	“A leitura foi difícil, porque tive que ler várias vezes para entender” (DL) “Eu achei legal, ela escreveu com a forma de todos entender o que se passa na vida do índio” (AT). “sentimento de alegria que mesmo de eles não morarem mais na sua aldeia eles não perderam sua cultura” (...) sim, é muito chamativo (AT) “no poema eu senti um sentimento de alegria, porque depois de tudo o que aconteceu, ela não perdeu sua essência e a sua vontade de viver” (DL). “Temos que respeitar todos, seja da sua cultura ou não.”(AT). “Aprendi que temos que olhar para o próximo sem diferença e que temos que falar mais sobre os indígenas que não só no passado que eles sofreram...(DL)
Artêmis	“Foi interessante o fato da mesma ter usado sua linguagem de origem, dividiu seu sentimento e os converteu em um belíssimo poema.” “vergonha, pois o “homem branco” destruiu a floresta, sem ter um pinga de compaixão para com os indígenas e animais.” (AT) “Querido diário de leitura, nesta manhã, meu professor de português leu para todos na turma um lindo poema sobre os índios, chama-se “Ay Kayri tama”. Realmente formidável! Um poema que mexe com a emoção e abala o psicológico de quem lê. (...) foi um dos poemas mais lindos que já li”. “Nada, não possuo nenhuma lembrança de algo da vida, nem de outra leitura.” (AT). “Não me recordo muito sobre minha infância, e durante a minha adolescência não me ocorreu caso semelhante.” (AT). “entendo que a autora queria transpassar por suas palavras, a força que precisamos ter para vencer na vida e principalmente que não devemos nos mudar para agradar ninguém”. (AT) Não me recordo de algo parecido que ocorrera em minha vida pessoal, todavia, quero levar tal poema para minha vida adulta, Uma frase que chamou atenção foi: “Posso ser quem tu és, sem mudar quem sou” Totalmente significativa. (DL)

Quadro 39 — Registros dos leitores sobre Território Ancestral.

2	Poema Território ancestral
Leitor	Registro
Lunna	“Neste poema eu me senti como se tivesse tendo uma conversa com a autora pessoalmente, percebi que ela está falando sobre alguns direitos que o índio não tem ou que pelo menos que a sociedade quer impor que eles não tem (...) pelo fato de ele trazer uma realidade vivida por todos nós hoje. Onde os negros e os índios não têm “voz” Quando digo não têm “voz” digo que o homem branco tem mais poder e superioridade que todos.” (DL). “A arma de fogo superou minha flecha, Minha nudez se tornou escandalizarão, Mudaram minha vida, destruíram o meu chão” Esse trecho me chamou bastante atenção pelo fato de ele trazer uma realidade vivida por todos nós hoje. Onde os negros, mulheres, índios não têm “voz”. Quando eu Digo não tem “Voz” digo que o homem branco tem mais poder e superioridade que todos que citei. Agora eu deixo uma reflexão: Se os índios não procurassem seus direitos, quem vai procurar por eles?” (DL)

Preta Flor	(Estratégia de sobrevivência decidimos ficar em silêncio) “por eles eram maltratados e ainda tinham que ficar calados para não morrer.” “no início deu dó, pois ele sofreu muito, mas no fim deu alegria de saber que sofreu, mas venceu no final.” (AT) “quando minha mãe reclamava comigo e não posso lhe dar uma resposta.KKKK”(AT)
Jughead	“O que mais me chamou atenção é que tudo que mostra no texto é o que nós vivemos, então não tem como escolher um (verso) porque todos são interessantes” (AT). “Tristeza, pois é a realidade em que vivemos hoje” (AT). “não, nunca vivenciei isso” (AT). “Não”. (AT). “As pessoas não dão valor para eles, eles perdem o seu lugar aos poucos e isso é triste.” (AT)
Sophie	“Desculpa, mas nenhum me chamou atenção” (AT). “triste, pois tudo é verdade” (AT). “nenhum sentimento é como passasse batido, eu tava concentrada em outra coisa” (AT) “Nenhuma coisa me chamou atenção ou me surpreendeu, eu só achei interessante que ela é determinada. Acho ela corajosa.”
A.S Andrews	“Tristeza” (AT) “histórias de livros” (AT) “não me identifiquei.” (AT)
Bella	“A leitura foi fácil, deu para entender direitinho” (DL). “Eu aprendi que só porque é branco não quer dizer que pode mandar em tudo ou em todos, a terra era a casa deles, o lugar onde todos nasceram chegar alguém assim do nada e pedir pra você sair, destruir tudo de beleza que há na natureza é triste. Quando eu vou ler esses poemas sempre fico com sentimento de tristeza porque eles sofreram muito e ainda sofrem por conta desse preconceito.” (DL).
Artêmis	“ o primeiro verso. “ O que fazer com o homem na vida...?” Isso me atraiu por ser uma pergunta, mostra que nós homens estamos estragando tudo!” “ Tristeza, foi como um grito no vácuo tendo por objetivo alertar as ignorantes.” (AT) “Nada que venha em minha mente” (At). “ Não me identifico com muitos personagens é raro esse acontecimento.”

Quadro 40 — Registros dos leitores sobre Ritual Indígena.

3	Ritual Indígena
Lunna	“Nesse poema eu me senti curiosa, pois nunca presenciei um ritual indígena pessoalmente.” (DL)
Preta Flor	Ah eu não gostei não. Entendi nada (...) Gostei mais do outro, o outro faz mais sentido da minha vida e eu consegui me identificar.(DL) “não, nenhum deles” (AT)
Jughead	“Nesse texto o que achei mais estranho é que acontece muito, é você fazer uma coisa muito errada que é discutir religião” (DL) “ Eu entendi que os brancos acharam o ritual deles uma coisa errada, mas ele não sabia como funcionava e nem que aquilo é uma religião e invadiu”

	(AT). “Senti tristeza, porque eles não fazem mal a ninguém só estão lá vivendo como eles são e seguindo a religião deles. (...) Pra mim as novas informações foram saber como o ritual deles funciona, porque eu nunca vi ou li sobre como funciona, só li agora e é muito interessante.” (AT) “No texto quando você lê, o que se passas pelo menos na minha cabeça, e os homens brancos invadindo o ritual deles que é a religião e quebrando tudo, tocando fogo como se isso fosse pecado, mas é muito errado você nem saber o que se trata e fazer isso, então infelizmente eles foram obrigados a parar com o ritual deles e seguir outra religião.” “não, porque tudo o que eu ouvi falar foi só como eles vivem, eu não sabia sobre tipo de ritual ou seja religião dele.” (AT). “Não, acho que porque eu nunca vivenciei isso e também é muito diferente a vida deles que moram na floresta e eu na cidade.” (AT). “nesse texto o que achei mais estranho é que acontece muito, é você fazer uma coisas errada que é discutir religião, no texto quando você lê o que se passa , pelo menos na minha cabeça, os ohomens brancos invadindo o ritual deles que é a religião e quebrando tudo, tocando fogo como se isso fosse pecado, mas é muito errado você nem saber o que se trata e fazer isso, então infelizmente eles foram obrigados a parar com o ritual deles e seguir outra religião.” (AT)
Sophie	“Nenhuma coisa me chamou atenção ou me surpreendeu, eu só achei interessante que ela é determinada. Acho ela corajosa.” “não eu não me recordo de nada. Desulpe, sinto muito.”(At). “Não, só participei pra ganhar ponto. Só escolhi pra ser o abranca pra ganhar ponto.” (AT)
A.S Andrews	
Bella	“de tristeza” (AT) “é triste porque não conhece sua cultura, não sabe muitas coisas sobre eles.” “sim, histórias contadas na escola” (AT). “Sim, a filha de Euracy, agora não sei explicar. (AT). Eu ouvi falar na sala de aula que era coisa de macumba e tal, nada a ver. Como todas as religiões têm seus costumes essa era a deles, diferente da nossa, quando o poema diz “ o que era um culto sagrado como ouro ancestral, o branco achou que era pecado, invadiu meu ser espiritual”, é triste porque não conhece sua cultura, não sabe muitas coisas sobre muitas coisas sobre eles, não respeitam as diferenças dos outros, isso tudo só para rubar suas coisas, seu lugar. (DL)
Artêmis	“No momento do ritual em si, foi como vislumbrar o evento, ouvir o cântico ecoando por toda a floresta, pude sentir o calor intenso da fogueira, mas, em um solavanco tudo foi destruído e com grande pesar, me despedi.” (AT). “algo fantástico” (...) “ No momento do ritual em si, foi como vislumbrar o evento, ouvir o cântico ecoando por toda a floresta, pude sentir o calor intenso da fogueira, mas, em um solavanco tudo foi destruído e com grande pesar, me despedi.” (...) de leveza, harmonia, calma...todos os sentimentos bons.”(AT). “em minha infância, lia muitos contos junto de minha mãe e um deles fora um indígena sobre uma índia que se apaixona pela lua.” (AT).

	“Sim, a Metamorfose, me identifica com ela pois não me considere um simples humana, as vezes sonho que fosse me transformar.” (AT)
--	--

Quadro 41 — Registros dos leitores sobre Minha Pena Vermelha.

4	Minha Pena Vermelha
Lunna	
Preta Flor	“que o homem branco acabou com sua cultura e sua “vida”. (AT)
Jughead	“Nesse texto o que fala é que mais acontece no mundo que é o preconceito” (DL) “A emoção que eu tive foi como se essa linda beleza fosse acabando por conta do preconceito e outras coisas.” (At) “ não, nunca parei pra tá vendo coisas relacionadas aos índios (...) me lembrei foi de uma série que fala um pouco de preconceito” (AT). “Sim, porque muitas vezes as pessoas zoam você, por você ter alguns defeitos, mas também muitos elogios.” “devemos ter respeito acima de tudo.”
Sophie	“não, desculpe, estou sendo verdadeira” (AT) “eu já tentei me emocionar, mas não sinto nada, desculpe.” (AT)
A.S Andrews	
Bella	“Sim, sempre de tristeza” (AT). “Na escola, filmes e histórias (...) de um filme, só que eu não lembro o nome” “não devemos julgar as pessoas pela aparência.” “A maneira em que a autora descreve a vida indígena, que fala com todo carinho sobre o seu corpo, como ela ama o seu modo de viver” (AT)
Artêmis	“ Claro, afinal, quem compõe, desenha ou cria sem emoção?” (AT). “ Sim, ela se importa com o seu próprio bem estar e não liga para o que os outros tem a dizer.” “devemos nos amar do jeito que somos, não devemos mudar nada, pois somos perfeitos como o lírio branco.” (AT)

Quadro 42 — Registros dos leitores sobre árvore da Vida.

5	Árvore da vida
Lunna	
Preta Flor	“lembro da minha infância quando eu subia nos pés e tals (...)do livro A árvore que dava dinheiro”. (AT) “Não sei, porque eu não consegui entender nada” (AT)
Jughead	“O que eu entendi nesse texto é que cada coisa da natureza tem um significado e é como se a “agua” e a “floresta” fossem os deuses pra eles e que cada dia que se passa eles perdem sua tribo os homens brancos queimam sua floresta e por falta de conhecimento a cada dia que passa a água vai secando, acho que devemos ter respeito por aquilo que não é nossa.”(DL) “senti, como se a árvore é um meio de vida para eles, então eles protegem as árvores.” (AT). “Sim, quando eu era pequeno eu e meu irmão ficava em cima do pé de

	manga e a gente comia e depois se deitava nele e ficava aquele vento maravilhoso.” (AT). “Sim, árvore, sem ela deixamos de ter frutos que são ricos em vitaminas, ficamos sem ar para respirar entre outras coisas.” (AT)
Sophie	“a 2ª estrofe, ela acredita muito que saiu de uma gota da árvore, e saiu a nação de um povo, para eles, a samaumeira é sagrada” (AT). “Me senti confusa, pois eles, os indígenas é cultuada, os índios têm muita cultura, eles são diferentes mesmo.” (AT). “Sim, eu pegava muitas folhas pra cortar pra brincar de comidinha” (AT). “Não, porque ela fala da sua concepção sobre a criação da vida.” (AT).
A.S Andrews	“me senti bem (...) liberdade” (AT)” “Me lembra de uma tragédia em que um raio atingiu uma grande árvore que tinha ao lado da minha casa em um sítio.” (AT). “minha opinião sobre a natureza é a mesma, as árvores têm que viver.” (AT)
Bella	“Alegre, gostei do poema” (AT) “Fez sim, quando eu brincava com meus irmãos e primos na árvore.” (AT). “Devemos cuidar mais das árvores, que elas que fazem nós termos esse ar que respiramos.” (AT)
Artêmis	“Gostei do texto todo, gosto de árvores e é bom escutar sobre elas” (...) o jeito que a mesma fala das árvores é lindo” (AT). “Me fez lembrar de Mãe Gaia, a titã terra.” (AT). “um pouco, o jeito que a mesma fala das árvores é lindo”

Quadro 43 — Registros dos leitores sobre Natureza em Chama.

6	Natureza em chama
Lunna	“Tristeza” (...) “Me atraiu porque eu imaginei a cena e me coloquei no lugar as pessoas que moram lá. O quão triste deve ser para a natureza e para as pessoas” (AT) “a primeira vez em que eu vi pessoas desmatando o mato de Cova de Onça” (AT) “Não. Porque eu ouvi a autora e ouvi o professor. Imaginei o professor falando porque é costume já” (AT) “O poema falou o que eu já sabia. (...) Pra gente cuidar mais da natureza.” (AT)
Preta Flor	(Queimando a mata) “porque é incrível como os seres humanos conseguem destruir as coisas sem nem pensar no próximo” “é incrível como os seres humanos conseguem destruir as coisas sem nem pensar no próximo”(…) “senti a dor deles, das pessoas estarem estragando a vida deles” (AT) “sim de um filme, eu só não lembro o nome” (AT) “Sim, porque eu senti a dor deles das pessoas estarem estragando a vida deles.” (AT) “Cuidar e preservar, pois não só os índios como os animais também precisam (...) eu sempre tive esse pensamento sobre o índio e sobre a natureza (...) Cuide das coisas enquanto existe, aproveite o máximo porque amanhã pode ser tarde demais para aproveitar. (AT)
Jughead	“Esse texto se trata de uma coisa muito importante que parece que muitas

	“pessoas que moram na cidade não tem consciência nenhuma” (DL). “Tive tristeza, porque as coisas que mais nos ajudam, são as que menos damos valor” (AT) “Um pouco, não tenho muito contato com a natureza, mas vou às vezes a Cova de Onça pra respirar o ar da natureza e aos poucos você vai vendo que ele vai deixando de existir.” (AT). “Sim, tudo que vimos é a realidade e que muitos seres humanos são “CEGOS” de não entenderem que eles precisam de ajuda, no caso a natureza.” (AT). “Acho muito importante você ajudar em modo de por o lixo no local certo, plantar e ajudar regando(...) Acho que eu devo dar mais importância, não só eu, mas todos nós!” Devemos cuidar e zelar tudo aquilo que nos proporciona viver ter saúde etc.” (AT)
Sophie	Esse texto foi o que eu tive mais emoção, eu hoje estou inspirada! Bom, é engraçado como os humanos são, eles parecem que não sabem o que estão fazendo, mas sabem sim! Nós sabemos que a natureza é muito importante para as nossas vidas, imagina se ficarmos sem árvore? Por que o desmatamento? Os humanos não conseguem enxergar que é errado? (...) Imagina só uma floresta sem tronco sem pé de nenhuma fruta, imagina o chão sem nenhum mato/folha só apenas barro/areia/terra! Que dor se um dia isso verdadeiramente acontecer! Mas do jeito que tá, não é tão impossível acontecer. Eu fico revoltada com uma situação dessa! Eu agora realmente vou refletir com minha relação a natureza, eu não quero mais causar dor nela, cuidar é necessário! Preciso preservar. Essa leitura foi fácil, porque eu mergulhei de cabeça, eu me interessei e tudo fica mais fácil quando tem interesse, aliás, me atraiu! Como estou dizendo foi no meu profundo. E também depende se eu estiver com preguiça! Kkkkk Mentira! Vou tentar ser assim com todos, pois sei que vou senti algum tipo de sentimento. Mas espero que seja um poema/texto/poesia que me chame atenção. OBS: UM QUE NÃO SEJA MORGADO!(...) eu gostei muito dessa poesia, foi a mais que foi no meu profundo, puxei coisas de mim.”(DL). “Durante a leitura da poesia/texto eu lembrei de quando era pequena, acho que eu era do 4º ano, ou menos, não sei, mas lembro que minha professora mandou falar sobre o desmatamento ou foi sobre a poluição da natureza, AAAH! Ela mandou desenhar sobre isso! Eu desenhei lixo nos rios etc.... Até gostei de lembrar” (DL). Apesar que tenho pânico de um animal que vive nos matos, mas se os matos se forem pra onde vão correr? Pra minha casa que não vai! Tirando a cobra, os animais são tão felizes na natureza, aliás, é o habitar deles! Se acabarem com as árvores, onde os macacos vão ficar? Precisamos preservar a natureza (...) eu gostei muito dessa poesia, foi a mais que foi no meu profundo, puxou coisas de mim, aprendi que devemos dar valor enquanto temos, para não perder. Bem que pensei que teria mais poemas/poesia que iam ser legais e que eu podia sentir coisas, pensar, refletir! Sentir!
A.S Andrews	“Tristeza” “não provocou” (AT) “ Não me identifiquei” (AT)
Bella	De tristeza, porque a humanidade precisa da natureza e mesmo assim não cuida. (AT).

	A natureza não precisa das pessoas. As pessoas precisam da natureza! (...) os humanos parem pra entender que ao destruir a natureza, os animais e o planeta ele esta automaticamente se destruindo. Por um despertar de consciência, aqui e agora a terra é a nossa casa e é o nosso paraíso. (AT)
Artêmis	“Tristeza, nada além de tristeza” (AT). “um dia perto de minha casa soltaram um balão, ele caiu em um planalto. Foi uma cena horrível.” (AT). “ Pouco, gosto muito de animais e de floresta. Em meu tempo livre escrevo pequenas histórias onde sou a aprendiz do Espírito da Floresta.” (AT). “Não tenho o que explicar... só dizer “eu odeio os humanos” (...) Ame a natureza, ela só quer viver como você...” (DL)

Quadro 44 — Registros dos leitores sobre Silêncio Guerreiro.

7	Silêncio Guerreiro
Lunna	
Preta Flor	(É preciso ficar em silêncio, Para pensar na solução) “Porque no silêncio nós pensamos melhor nas nossas decisões para não fazermos besteira” “Aprendi que nós somos todos iguais e que não há diferença e que eles são exemplares” (At) “quando as meninas me contam segredo ou quando eu não quero magoar uma pessoa.” (AT). “ Sim, muitas vezes tive que silenciar por correção e outras eu preferi o silêncio pro meu bem.” (AT). “Aprendi que nós somos todos iguais e que não há diferença e que eles são exemplares (...) Pessoas educadas, carinhosas, religiosas que amam a natureza, que cuidam dos seus povos. Pessoas exemplares.” (AT)
Jughead	“ é como se o silêncio fosse a melhor coisa pra eles fazerem e aprenderem melhor sobre tudo, tipo parar pra pensar, saber o que fazer, mas usar o silêncio para tudo aquilo que acontece e acho que é um modo de respeito a natureza também.” (DL) “tipo, parar pra pensar, saber o que fazer, mas usar o silêncio para tudo aquilo que acontece e acho que é um modo de respeito a natureza também.
Sophie	Porque no silêncio eles aprendem, eles vão saber como agir. Eles tão observando tão aprendendo, é no Silêncio que vem o plano. “ eles são muito inteligentes” (AT) “lembro, eu sempre fico em silêncio, às vezes. Um dia eu apanhei, porque minha mãe falou comigo e eu não respondi, eu tava viajando nos meus pensamentos. Tava no meu profundo.” (AT). “Sim, pois tem momentos na minha vida que eu só fico calada, não gosto de falar nada, só apenas me calo.” (AT).
A.S Andrews	“de como o mundo seria melhor se todos aprendessem a fazer silêncio” (AT). “ sim, na sala de aula” (AT) “ não porque não tive experiências sobre guerras” (AT). “Aprendi o quanto eles são diferentes em certos aspectos. Que eles são pessoas com culturas diferentes e devíamos respeitar isso.” (AT)

Bella	“ lembro das duas coisas, fazer silêncio é normal, agora ser silenciado é diferente, tipo, você não poder falar alguma coisa que está lhe incomodando.” (AT). “é preciso ficar em silêncio para lutar pelos seus objetivos!” (...)
Artêmis	

APÊNDICE B — ATIVIDADES SOBRE OS POEMAS

Encontro com a poesia

Indígena

Na sala de aula

Miguel Antonio d' Amorim Júnior



Escola Municipal Iraci Rodovalho

Professor: Miguel d' Amorim

Estudante: _____

9º Ano

Turma: _____

Data: ____/____/____

Atividade de leitura subjetiva do poema: **Eu Moro na Cidade**, de Marcia Wayna Kabemba

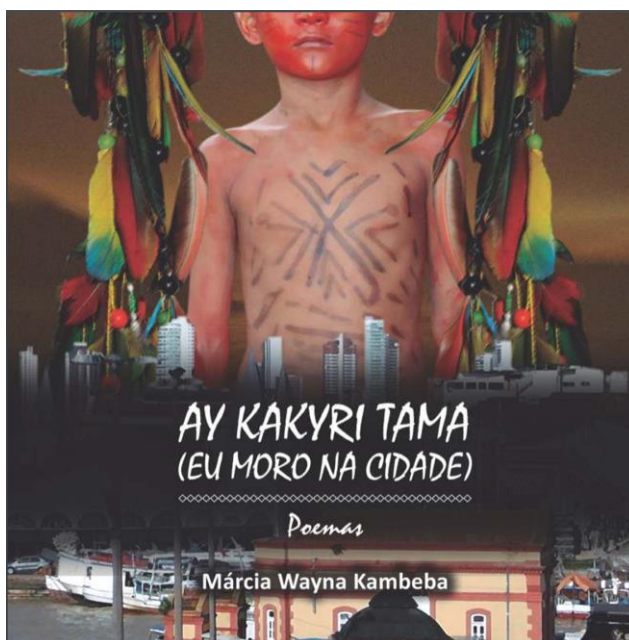
I. Momento: Vamos preparar a ação da leitura?

Meu querido estudante, preparar o ambiente de leitura é muito importante, por isso convido você a preparar a nossa sala para podermos realizar a leitura de uma poesia indígena.

Vamos, então, formar um círculo para que possamos partilhar essa leitura e para ficar mais bonito vamos colocar no centro do círculo os objetos, fotos, pinturas, desenhos, que pedi para vocês trazerem na aula anterior.

Antes de começarmos a leitura, vou apresentar para vocês, através do projetor, o livro em que está escrito o poema, alguns paratextos como: (agradecimentos, dedicatória, apresentação, introdução) do livro e elementos sobre a autora que iremos estudar.

Leitura da capa: Peço a você que observe atentamente cada detalhe da capa do livro:



Escreva com suas palavras um comentário sobre o que você entendeu dessa capa:

O que chamou mais a sua atenção na capa?

O título do livro é Ay Kakyri Tama (**Eu moro na cidade**). O que esse título lhe evoca levando em conta o contexto no qual o título está inserido.

O que ele (o título) está querendo mostrar para nós, leitores, ao dizer isso?

Leia atentamente a quarta capa.



Texto da quarta capa

A Amazônia acolheu em suas matas de beleza exuberante, uma diversidade de povos, ao longo dos tempos. Estimativas apontam que no território brasileiro habitavam aproximadamente cinco milhões de pessoas por ocasião de Pedro Álvares Cabral no ano de 1500. Se hoje, esse contingente populacional está reduzido, é porque muitas coisas ruins aconteceram.

O povo Omagua/Kambeba territorializado na várzea amazônica eram maioria em séculos passados (XVI, XVII, XVIII), Mas por muito tempo ficaram silenciados, assumiram a identidade de caboclos em razão de muitos fatores causadores dessa redução, dentre elas as epidemias, mortes por arma de fogo e escravidão resultado do contato.

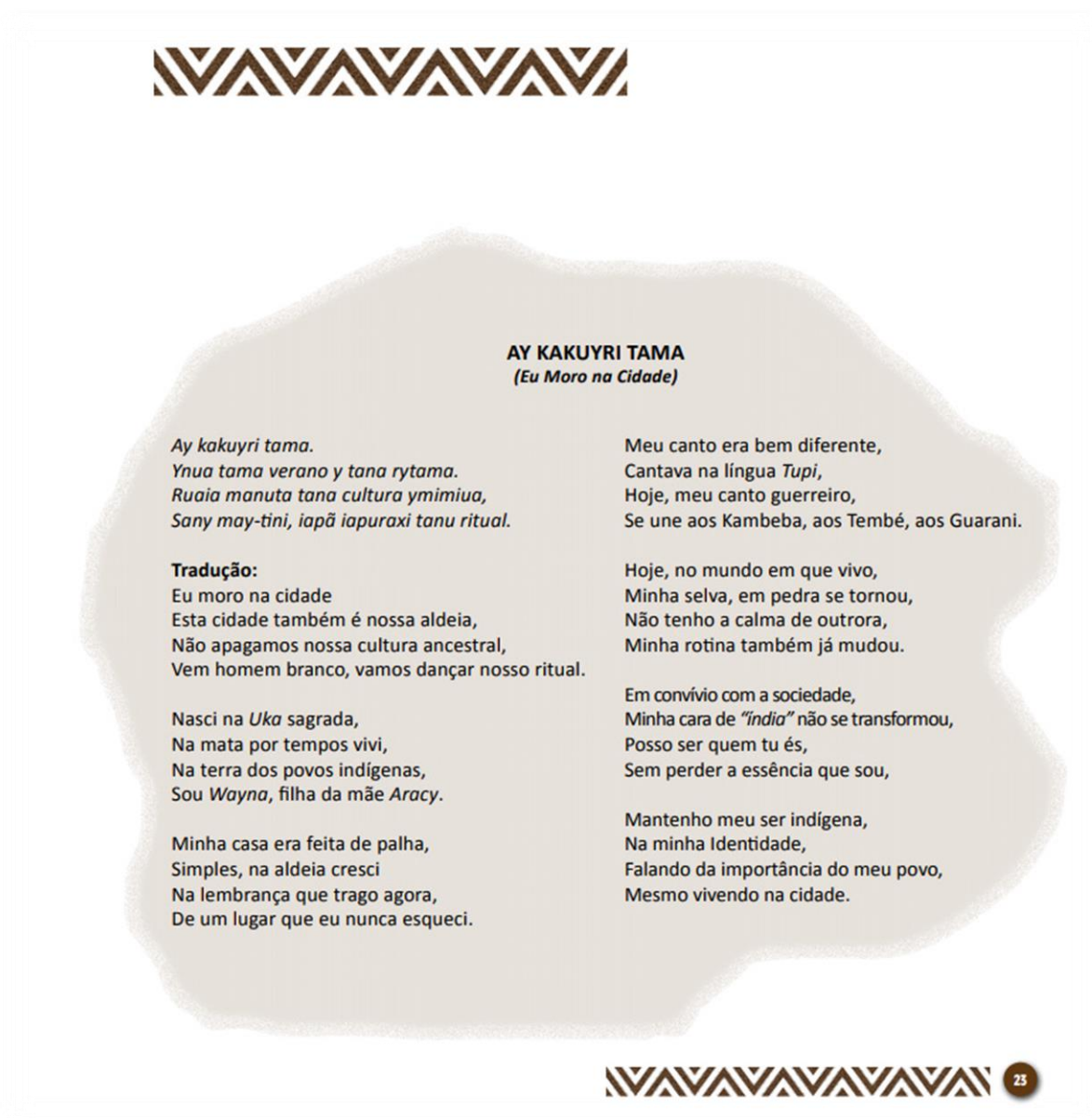
O livro Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade), traz uma sequência de textos que tem por objetivo informar o leitor (a), sobre a história, existência e importância histórica do povo Omagua/Kambeba para a formação de uma parcela do povo brasileiro. Mostra, que nos dias atuais, este povo luta pelo território, onde possa viver e manter sua cultura, seus rituais, caracterizando sua territorialidade, não só os indígenas que vivem na aldeia, como também os que vivem na cidade. A ideia é mostrar que o povo existe e que apesar das dificuldades resistiu à dizimação e hoje volta, assumindo sua identidade de povo Omagua/Kambeba, povo das águas. Cada poema traz uma sequência de fotos relacionadas ao texto, onde mostram a vivência na aldeia Tururucari-Uka e no interior do Amazonas, Alto Solimões. Temos ainda a participação de poetas amazonenses e paraenses com poemas dedicados ao povo. Mas, quem são os Omagua/Kambeba? E onde estão?

Proponho que você escreva um comentário sobre o que mais lhe interessou no texto da quarta capa.

II. **Momento:** A poesia é uma forma de expressão que fala acima de tudo à emoção

Vamos ler a poesia?

Vou ofertar para você uma cópia impressa do poema Ay KakYri Tama (Eu Moro na Cidade) para que você realize uma leitura silenciosa dessa poesia;



Após a leitura, convido você a circular a(s) palavra(s) ou verso(s) que mais chamou ou chamaram a sua atenção, ou a parte que você achou mais bonita do poema. Sobre o texto. O que você percebeu sobre a linguagem, e a forma com que a autora escreveu o texto?

Leitura expressiva do poema (feita pelo professor).

III. Momento: Vamos escrever com o sentimento?

O que você sentiu ao escutar/ler o poema? Exponha com suas palavras o seu sentimento a respeito do poema.

O poema fez você lembrar ou reviver algum momento de sua vida? Ou lhe fez pensar em alguma outra leitura?

Você gostou do poema? Por quê?

Releia o poema e escreva suas novas impressões sobre o mesmo.

Você se identificou com a situação vivida pelo eu lírico?

Qual a mensagem do poema para você?

IV. Momento. Jogando com o poema

Exponha em forma de desenho a sua imaginação a respeito do poema.

V. **Momento:** Vamos escrever a no diário de leitura?

Nesse momento peço que você escreva no seu diário de leitura, o que você aprendeu, sentiu, gostou, não gostou, imaginou, lembrou, estranhou, admirou, enfim, suas impressões e emoções vividas durante esta atividade.

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

- Data da leitura
- Nome do livro e Autor
- Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o livro, descreva com detalhes: como foi teu primeiro encontro com ele? O que sentiu? O que mais chamou a sua atenção?
 Capa? Título? O quê?

- O que mais gostou no livro
- O que aprendeu com a leitura
- Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo.
- Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare.
- A leitura foi difícil ou fácil? Por quê?
- Indicaria o livro para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

DIÁRIO DE LEITURA NÃO É RESUMO, NÃO É SINOPSE! É A SUA CONVERSA COM O LIVRO!

Muito obrigado pela sua participação!

Escola Municipal Iraci Rodovalho

Professor: Miguel d' Amorim

Estudante: _____

9º Ano

Turma: _____

Data: ____/____/____

Atividade de leitura subjetiva do poema: Território Ancestral, de Marcia Wayna Kabemba

Roda de conversa

Meu querido estudante, no primeiro encontro com a poesia indígena, vivenciamos o poema Ay Kakyri Tama (Eu Moro na Cidade) e descobrimos um universo muito envolvente a respeito da identidade dos povos nativos. Nessa segunda atividade, vamos vivenciar um outro poema, e para que isso aconteça, convido você para preparar o terreno, o chão, o lugar para que possamos recebê-lo.

Que tal, demarcarmos um espaço – formar uma roda – para podermos conversar um pouco. No centro dessa roda, vamos colocar umas figuras, que lhe pedi para trazer de casa, que representem a casa onde moro, a cidade onde moro, na cidade Natal, o país e a foto de um parente que já não se encontra entre nós. Vamos colocar no mural da Ancestralidade. As fotos dessas pessoas são muito importantes para sabermos de onde viemos e quais são nossas raízes.

Antes de iniciarmos a leitura do poema, vamos partilhar nossas palavras e conversar um pouco sobre o nosso lugar, nosso chão, nosso território e sobre os nossos parentes que aqui viveram antes de nós!

I. Pra começo de conversa!

Por falar em espaço! Sugiro que você escolha cores para pintar no mapa do Brasil o local ou locais que em sua opinião vive ou vivem os povos indígenas.



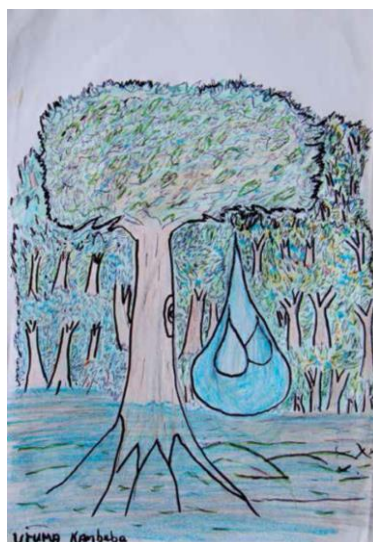
De acordo com o que você aprendeu na escola, no século XXI os índios vivem onde e como?

II. Continuando a conversa!

A maioria dos povos acredita que foi criado por um ser superior. O povo Omágua/Kambeba também tem uma crença sobre seu começo, vamos conhecer essa história?

Os mais velhos da aldeia Tururucari-Uka contam que o povo Omágua/Kambeba originou-se de uma gota d'água, trazida pela chuva e dentro dela vinham duas gotas menores, que ao tocarem nas folhas de sumaumeira caíram na água do igarapé, dividiram-se em duas partículas e nasceu o homem e a mulher. Por isso, se diz que o Omágua/Kambeba nasceu de uma gota d'água.

Leia com muita atenção essa imagem:



Após observar atentamente a imagem, comente por escrito. O que você compreendeu dela? O que lhe chamou a atenção? O que ela tem a ver com território e ancestralidade?

III. Encontro com a poesia indígena

Muito bem! Convido você a fazer a leitura silenciosa do poema Território Ancestral.



TERRITÓRIO ANCESTRAL

*Maá munhã ira apigá upé rikué
Waá perewa, waá yuká
Waá munhã maá putari.*

Tradução:
O que fazer com o *homem* na vida,
Que fere, que mata,
Que faz o que quer.

Do encontro entre o “índio” e o “branco”,
Uma coisa não se pode esquecer,
Das lutas e grandes batalhas,
Para terra o direito defender.

A arma de fogo superou minha flecha,
Minha nudez se tornou escandalização,
Minha língua foi mantida no anonimato,
Mudaram minha vida, destruíram o meu chão.

Antes todos viviam unidos,
Hoje, se vive separado.
Antes se fazia o Ajuri,
Hoje, é cada um para o seu lado.

Antes a terra era nossa casa,
Hoje, se vive oprimido.
Antes era só chegar e morar,
Hoje, nosso território está dividido.

Antes para celebrar uma graça,
Fazia um grande ritual.
Hoje, expulso da minha aldeia,
Não consigo entender tanto mal.

Como estratégia de sobrevivência,
Em silêncio decidimos ficar.
Hoje nos vem a força,
De nosso direito reclamar.
Assegurando aos *tanu tyura*,
A herança do conhecimento milenar.

Mesmo vivendo na cidade,
Nos unimos por um único ideal,
Na busca pelo direito,
De ter o nosso território ancestral.

O que fazer com *homem* na vida
Que fere, que mata,
Que faz o que quer.



Vamos ouvir o poema, declamado pela própria autora?!

Você percebeu que na página do poema há um grafismo na parte superior e na inferior da página? Observe novamente!



Para você o que esse grafismo representa?

O poema também está escrito sobre uma mancha. Para você o que ela significa?

IV. A emoção por escrito!

Se este poema não tivesse um título, você o intitularia com que nome?

Sobre o texto: O que mais lhe surpreendeu nesse poema? Qual verso, ou estrofe mais lhe chamou a atenção? Você pode escrever porque tal passagem do texto lhe atraiu?

O poema lhe fez recordar algum momento de sua vida, seja em casa, na escola, filmes, livros outros poemas, contos, outras histórias?

Você se identificou com os personagens do poema? Qual deles e por quê?

Que emoções você sentiu ao ler, ouvir o poema?

Quais informações novas que o texto traz?

No poema a palavra “índio” está entre aspas. O que isso lhe evoca?

V. Jogando com o poema

Que tal dramatizarmos o poema? Vamos realizar um jogo dramático?



Jogo Dramático

Tema: Quem (eu lírico); O que (a ação propri

Onde (o local onde se passa a ação):

Vocês se organizarão em pequenos grupos para não se perderem os objetivos, o foco e a intenção.

Cada grupo deve montar uma cena curta, de no máximo 3 minutos, sem falar e sem utilizar quaisquer ruídos ou objetos reais – recorrendo apenas à mímica.

Organizar o espaço;

Criar as falas das personagens;

Apresentar a cena imaginada pelos grupos.

Observação: O jogo dramático não é teatro. O jogo dramático é aquele fazer-de-conta que não possui intencionalidade de exibição para observadores ou “plateia”.

VI. Escrivivências!

a) Nesse momento peço que você escreva no seu diário de leitura...

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

- Data da leitura
- Nome do livro e Autor
- Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o poema indígena, descreva com detalhes: como foi seu encontro com ele? O que sentiu? O que mais te chamou atenção? O que mais gostou no livro? O que aprendeu com a leitura? Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo. Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare. A leitura foi difícil ou fácil? Por quê? Indicaria o poema para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

Muito obrigado pela sua participação!

Escola Municipal Iraci Rodovalho**Professor:** Miguel d' Amorim**Estudante:** _____**9º Ano****Turma:** _____**Data:** ____/____/____Atividade de leitura subjetiva do poema: **Ritual Indígena**, de Márcia Wayna Kambeba**I. Prepara-ação**

**Caro estudante, nessa atividade, vamos estudar um poema chamado Ritual Indígena.
Antes de conhecê-lo, vamos conversar um pouco sobre o ritual.**

Para você o que significa a palavra ritual?

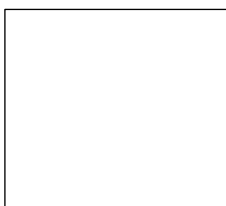
Em sua opinião, um ritual serve para quê? Explique com suas palavras

Você conhece algum ritual? Participa ou participou de algum? Qual?

Como você imagina ser um Ritual Indígena?

O que você espera ler em um poema com esse título: “Ritual Indígena”?

Para você, que lugar representa um ritual? Faça um desenho dele?



Neste momento, vamos apresentar e explicar uns para os outros o desenho que representa o lugar de um ritual!

II. Encontro com a poesia indígena na sala de aula

Vamos organizar a sala para a leitura do poema?

Leitura silenciosa do poema. Silêncio! A poesia está falando com você. Concentração!



RITUAL INDÍGENA

Iapã iapuraxi o ritual!
Vamos dançar o ritual!

Em noite de yaci-tua,
O pajé convoca a nação,
Tambores ecoam na aldeia,
Começa a celebração.

Dentro da Uka sagrada,
O pajé inala o *tawari*,
E no transe evoca os seres da mata,
Vem o *mapyritua*, a curupira e o mapinguari.

A metamofose anuncia,
A presença do sobrenatural,
Na sua forma se vê a magia,
Hora *awa*, hora animal.

O que era um culto sagrado,
Guardado como ouro ancestral,
O branco achou que era pecado,
Lvadiu meu ser espiritual.

Deixei de ser filha de *euaracy* (sol),
A cruz se tornou meu sinal,
Proibiram minha dança dizendo:
Não existe mais o teu RITUAL.



Leitura expressiva feita pelo professor.

III. O poema em cena

Vamos encenar este poema?

RUBRICA: A tribo está em um ritual indígena, quando o branco aparece e proíbe a celebração.

Personagens:

Pajé: o estudante mais velho da classe.

Mapyritua, Curupira, Mapinguari: os três estudantes mais jovens.

Metamorfose: um estudante.

Branco: um estudante.

Filha de Euaracy: Uma estudante.

A tribo: os demais estudantes.

Lugar:

Uka Sagrada: o círculo formado na sala de a

Objetos para a encenação:

Tambores;

Cachimbo;

Ouro;

Cruz.



Confecção e preparação dos objetos de cena.

Ensaio da encenação.

Apresentação do poema encenado.

Espaço para organização do elenco

IV. A emoção por escrito

Sobre o texto: O que mais lhe surpreendeu nesse poema? Qual verso, ou estrofe mais lhe chamou a atenção? Você pode escrever porque tal passagem do texto lhe atraiu?

O poema lhe fez recordar algum momento de sua vida, seja em casa, na escola, filmes, livros outros poemas, contos, outras histórias?

Você se identificou com o eu lírico do poema? Por quê?

Que emoções você sentiu ao ler, ouvir o poema?

Quais informações novas que o texto traz?

Após a encenação do poema, qual o seu novo entendimento de ritual?

V. Escrivivência

Nesse momento peço que você escreva no seu **diário de leitura...**

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

Data da leitura

Nome da poetisa

Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o poema indígena, descreva com detalhes: como foi seu encontro com ele? O que sentiu? O que mais te chamou atenção? O que mais gostou no livro? O que aprendeu com a leitura? Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo. Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare. A leitura foi difícil ou fácil? Por quê? Indicaria o poema para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

**DIÁRIO DE LEITURA NÃO É RESUMO, NÃO É SINOPSE! É A
SUA CONVERSA COM O LIVRO!
SEJA CRIATIVO!**

Muito obrigado pela sua participação!

Escola Municipal Iraci Rodovalho**Professor:** Miguel d' Amorim**Estudante:** _____**9º Ano****Turma:** _____**Data:** ____/____/____

Atividade de leitura subjetiva do poema: **Minha Pena Vermelha**, de Márcia Wayna Kambeba

I. Espelho, espelho meu...

Meu querido estudante, continuando a convivência desse encontro com a poesia indígena brasileira na sala de aula, convido você para receber mais um poema da poetisa Márcia Wayna Kambeba, que escolhi para lhe apresentar. Antes, porém, peço a você que me responda por escrito as 7 perguntas que tem muito a ver com sua personalidade.

Qual é a sua cor preferida?

Você sabe o que simboliza a sua cor preferida? Se sim, o quê?

O que você acha mais bonito em você?

Você se veste, se enfeita, para você mesmo (a) ou para agradar o outro (a)?

Você mudaria alguma coisa em você? Por quê?

Você já julgou alguém pela aparência? Se sim que tipo de julgamento e por quê?

Você já foi se sentiu julgada pela sua aparência?

II. Encontro com a poesia indígena na sala de aula

Neste segundo momento, vamos receber para convivência um poema chamado Minha Pena Vermelha, escrito pela poetisa Marcia Wayna Kambeba.

Convido você para ler silenciosamente o poema.



MINHA PENA VERMELHA

Nas cores das minhas plumas,
Minha identidade encena,
A sutileza do meu caminhar,
Da minha pele morena,
Pintada de jenipapo,
Contrastando com a minha pena.

No brilho dos meus olhos negros,
De formato amendoado,
Sai um olhar penetrante,
Feito bicho acuado,
Quando se sente ferido,
Quando se sente afetado,

Pelo preconceito que impede
Nosso povo de crescer,
No olhar de estranheza não posso permitir,
Que *may-tini* venha, minha alma ferir.

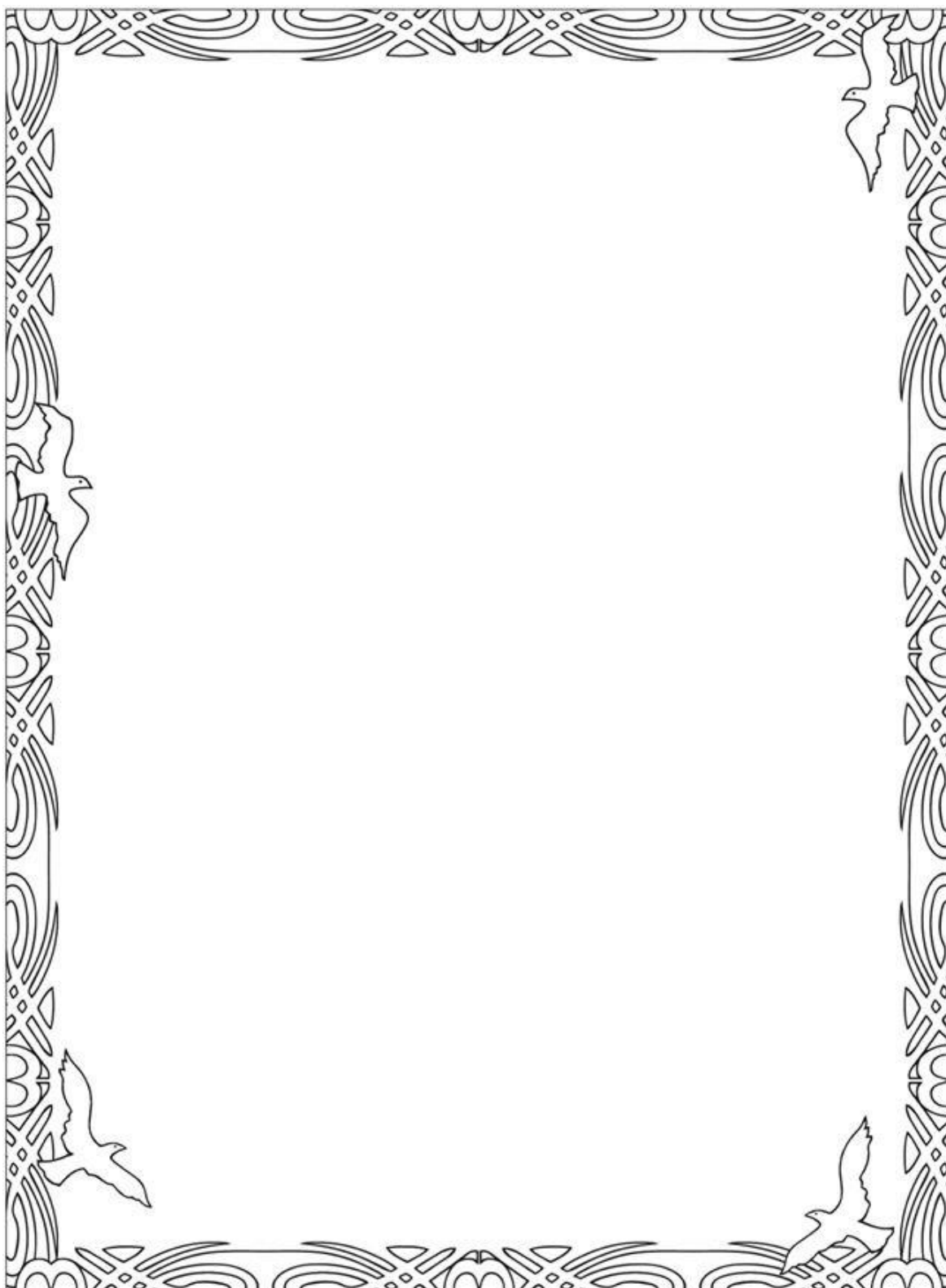


Convido você para ouvir o poema gravado e declamado pela própria autora

O título do poema é Minha Pena Vermelha, a cor vermelha para você é símbolo de:

III. Que beleza! Vamos dar rosto ao eu lírico?

Como você imaginou o rosto do eu-lírico? Que tal desenhar nesta moldura?



IV. A emoção por escrito

Sobre o texto: O que mais lhe surpreendeu nesse poema? Qual verso, ou estrofe mais lhe chamou a atenção? Você pode escrever porque tal passagem do texto lhe atraiu?

O poema lhe fez lembrar algum momento de sua vida, seja em casa, na escola?

Você se identificou com o eu-lírico do poema? Por quê?

Você sentiu alguma emoção ao ler, ouvir, desenhar o eu-lírico do poema?

Você encontrou no poema alguma informação que não sabia antes de conhecê-lo?

Ao conhecer esse poema, você lembrou-se de alguma música, série, livro, conto, personagem de filme, livros outros poemas, contos, outras histórias? Qual ou quais?

Qual a mensagem do poema para você?

V. **Momento: Vamos escrever a no diário de leitura?**

Nesse momento peço que você escreva no seu diário de leitura, o que você aprendeu, sentiu, gostou, não gostou, imaginou, lembrou, estranhou, admirou, enfim, suas impressões e emoções vividas durante esta atividade.

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

- Data da leitura
- Nome do livro e Autor
- Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o livro, descreva com detalhes: como foi teu primeiro encontro com ele? O que sentiu? O que mais chamou a sua atenção? Capa? Título? O quê?

- O que mais gostou no livro
- O que aprendeu com a leitura
- Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo.
- Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare.
- A leitura foi difícil ou fácil? Por quê?
- Indicaria o livro para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

DIÁRIO DE LEITURA NÃO É RESUMO, NÃO É SINOPSE! É A SUA CONVERSA COM O LIVRO!

Muito obrigado pela sua participação!

Escola Municipal Iraci Rodovalho**Professor: Miguel d' Amorim****Estudante:** _____**9º Ano****Turma:** _____**Data:** ____/____/____Atividade de leitura subjetiva do poema: **Árvore da Vida**, de Márcia Wayna Kambeba**I. À sombra da árvore**

Meu querido estudante, convido você para refletir sobre a árvore! Para isso, nada melhor que fazermos um passeio em torno da escola para observarmos a presença das árvores nas ruas, nas casas, e aproveitar para vivenciarmos esse quinto poema à sombra de uma delas! Vamos aproveitar o passeio para fotografar as árvores que encontrarmos para uma exposição na sala de aula!

Na sua casa há alguma árvore? Se sim, qual?

A sua rua é arborizada?

Que tipo de árvore você conhece? Qual o nome dela?

Você acha que a árvore tem sentimento? Explique?

Para você, qual a relação entre a árvore e o ser humano?

Se você pudesse se transformar em árvore, que árvore queria ser?

Você conhece alguma história sobre árvore? Qual?

II. Exposição de fotos com Legendas

Nesta aula vamos expor em slides as fotos que registramos durante a primeira aula e conversar sobre a experiência! Ah! Cada foto deve ter uma legenda! Use a criatividade!

III. Encontro com a poesia indígena na sala de aula

1. Neste momento, convido você para ler silenciosamente o poema.



ÁRVORE DA VIDA

Sany uny yuçuca tana may-sangara Kambeba!

Tradução:

Vem água, banha nossa alma Kambeba!

No despertar da aurora,
No mito de criação,
Na gota que traz a vida,
De um povo, de uma nação.

Batendo na samaumeira
Caindo feito algodão,
Pro colo do grande rio
Que num sopro de criação,
Dá vida ao "índio" guerreiro,
E a mulher, sua paixão.

Assim para o povo Omágua
A samaumeira tem a função,
De mãe das grandes árvores,
De cura e proteção,
E pelo indígena é cultuada,
Essa gigante, mãe amada,
Na dança nativa, dos povos irmãos.



Convido você para ouvir o poema gravado e declamado pela própria autora

Que outro título você daria para o poema?

Em sua opinião, por que a palavra índio está entre aspas?

IV. A emoção por escrito

Sobre o texto: O que mais lhe surpreendeu nesse poema? Qual verso, ou estrofe mais lhe chamou a atenção? Você pode escrever porque tal passagem do texto lhe atraiu?

O poema lhe fez lembrar algum momento de sua vida, seja em casa, na escola, filmes, livros outros poemas, contos, outras histórias?

Você se identificou com o eu-lírico do poema? Por quê?

Como você se sentiu ao ler, ouvir, vivenciar o poema?

Você encontrou no poema alguma informação que não sabia antes de conhecê-lo?

Ao conhecer esse poema, você lembrou-se de alguma música, série, livro, conto, personagem de filme? Qual ou quais?

Qual a mensagem do poema que o poema passa para você?

V. Vamos escrever a no diário de leitura?

Nesse momento peço que você escreva no seu diário de leitura, o que você aprendeu, sentiu, gostou, não gostou, imaginou, lembrou, estranhou, admirou, enfim, suas impressões e emoções vividas durante esta atividade.

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

- Data da leitura
- Nome do livro e Autor
- Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o poema, descreva com detalhes: como foi seu primeiro encontro com ele? O que sentiu? O que mais chamou a sua atenção? Capa? Título? O quê?

- O que mais gostou no poema
- O que aprendeu com a leitura
- Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo.
- Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare.
- A leitura foi difícil ou fácil? Por quê?
- Indicaria o poema para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

**DIÁRIO DE LEITURA NÃO É RESUMO, NÃO É SINOPSE! É A
SUA CONVERSA COM O LIVRO!
SEJA CRIATIVO!**

Muito obrigado pela sua participação!

Escola Municipal Iraci Rodovalho

Professor: Miguel d' Amorim

Estudante: _____

9º Ano

Turma: _____

Data: ____/____/____

Atividade de leitura subjetiva do poema: **Natureza em Chama**, de Márcia Wayna Kambeba

I. Natureza em Foco

Meu querido estudante, nesta atividade, convido você para refletir sobre as queimadas na Natureza! Vamos ler este texto publicado no site **www.terra.com.br**, em 3 de maio de 2018. Em seguida veremos em slides umas fotos registradas por Márcia Wayna Kambeba para fazermos uma roda de conversa sobre conteúdo.

Leia o texto:

Amazônia é a maior afetada por queimadas em 2018

Região registra mais da metade dos focos de fogo no país este ano

Mais de 8 mil focos de incêndios e queimadas foram registrados pelo Brasil desde o início do ano de 2018. Deste total pouco mais da metade, cerca de 51%, ocorreu na região da Floresta Amazônica, segundo informações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

O triste ranking ainda coloca como segundo lugar o Cerrado, com 25,5%, e a Mata Atlântica com a terceira pior condição registrando 15,1%, como pode ser visto no gráfico seguinte.

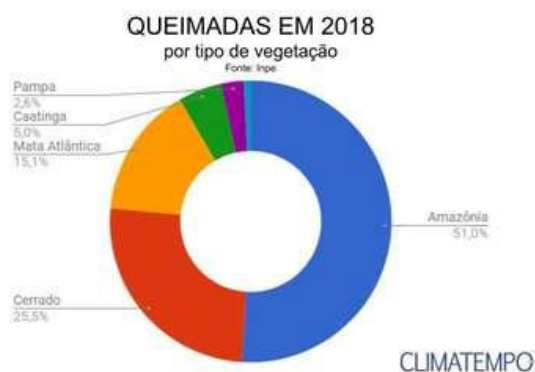


Foto: Climatedpo

No gráfico também aparece a região dos Pampas, no Sul do país, região que ainda sofre com os efeitos da estiagem, apesar da chuva registrada nos últimos três dias. A defesa civil local informou um total de 38 municípios em que a seca culminou na condição de emergência.

O dado de 8.750 focos de queimadas é 14% maior do que o número registrado no mesmo período do ano passado. Roraima é uma das áreas que alcançou este número. Desde o início de 2018 o estado do extremo norte brasileiro registrou 1.932 focos, quase 4 vezes mais que o mesmo período em 2017.

A tendência gradativa ao longo dos próximos meses é de que este valor suba ainda mais. Com a entrada do período mais seco do ano, a vegetação torna-se cada vez mais propícia para a geração e propagação do fogo.

Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/climatedpo/amazonia-e-a-maior-afetada-por-queimadas-em-2018,c3f9dd411c67dbf5844e901b550f27e84envjmen.html>. Acesso em 08/09/2018.

II. Círculo da Palavra : a natureza chama...

III. Encontro com a poesia indígena na sala de aula

1. Neste momento, convido você para ler silenciosamente o poema.



NATUREZA EM CHAMA

Na terra sagrada
Que TUPÃ criou,
Do seio materno
Se ouve o clamor,
Da mãe natureza
Sofrendo de dor.

O fogo ardente,
Ao longe se vê,
Queimando a mata
Sem Q, nem porquê,
As folhas se torcem
Querendo viver.

No solo desnudo,
Os restos mortais,
Do verde da vida
E dos animais,
Queimados, sofridos
Em cinzas reais.

Dos gritos agudos
Se ouve o clamor,
Do fruto ardendo
Na chama, no calor,
Ceifado, perdido,
O fogo o calou.

Dos olhos tristes,
Uma lágrima cai,
O lamento de dor
Com o vento se vai,
Varrendo o chão,
Varrendo o chão!



Leitura expressa pelo professor!

Se você fosse a Natureza, qual recado você escreveria para a humanidade, hoje?

IV. A emoção por escrito

Destaque no texto a passagem que mais lhe atraiu e explique o porquê?

O poema provocou em você a lembrança de outro texto, poema, música, livro imagem, momento de sua vida?

Para você quem é o eu-lírico do poema? Como você o descreveria?

Você se identificou com o eu-lírico do poema, por quê?

Ao ler esse poema, que sentimento você teve?

A partir da leitura do poema, você refletiu sobre sua relação com a natureza?

Aconteceu alguma mudança de pensamento em você após a leitura do poema? Se sim, escreva o porquê. Se não, também explique.

Qual a mensagem do poema que o poema passa para você?

V. Vamos escrever a no diário de leitura?

Nesse momento peço que você escreva no seu diário de leitura, o que você aprendeu, sentiu, gostou, não gostou, imaginou, lembrou, estranhou, admirou, enfim, suas impressões e emoções vividas durante esta atividade.

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

- Data da leitura
- Nome do livro e Autor
- Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o poema, descreva com detalhes: como foi seu primeiro encontro com ele? O que sentiu? O que mais chamou a sua atenção? Capa? Título? O quê?

- O que mais gostou no poema
- O que aprendeu com a leitura
- Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo.
- Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare.
- A leitura foi difícil ou fácil? Por quê?
- Indicaria o poema para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

**DIÁRIO DE LEITURA NÃO É RESUMO, NÃO É SINOPSE! É A
SUA CONVERSA COM O LIVRO!
SEJA CRIATIVO!**

Muito obrigado pela sua participação!

Escola Municipal Iraci Rodovalho**Professor: Miguel d' Amorim****Estudante:** _____**9º Ano****Turma:** _____**Data:** ____/____/____Atividade de leitura subjetiva do poema: **O Silêncio Guerreiro**, de Márcia Wayna Kambeba**I. Silêncio**

Meu querido estudante, esta atividade, convida você para refletir sobre o Silêncio! Mas antes de ler o poema:

O que é o Silêncio?

O que é Silenciar?

Faça um desenho do que para você representa o silêncio.

II. Encontro com a poesia indígena na sala de aula

Neste momento, convido você para ler silenciosamente o poema.



SILÊNCIO GUERREIRO

No território indígena,
O silêncio é sabedoria milenar,
Aprendemos com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.

No silêncio da minha flecha,
Resisti, não fui vencido,
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.

Silenciar é preciso,
Para ouvir com o coração,
A voz da natureza,
O choro do nosso chão,

O canto da mãe d'água
Que na dança com o vento,
Pede que a respeite,
Pois é fonte de sustento.

É preciso silenciar,
Para pensar na solução,
De frear o homem branco,
Defendendo nosso lar,
Fonte de vida e beleza,
Para nós, para a nação!



27

Para você o que é um guerreiro?

No Brasil, para você, quem é um guerreiro?

O que você entende por Silêncio Guerreiro?

III. A emoção por escrito

Destaque no texto a passagem que mais lhe atraiu e explique o porquê?

Você lembrou-se de algum momento de sua vida em foi silenciado ou pediram para fazer silêncio?

Para você quem é o eu-lírico do poema? Como você o imaginou? Descreva com suas palavras.

Você se identificou com o eu-lírico do poema, por quê? Se sim, explique. Se não, também explique o porquê?

O que você aprendeu ao vivenciar este poema?

.....Enfim.....

Este foi o último poema vivenciado nesta atividade do Encontro com a poesia indígena na sala de aula.

Escreva com suas palavras:

O que você aprendeu sobre os povos indígenas durante a vivência dos poemas?

Como você conhece sobre a pessoa do “índio” hoje?

IV. Vamos escrever a no diário de leitura?

Nesse momento peço que você escreva no seu diário de leitura, o que você aprendeu, sentiu, gostou, não gostou, imaginou, lembrou, estranhou, admirou, enfim, suas impressões e emoções vividas durante esta atividade.

Instruções para a escrita no diário de leitura

Anote em formato de texto (diário)

- Data da leitura
- Nome do livro e Autor
- Nome do poema

Nessa parte do seu encontro com o poema, descreva com detalhes: como foi seu primeiro encontro com ele? O que sentiu? O que mais chamou a sua atenção? Capa? Título? O quê?

- O que mais gostou no poema
- O que aprendeu com a leitura
- Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo.
- Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare.
- A leitura foi difícil ou fácil? Por quê?
- Indicaria o poema para alguém? Por quê?

Não se esqueça de justificar suas opiniões! Fique bem a vontade para expressar sua opinião crítica, seus sentimentos despertados durante a leitura, comparações com outros livros, filmes ou até situações vividas!

**DIÁRIO DE LEITURA NÃO É RESUMO, NÃO É SINOPSE! É A
SUA CONVERSA COM O LIVRO!
SEJA CRIATIVO!**

Muito obrigado pela sua participação!

ANEXO A – POEMAS DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Figura 1 – Poema Ay Kakyri Tama (Eu moro na Cidade)



AY KAKUYRI TAMA (Eu Moro na Cidade)

*Ay kakuyri tama.
Ynua tama verano y tana rytama.
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.*

Tradução:

Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia,
Não apagamos nossa cultura ancestral,
Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.

Nasci na *Uka* sagrada,
Na mata por tempos vivi,
Na terra dos povos indígenas,
Sou *Wayna*, filha da mãe *Aracy*.

Minha casa era feita de palha,
Simples, na aldeia cresci
Na lembrança que trago agora,
De um lugar que eu nunca esqueci.

Meu canto era bem diferente,
Cantava na língua *Tupi*,
Hoje, meu canto guerreiro,
Se une aos Kambeba, aos Tembê, aos Guarani.

Hoje, no mundo em que vivo,
Minha selva, em pedra se tornou,
Não tenho a calma de outrora,
Minha rotina também já mudou.

Em convívio com a sociedade,
Minha cara de "*índia*" não se transformou,
Posso ser quem tu és,
Sem perder a essência que sou,

Mantenho meu ser indígena,
Na minha Identidade,
Falando da importância do meu povo,
Mesmo vivendo na cidade.



Figura 2 – Poema Território Ancestral



TERRITÓRIO ANCESTRAL

*Maá munhã ira apigá upé rikué
Waá perewa, waá yuká
Waá munhã maá putari.*

Tradução:

O que fazer com o *homem* na vida,
Que fere, que mata,
Que faz o que quer.

Do encontro entre o “índio” e o “branco”,
Uma coisa não se pode esquecer,
Das lutas e grandes batalhas,
Para terra o direito defender.

A arma de fogo superou minha flecha,
Minha nudez se tornou escandalização,
Minha língua foi mantida no anonimato,
Mudaram minha vida, destruíram o meu chão.

Antes todos viviam unidos,
Hoje, se vive separado.
Antes se fazia o Ajuri,
Hoje, é cada um para o seu lado.

Antes a terra era nossa casa,
Hoje, se vive oprimido.
Antes era só chegar e morar,
Hoje, nosso território está dividido.

Antes para celebrar uma graça,
Fazia um grande ritual.
Hoje, expulso da minha aldeia,
Não consigo entender tanto mal.

Como estratégia de sobrevivência,
Em silêncio decidimos ficar.
Hoje nos vem a força,
De nosso direito reclamar.
Assegurando aos *tanu tyura*,
A herança do conhecimento milenar.

Mesmo vivendo na cidade,
Nos unimos por um único ideal,
Na busca pelo direito,
De ter o nosso território ancestral.

O que fazer com *homem* na vida
Que fere, que mata,
Que faz o que quer.



Figura 3 – Poema Ritual Indígena.



RITUAL INDÍGENA

Iapã iapuraxi o ritual!
Vamos dançar o ritual!

Em noite de yaci-tua,
O pajé convoca a nação,
Tambores ecoam na aldeia,
Começa a celebração.

Dentro da Uka sagrada,
O pajé inala o *tawari*,
E no transe evoca os seres da mata,
Vem o *mapyritua*, a curupira e o mapinguari.

A metamorfose anuncia,
A presença do sobrenatural,
Na sua forma se vê a magia,
Hora *awa*, hora animal.

O que era um culto sagrado,
Guardado como ouro ancestral,
O branco achou que era pecado,
Lvadiu meu ser espiritual.

Deixei de ser filha de *euaracy* (sol),
A cruz se tornou meu sinal,
Proibiram minha dança dizendo:
Não existe mais o teu RITUAL.



Figura 4 – Poema Minha Pena Vermelha.

**MINHA PENA VERMELHA**

Nas cores das minhas plumas,
Minha identidade encena,
A sutileza do meu caminhar,
Da minha pele morena,
Pintada de jenipapo,
Contrastando com a minha pena.

No brilho dos meus olhos negros,
De formato amendoado,
Sai um olhar penetrante,
Feito bicho acuado,
Quando se sente ferido,
Quando se sente afetado,

Pelo preconceito que impede
Nosso povo de crescer,
No olhar de estranheza não posso permitir,
Que *may-tini* venha, minha alma ferir.



Figura 5 – Poema Árvore da Vida.

**ÁRVORE DA VIDA**

Sany uny yuçuca tana may-sangara Kambeba!

Tradução:

Vem água, banha nossa alma Kambeba!

No despertar da aurora,
No mito de criação,
Na gota que traz a vida,
De um povo, de uma nação.

Batendo na samaumeira
Caindo feito algodão,
Pro colo do grande rio
Que num sopro de criação,
Dá vida ao “índio” guerreiro,
E a mulher, sua paixão.

Assim para o povo Omágua
A samaumeira tem a função,
De mãe das grandes árvores,
De cura e proteção,
E pelo indígena é cultuada,
Essa gigante, mãe amada,
Na dança nativa, dos povos irmãos.



Figura 6 – Poema Natureza em Chama.

**NATUREZA EM CHAMA**

Na terra sagrada
Que TUPÃ criou,
Do seio materno
Se ouve o clamor,
Da mãe natureza
Sofrendo de dor.

O fogo ardente,
Ao longe se vê,
Queimando a mata
Sem Q, nem porquê,
As folhas se torcem
Querendo viver.

No solo desnudo,
Os restos mortais,
Do verde da vida
E dos animais,
Queimados, sofridos
Em cinzas reais.

Dos gritos agudos
Se ouve o clamor,
Do fruto ardendo
Na chama, no calor,
Ceifado, perdido,
O fogo o calou.

Dos olhos tristes,
Uma lágrima cai,
O lamento de dor
Com o vento se vai,
Varrendo o chão,
Varrendo o chão!



Figura 7 – Poema Silêncio Guerreiro.

**SILÊNCIO GUERREIRO**

No território indígena,
O silêncio é sabedoria milenar,
Aprendemos com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.

No silêncio da minha flecha,
Resisti, não fui vencido,
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.

Silenciar é preciso,
Para ouvir com o coração,
A voz da natureza,
O choro do nosso chão,

O canto da mãe d'água
Que na dança com o vento,
Pede que a respeite,
Pois é fonte de sustento.

É preciso silenciar,
Para pensar na solução,
De frear o homem branco,
Defendendo nosso lar,
Fonte de vida e beleza,
Para nós, para a nação!

